REVISTA

DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO LXV | FEVEREIRO DE 1983 | N.o 19

MANAUS AMAZONAS

QUADRO DE SÓCIO EFETIVOS

Cadeiras		Ocupantes
1	PERICLES MORAES	José Bernardo Cabral
2	EUCLIDES DA CUNHA	(Vaga)
3	GONÇALVES DIAS	Ulisses Bittencourt
4	SÍLVIO ROMERO	Newton Sabbá Guimarães
5	ARAÚJO FILHO	Paulo Pinto Nery
6	ADRIANO JORGE	João Nogueira da Mata
7	MARANHÃO SOBRINHO	Paulo Jacob
8	TORQUATO TAPAJÓS	(Vaga)
9	MACHADO DE ASSIS	Homero de Miranda Leão
10	BARÃO DO RIO BRANCO	Mário Ypiranga Monteiro
11	JOSÉ VERISSIMO	Octávio Hamilton Botelho Mourão (eleito)
12	OLAVO BILAC	Elson Farias
13	ESTELITA TAPAJÓS	Arthur Cezar Ferreira Reis
14	BARÃO DE SANTANA NERI	Moacyr G. Rosas
15	GRAÇA ARANHA	João Mendonça de Souza
16	JOÃO LEDA	João Chrysostomo de Oliveira
17	FRANCISCO DE CASTRO	Leoncio de Salignac e Souza
18	JONAS DA SILVA	Jorge Tufic
19	COELHO NETO	Genesino Braga
20	JOÃO RIBEIRO	Raimundo Nonato Pinheiro (padre)
21	TENREIRO ARANHA	Plínio Ramos Coelho (eleito)
22	FARIAS BRITO	Robério dos Santos Pereira Braga
23	CRUZ E SOUZA	Nunes Pereira
24	JOAQUIM NABUCO	Áderson Pereira Dutra (eleito)
25	ARAÚJO LIMA	José Lindoso
26	RUI BARBOSA	Oyama César Ituassu da Silva
27	TAVARES BASTOS	(Vaga)
28	ANIBAL TEÓFILO	Violeta Branca
29	CASTRO ALVES	Thiago de Mello
30	ARARIPE JUNIOR	Carlos de Almeida Barroso
31	RAIMUNDO MONTEIRO	(Vaga)
32	BERNARDO RAMOS	Rui Alberto Costa Lins (eleito)
33	ANTONIO BRANDÃO DE AMORIM	Epaminondas Barahuna
34	ERMANO STRADELLI	Manoel Bastos Lira
35	D. FREDERICO COSTA	Agenor Ferreira Lima
36	INGLES DE SOUZA	Josué Cláudio de Souza (eleito)
37	BENJAMIN LIMA	Carlos de Araújo Lima
38	BARBOSA RODRIGUES	William A. Rodrigues
39	ALFREDO DA MATA	Mário Moraes
40	PAULINO DE BRITO	Waldemar Batista de Sales

REVISTA
DA
Academia Amazonense de Letras

REVISTA

DA

Academia Amazonense de Letras

Fundada a 1 de Janeiro de 1918
Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil

★★★★★★★★
SEDE PRÓPRIA — Rua Ramos Ferreira, 1009 — MANAUS

ANO LXV Nº. 19

1983

Manaus - Amazonas

Presidente de Honra
Marechal NELSON DE MELLO

DIRETORIA

Presidente	—	**João Mendonça de Souza**
1°. Vice-Presidente	—	**Mário Ypiranga Monteiro**
2°. Vice-Presidente	—	**Manoel Bastos Lira**
3°. Vice-Presidente	—	**Paulo Pinto Nery**
Secretário	—	**Agenor Ferreira Lima**
Adjunto	—	**João Crysóstomo de Oliveira**
Tesoureiro	—	**Williams Rodrigues**
Adjunto	—	**Moacyr Gonçalves Rosas**
Bibliotecário	—	**Homero de Miranda Leão**

Diretor da REVISTA
JOÃO MENDONÇA DE SOUZA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 13
EXALTAÇÃO A PÊRICLES MORAES, João Mendonça de Souza 19
DEPOIMENTOS SOBRE PÊRICLES MORAES 49

INÉDITOS

PELA GLÓRIA DE CAMÕES Moacyr G. Rosas 61
ÁRVORE EM CHAMAS. Epaminondas Barauna 65
O RETORNO DA POETISA. Genesino Braga 69
O POETA LEOPOLDO PERES Violeta Branca 73
ABGUAR BASTOS. Mário Ypiranga Monteiro 81

CRÍTICA

UMA ANÁLISE CRÍTICA DE CONTEXTO SÓCIO-ECONÔMICO ..... Abguar Bastos 83

FILOSOFIA

DOIS GRANDES PREGOEIROS DO PENSAMENTO FILOSOFICO NO BRASIL. Almeida Barroso 89

ROMANCE

EXCERTOS ROMANESCOS DO "CHUVA BRANCA" Paulo Jacob 99

POESIA

FASCINAÇÃO. Homero de Miranda Leão 103

POEMAS

ANTES DO QUARTO. Jorge Tufic 105
EX-PASSO—EVÃGELHO 106
A QUEM É DADO? 108
DIANTE DA ESPHINGE 109
NOVOS POEMAS ..... Violeta Branca 110
CANTIGA DO DESENCANTO .....
POEMA LIBERTÁRIO 113
A POESIA NOTURNA 114

TURISMO

ROTEIROS TURÍSTICOS. Waldemar Batista de Sales 117

ENSAIO

CRIATIVIDADE. Manuel Bastos Lira 119

O GÊNIO MALOGRANDO NA VIDA E IMORTALIZADO NA OBRA. João Chrysóstomo de Oliveira 123
FASTOS BIMILENARES. Agenor Ferreira Lima 129
A MONARQUIA NOS PAÍSES BAIXOS. Newton Sabbá Guimarães 139

DISCURSOS ACADÊMICOS

ARAÚJO FILHO-PATRONO DA CADEIRA N.º 5. Paulo Pinto Nery 145
NA ARCÁDIA AMAZONENSE. Homero de Miranda Leão 167

MEMÓRIA

ESTAÇÃO LÍRICA. Genesino Braga 179
O NOSSO RAMAYANA. Ulysses Bittencourt 183

PÁGINA DE SAUDADE

SONETO. Maranhão Sobrinho 189
TEFÉ. Djalma Batista 191

HISTÓRIA

O ESTRANGEIRO NO BRASIL. Arthur Cezar Ferreira Reis 195
O 9 DE NOVEMBRO NO CALENDÁRIO HISTÓRICO DO AMAZONAS. Almeida Barroso 209

BIOLOGIA E FOLCLORE

ELOGIO SENTIMENTAL DOS BICHOS AMAZONICOS. Mário Ypiranga Monteiro 217
A ONÇA E O TAPIR..... 221
1.....
2.....
3.....
O TAPIR E A SUCURIJÚ 223
1.....
2.....
A SUCURI E A INAMBU 226
1.....
2.....
A ONÇA E O JACARÉ 228
1.....
2.....
3.....
O BEM-TE-VI E O GAVIÃO 231
1.....
2.....
O IACAMIN .....
1..... 233

2..... 235
A PACA E A SUCURI .....
1.....
2.....
O ARAPAIMA E OS ALEVINOS 237
1.....
2.....
DOS GUARIBAS E SEU COMPORTAMENTO SOCIAL 239
1.....
2. .....
A ARANHA ASSASSINA 241
1.....
2.....
A CIGANA 243
1.....
2.....
A ONÇA E O TAMANDUÃ BANDEIRA 245
1. .....
2.....
3.....
A ARIRAMBA METEOROLOGISTA 248
1. .....
2. .....
A LOUVA-A-DEUS 250
1.....
2.....
O GAMBÁ 252
2. .....
A ONÇA PESCADORA 254
1.....
2.....
3. .....
O JAPIIM 257
1. .....
2..... 259
O URUBUTINGA .....
1. .....
2.....
3.....
O TAMA QUARE .....
1..... 262

2.....
O UIRAPURU 264
1.....
2.....
O BICHO HOMEM 271
1.....
2.....
CÔNEGO WALTER GONÇALVES NOGUEIRA 275
LIVROS 276

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea de temas, entre ficção e realidade, por largo, nada mais significa que registros de nossas criações literárias, variáveis, compreensivas.

Os trabalhos aqui apresentados, sob as mais diversas roupagens, se integram da super __ compensação de adestramento e de aptidão cultural dos nobilíssimos acadêmicos.

Entre o escritor e a criação literária, como suspeitava Proust, há, realmente, um impenetrável segredo de razão essencial, inata, sobre "o porque e o como de uma obra de arte".

Todos os pormenores de um trabalho artístico, na vertente principal, atalhos e vivências, jamais se podem eximir do tempo e do espaço necessários ao estabelecimento das sensibilidades distintas.

Não podemos fugir dessa evidência. Aos eruditos trabalhos de nossos colaboradores, no pensamento e estilo, não nos será "possível chegar senão pelos altos caminhos do espírito, e o espírito só conduz a atitudes lúcidas".

Com efeito, em defesa de nosso patrimônio literário, no legítimo patriciado do espírito, mais uma vez, no custeio da edição de nossa Revista, contamos com o inteiro apoio do FUNCOMIZ, através do Dr. Rui Alberto Costa Lins, Superintendente da SUFRAMA.

Ao eminente coestaduano, pelo muito que nos há ajudado, os agradecimentos da Academia Amazonense de Letras.

J.M.S.

EDIÇÃO ESPECIAL

COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE PERICLES MORAES

CENTENÁRIO DE PERICLES MORAES

28.04.1882 — 28.04.1982

Crítico e jornalista, foi o incansável animador da Academia até sua morte, em 1956. Sucedeu a Adriano Jorge na presidência. Homem de grande cultura, senhor de estilo envolvente, exerceu o principado da prosa na Amazônia.

JOÃO MENDONÇA DE SOUZA

EXALTAÇÃO A PERICLES MORAES

1. O MESTRE
2. O EXPRESSIONISTA
3. A POLÍTICA
4. O REGIONALISTA
5. AS CONFIDÊNCIAS
6. O POETA.

EXALTAÇÃO A PERICLES MORAES

1. O MESTRE

Notável importância, representou em sua época. Eloquente e doutrinal, a irradiar alegorias altissonantes, Péricles Moraes cativava pelos encantos das idéias e maravilhas da inteligência. Descobria-se-nos como imenso mundo novo e diferente. Era o nosso maior ensaista, milagrosamente rico de convincentes minúcias e de excelentes influxos de simpatia.

Havia brilho em tudo que escrevia. Um universo diferente, intenso. Parecia tudo saber acerca do que se pensava na França e se comentava em nosso País. Sabia descobrir-nos as mil maravilhas do belo e do misterioso. Sua presença, em nossa admiração, o mostrava preparado. Grande pela inteligência. Aplaudido pela sólida cultura.

O vocabulário, digno de atenção muito estimável, mais estudado que espontâneo, sobressaia contemplado de puríssimo acerto. Desejava-se sempre mais correto nas perfeições de nosso idioma. Como Orfeo que orientava os admiradores, em vida social, e os persuadia da necessidade de um culto religioso, Pericles Moraes, convidava seus leitores para o amor escultural da forma ao jeito dos mármores e bronzes infinitos.

Tal era a razão pela qual fez época. Elevou a Arte em sentimento de humanidade. Segurança no valor do progresso, das capacidades técnicas imagináveis. O belo existia-lhe como gosto de conhecimento de sua época e de límpida transparência de labor útil e insigne. As criaturas humanas são mais livres, numa atmosfera mais ocorrente, quando podem identificar sentimentos e emoções nos

juízos entendidos no mais possível e mais importante do coletivismo universal. Sem isso o postulado, do progresso é duvidoso. Quem acredita poder bastar-se de bens cambiantes, sem atentar para a imortalidade das idéias dos povos dinâmicos, engana-se de maneira lamentável e fatal.

Pericles Moraes não se privou jamais das boas relações de estima e consideração para com os novos escritores. Tornava-se descontente com os fracos de espírito e de insinceras afeições. Nunca o vimos fraquejar na devoção superante aos amigos. Caracterizava-se pela emotividade, em face dos autores literários favoritos. Foi um enamorado pelos temas musicais e obras bem escritas.

Viveu em árduo empenho de favorecer-se de precisão na marcha do mundo intelectual. A finalidade? Ter-se na exata dimensão das idéias seguras e firmes. Diáfanas. Afinadas para conquistar posições. Na realidade, sustentá-lo iluminado entre os aplaudidos valores intelectuais e humanos.

Pericles Moraes, embora recatado e discreto, se atormentava com o mundo que, já em seu tempo, caminhava no desassossego complicado e interrogante da Aldeia Global. Via-o, nos incentivos revolucionários, a mover-se vacilante, como invalidado na fidelidade das palavras e das paixões intelectuais.

E não só a obra, igualmente, a vida o mostram idiomático, mestrial, no processo da inteligência. Radioso em fazer-nos estimar que no entender dos homens e dos fatos, em arte, vamos do particular ao universal. Suas palavras de faina caprichosa, de incitação ao melhor reconhecimento de nossa terra e de nós mesmos, ainda agora, neste Centenário do Nascimento, nos advertem, quanto, na leitura de seus livros, pujantes de inteligente realização humana, podemos encontrar um Mestre, pleno de graça e de honra, para receber a eterna gratidão e respeito dos contemporâneos.

2. O EXPRESSIONISTA

Não podemos esquecer que o Mundo de nossos dias, demasiadamente exorbitado, nas causas e origens improvidas, obstaculiza-se, em finalidade submetidas mais de pânico e de alquimias extremadas do que de ajuste na luta exceptiva do progresso e da civilização.

Assistimos nos espetáculos projecionais de nossa literatura, de parte dos enganosos inovadores, uma linguagem impossível de se concretar com precisão matemática. Muitos livros, nesse confronto, são fatigosos. Impróprios da arte e da linguagem nacional. No todo, nas porções abscônditas, são do conteúdo de que o Mundo se acha doente — a desumanização.

Nessas experiências, a literatura de pós-guerra tem presença fugaz, cambiante e mutável, de representações anárquicas. Intenções impuras. Condicionadas de sangue e predileções abutres. Com atônita e fantasiosa presunção de lhe ser mais extensa e mais completa nas observações advertidas.

O problema da liberdade e do bem-estar social é sensivelmente humano. A marcha progressiva das civilizações jamais ocorreu no contínuo fluir das decrepitudes. Com o binômio Violência e Licenciosidade jamais as sociedades se poderão imponenciar no importante aspecto moral de uma válida sucessão de *elites*.

Esta literatura de caráter proselitista é típica dos mercenários e sofistas. Socorre-se de cavilações e tramóias reacionárias. É nodosa e desnorteante. Pervertida, infundada e conflituosa. Arruína povos e nações. Desmerece-os. Torna-os, sempre mais, apendiculados e obscuros.

Indubitavelmente, ainda agora o Mundo se estima na imortal trajetória greco-latina de amor aos fundamentos artísticos. Somos uma imemorial tradição de presença espiritual nos índices sociais e políticos dos fatores étnicos e

etnológicos.

Um povo, no desenvolvimento cultural e valorizações estéticas, estelantes, para ser aplaudido no alto sentido universal da palavra, não cambia de alma. Permanece lógico consigo mesmo. Recusa o materialismo dialético dos tormentosos espetáculos. Profanos e selvagens para um resultado de retificação na história da humanidade.

Sejamos justos e agradecidos ao nosso ocidentalismo de contínuo sentido de vida exata, clara e real. Tudo no universo é uma sucessão inteligente de época, históricas da pátria e inspiradas nos condutores da nacionalidade. A grandeza de um país só é possível num povo que jamais se desaceita da importância estimulativa do espírito e da cultura.

Pericles Moraes foi um escritor vivido nas raízes dessas realidades vitais. Explicou-se influentemente nas causas sociais e culturais do expressionismo. Vitoriou-se, sem vacilação, numa batalha triunfal. Foi um cavalheiro do nobre ensaismo de vida social e densidade histórica.

As idéias, como luzeiros de altaneiras epopéias, lhe faziam mais afortunado nas radiações da Arte. Universalizavam-no, para nós, sobretudo, nobilíssimo de interesse humano. De personalismo distinguido. Ilustre na eterna renascença da imaginação e merecimento do trabalho cerebral.

Não é fácil esquecê-lo na simpatia, que nos ofereceu através da maneira de se entusiasmar com as virtudes e se entristecer com os fracassados da arte literária.

Foi um partícipe de uma fase de conquistas estéticas. Nelas, soube mostrar-se numa angularidade de superações confortativas. Projetou-se, titulado e professoral, como ensaísta e crítico de relevo erudito e consciente. Autorizado ao corretismo da linguagem. Aos informes dos bons autores no domínio lexicográfico.

O horizonte do seu ensaísmo se estimulou realmente

insaciado nos limites do expressionismo. Sua obra se ilustra, de muito, na leitura de eminentes escritores franceses. No assestar o microscópio das análises, nos livros que lhe produziam deleite, de pronto se reconhecia merecido de superior visão universal.

Eximia-se da convivência de autores sem pensamento soberbo. Considerava profundamente infeliz o escritor sem técnica rítmica e conhecimento precioso da palavra. A estes, levantava muralhas de isolamento. Empenhou-se em ser um polígrafo nos quadros representativos da arte.

Temos que, já nessa conquista, pode ser visto e avaliado no envolvente FIGURAS & SENSAÇÕES. Na elaboração das cuidadas referências, é um livro que o dá em juízos de pormenor biográfico, inestimável em tempo de ânimo super-sensível. Importa, por isso, que o consideremos neste fulgor de linguagem poética, como que a cumprir um testemunho de última instância. Camillo Mauclair nos foi exposto neste robusto e original retrato superexaltado de ritmos e valiosas imagens:

— "Amar a música, senti-la, consolar-se com ela, viver na neurose de seus delíquios, transcendentalizar-se dentro de sua angústia, tal é o sonho de arte do insigne artista. Foi instintiva a primeira sensação na vida. Despertou-a o ritmo, ao contacto exterior da alma humana. Animou-a de força, inteligência, harmonia, vitalidade e encantamento. Originou a beleza. Operou milagres. Com o resplendor da natureza, à fecundação panteística de imagens e símbolos, criou Apolo. Fez a poesia. Mauclair é o poeta do ritmo. A sua arte maravilhosa, nesse livro superexcitante, em louvor da música, ergue um santuário".

Esse propósito, como bem lhe podemos avaliar, não é desfatio ou passatempo. É, sem dúvida, acentuação aturada, inextirpável, decisiva. Eleva-o, nessa sobremaneira grata e formosa, até às regiões superiores da estatuária.

Molda-o. Acentua-o. Define-o na organização da alma civilizada. Completamente justificado nessa afeição frutífera, voluntariosa. Decerto porque, sem engano ou angústia, assim nos pode descobrir seus motivos verdadeiros neste rico e valoroso talento:

— "Bourget, como Maupassant, como Mirbeau, escrutou a alma humana, surpreendeu-lhe as sensações desapoderadas, as íntimas rebeldias, as estranhas singularidades; e se a emoção de Maupassant foi mais intensa, se a de Mirbeau foi mais violenta, a de Bourget foi mais serena e comunicativa". "Um olhar retrospectivo em torno de sua obra, com o fim de caracterizar os sentimentos e as emoções de seus heróis, faria transluzir em toda ela a imanência dessa sensibilidade".

De tudo isso, resultou os impulsos periclianos do expressionista, do pesquisador, do crítico que se orienta em amor pelo que escreve, memoriza e documenta, com vigência dentro da história das idéias estéticas. Dos momentos de advertido esquadrinhar no que lhe é satisfatório e venturoso.

No que se desejava Pericles Moraes era ver-se num expressionismo de força renovadora, genial e vitalizada. Nada de pinturas inadvertidas e pálidas. Provincianas. Arrastadas de apoios murchos e sem individualidade criadora.

O que nos convidava para ver e reverenciá-lo no polêmico LEGENDAS & ÀGUAS FORTES era a maneira de saber estabelecer condições entre os relacionamentos da ciência literária e a claridade maior das idéias. Intento de se merecer em aplausos calorosos e duradouros. Reconhecimento à forma de nos objetivar fatos da vida e da obra de escritores famosos.

Vejamos, pois, na plenitude dos haveres da capacidade artística, o afeto dispensado a Anatole, neste efeito de consciência de arte e de si mesmo:

— "Com Anatole France, desapareceu o mais clássico dos escritores franceses e o mais latino dos pensadores contemporâneos. Para Lamaitre, que o admirava como ninguém, ter-se-ia despetalado a extrema flor do gênio latino. Da obra que nos lega esse homem extraordinário, obra que encerra e resume séculos de arte e séculos de pensamento, traduzindo-lhe a vida, que não foi senão uma voluptosa peregrinação através das velhas idades e das experimentadas sabedorias, tudo o que se disser, por melhor que se diga, será sempre incompleto e precário. Fixá-la, de um só traço, é o mesmo que fazer a síntese das modalidades superiores e desconcertantes que lhe perpetuam a grandeza. É descortiná-la na visão do seu espírito luminoso, no irradiar de seu gênio sobre as outras literaturas, na sua influência decisiva sobre os escritores de seu tempo, no cabedal imenso da cultura greco-latina, que foi dispersado em todas as suas páginas. É sobretudo, saber senti-la por entre a misteriosa sedução de uma arte, que obedeceu a leis imutáveis e a fórmulas definitivas. A sua complexidade abrange todas as épocas do pensamento. É obra de escritor e de poeta, de artista e de filósofo, de moralista e de crítico, de estilista e de homem de gênio. Sim, homem de gênio, que ninguém o teve maior no tempo em que viveu, gênio instintivo e ciclópico de homem, que fez da vida um paradoxo consecutivo, sem jamais interpretá-la senão pela craveira da graça e da medida, do ritmo e da harmonia. Anatole criou a vida, amou-a sobre todas as coisas. Teve para os homens uma ironia piedosa e um *terno despreso*, que era ainda, na sua bondade, uma espécie do remissão às fraquezas humanas".

Observemos-lhe a adjetivação grandiosa, no estilo encomiástico. O ritmo verbal de transitivos e intransitivos, magistralmente bem postos. A melodia frasística entre as vogais puras e as semivogais. O clássico emprego pronominal. O merecimento impressionista no caráter

expressionista. Os acentuados harmoniosos da idéia e da forma. O segredo da expressão aliciante, altanada, alterativa.

Neste seio emanante, eis o que foi o mestrial Pericles Moraes, subido do recurso das inscrições estrondosas, retumbantes, no frontispício dos livros. Daí os nomes estrepitantes, ruidosos, do FIGURAS & SENSAÇÕES e do LEGENDAS & ÀGUAS FORTES.

A vitalidade de escrever títulos, como esses, em Pericles Moraes tem um determinismo de convite na conquista de leitores, para julgá-lo na erudição do magistério literário. Entusiasmava-nos, de imediato, nesse desafio anunciado. Prodigioso como atitude e vontade arquitecturada.

Temos que na dedicatória com que nos ofereceu o FIGURAS & SENSAÇÕES, Pericles Moraes nos convidava para senti-lo neste talento e cultivo distinguível avançado, do escritor que sabe como buscar a admiração e o louvor:
— "Ao ardoroso jornalista João Mendonça de Souza, amigo dos meus diletos, este livro velho e harmonioso, de cujas hipérboles eu já começo a ter remorsos..."

Esse acento de fixar a atenção do leitor, no que lhe interessava, personifica-o como escritor empenhado na validade do expressionismo. Não, exigentemente, no sentido da grande popularidade. Todavia, triunfante, quanto aos leitores refinados em literatura. Aí, sim, encontra-se a clave do triunfo em que o reconhecemos inventivo e fecundo na arte de se acentuar regozijado à luz do oferecimento como este que nos fez no LEGENDAS & ÀGUAS FORTES:

— "Ao escritor João Mendonça de Souza, figura paradigmária de homem, que é só caráter, bondade, coração e devotamento espiritual, lembrança muito afetuosa de Pericles Moraes".

É fato que, muito antes do LEGENDAS & ÀGUAS FORTES, lhe nasceu um livro de gloriosas páginas. Nas-

ceu-lhe, vitorioso nas realidades vivas da glória, como reparação de justiça, o opulento COELHO NETTO E SUA OBRA. Foi-lhe uma preocupação querida. Uma gratificante homenagem de afeiçoada originalidade e delicadeza.

Do Amazonas, Pericles Moraes não compreendia porque, na exuberância daquela primorosa literatura, os críticos nao tomavam conhecimento dos livros de Coelho Netto. Não estava acostumado a desatenções assim a escritores de agudeza de seu biografado.

Provocou-os, pois, naquele seu livro de juízos-certos. E nos fixava Coelho Netto individualizado de merecimento superior original, característico na direção clássica de nossa Literatura:

— "Cabe-nos o dever de confessar, abrindo este livro, para que não sejam malevolamente deformados os seus intuitos, não termos tido a presunção de fazer um estudo crítico sobre os valores estéticos da obra do maior escritor brasileiro dos nossos dias. As suas páginas tentam refletir as impressões de uma viagem espiritual através dos sítios misteriosos que lhe formam o encanto, descortinando-lhe os aspectos e suntuosidades, desde que tantos os conhecem e tão poucos lhes compreendem a beleza. Vivem apenas da emoção estas rondas silenciosas. Fizemo-las por entre as alfombras de seus bosques sagrados, onde ninfas repousam e rosas reflorescem, seduzidos de momento a momento pela fascinação de uma arte cativante, cujos ritmos novos denunciam para logo o gênio do artista".

De Pericles Moraes, guardamos imperecível lembrança. Tivemos a honra de sua fala, quando fomos recebidos, em nossa Academia, pelo venerável João Leda. Ficamos com a ilusão de que ainda o vemos. De que nos orienta e vive em nossa companhia. Na presidência do Silogeu, era o opulento mestre a irradiar simpatia. A estender-nos familiarmente os braços. A estimular-nos em bondade.

Viveu em Paris. Na bela capital da cultura, aprendeu a se intimizar à leitura dos bons autores como homem de letras e do mundo. Sobranceiro, elegante, nos livros, naturalmente transfigurava-se. Iluminava-se-lhe a fisionomia. Não nos deixava ficar sem atenção, quer pela nobreza do porte, quer pela distinção das idéias.

Sempre a subir de tom, pouco a pouco, com judiciosa autoridade, impressionava o leitor. Em sucessivos perfis, pesava magistralmente a marcha dos assuntos. Esclarecia-nos Daí, de fato, o motivo de haver escrito o livro COELHO NETTO E SUA OBRA, neste crédito:

— "O sr. Coelho Netto em grau elevado, possui aquilo que Sarcey chamava o *dom*. Toda a sua obra, nas suas magníficas penumbras e nos seus obsessivos deslumbramentos, é a resultante dessa *fuga* espiritual que lhe denuncia a sensibilidade, as transições emotivas e o ardor plástico. As suas telas o colorista imprime o frêmito, a vivacidade, as exaltações de sua arte; e através das ondulações harmoniosas de seu estilo, de requintes suntuários como as esculturas de Verrochio, a sua forma, de mágicas cinzeluras, é o recamo aurigemente que lhe adorna as idéias".

"Em outro país que não o nosso, corrompido pela politicalha e abastardado pelas competições literárias de ínfimos interesses, o sr. Coelho Netto seria uma legítima glória da nacionalidade. No Brasil, porém, quando o escritor atinge à suprema culminância, forçando a admiração reservada da cultura de além-Atlântico, ainda o convívio exagitado é a túnica de Nessus que lhe engrinalda a cabeça encanecida. Com que desalento sincero o artista não deveria ter escrito estas palavras: *Todos os povos orgulham-se de seus poetas, honram e aclamam os seus artistas: o brasileiro deprime-os, vexa-se, por assim dizer de os possuir*".

As palavras, na verdade, se ajustavam ao que nos

transmitia em atitude, força descritiva e de argumentos. Não nos é possível esquecê-lo no curso da vida larga e fecunda. Ouvi-lo era aplaudi-lo na abundância, clareza, espontaneidade, sugestão, comunicabilidade, energia criadora, persuasiva, original.

Daí, no poder de suculência e de persuasão, para os amigos, a ele ligados através do núcleo espiritual, sempre se dar em palavras de plenitude artística e de estímulo. Cremos, assim nos fez chegar às mãos o COELHO NETTO E SUA OBRA, nesta nítida oferta de tempo e de confraternidade:

— "À inteligência e cultura de Mendonça de Souza, o consagrado historiador do GRANDE AMAZONAS, homenagem do velho amigo Pericles Moraes".

No sentido de lida, de ordenação no processo ensaístico, sofria longas e dolorosas fadigas. Foi um escritor do verbo pujante, meditado e cinzelado. Não se preocupava em castigar ou desgostar os seus editores. Vezes muitas, com o livro já no prelo, quase pronto, alterava períodos inteiros. Torturava-se e torturava os linotipistas que lhe serviam. Não fazia discursos de improviso. Tudo lhe era transbordante paciência para joeirar as frases e orações.

Possuía qualidades espantosas das proporções artísticas. A arte lhe foi culto de equilíbrio nas palavras. Nos recursos e hábitos de escrever, por isso, adquiriu uma função docente. Foi um mestre. Professor de Literatura, nessa imposição do tempo para quem, como ele, sabia crescer e magistralizar-se. No CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS, pela riqueza do conteúdo, novidade das imagens, justeza das observações e cintilação dos paradoxos, encantou-nos e nos convidou à meditação.

Sabia-se, pelo muito em que se deu nos livros, um escritor maximizado de conforto espiritual. E, nisso, sobressaia-se em compreender que todo novo intelectual

necessita da estima e orientação dos mais adaptados às correntes de idéias e costumes do mundo, sempre referendado como moderno.

Muito lucramos com os seus conselhos, em reflorescimento de mentalidade e maturidade. Sob este aspecto reconhecemos que, realmente, os livros de Pericles Moraes nos foram ofertados no intuito de bem espiritual e distinção. Isso nos deu a entender no A VIDA LUMINOSA DE ARAÚJO FILHO, neste distinto aplicar-se:

— "Para a sensibilidade de Mendonça de Souza, estas páginas de emoção e de saudade". E logo no preâmbulo, informava-nos:

— "Araújo Filho foi um arquétipo de energias, uma consciência em ação, uma alma que se cristalizou nas mais puras indulgências, uma sensibilidade que se requintou no cadinho de todos os sofrimentos, um homem, em suma, na acepção nobre do vocábulo".

Nessa sucessão, com virtudes humanas, como se o céu lhe estivesse no coração, as largas peregrinações e os enobrecidos sentimentos legendários, não nos deixou ficar sem a alegria deste registro amigo, ao jeito de belo presente, nas famosas CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS:

— "Ao escritor João Mendonça de Souza, no advento de seu notável livro O GRANDE AMAZONAS, homenagem e admiração de Péricles Moraes".

No capítulo V, do CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS, exalta a inteligência da mulher, nestas palavras de apreço aos *Ritmos de Inquieta Alegria*:

— "Na Amazônia, pode-se dizer, Violeta Branca é a poetisa supersensível e reflamejante que lhe domina os horizontes da literatura". E, no capítulo seguinte, assim se reporta ao então jovem escritor Djalma Batista:

— "No livro de estréia do sr. Djalma Batista, escritor novo da Amazônia, talvez dos mais novos e dos mais lúcidos de sua geração, existem certos aspectos relevantes.

que o recomendam desde logo. O estilo, antes de tudo, que é límpido e correntio, imprime às idéias exuberância e finalidade".

O último livro, intitulado LEOPOLDO PERES, igualmente, de maneira excessivamente generosa, deu-nos, para nosso deleite, com esta dedicatória:

— "A João Mendonça de Souza, escritor e historiógrafo, que operou o milagre de descortinar com um só grande livro, projetando-lhe os influxos do meio físico e social, a imensidade estonteante do Amazonas, com afetuoso abraço de Pericles Moraes".

Como bem podemos comprovar, Pericles Moraes foi um escritor que primou pela maior ventura dos amigos. Viveu, em sua época, um pontificado mestrial, permanente no entusiasmo grandioso da forma, boa harmonia entre a tradição e o progresso.

3. A POLÌTICA

É fato conhecido, desde tempos imemoriais, que a Política sempre esteve nos grandes progressos de civilização. Ninguém pode dizer-se isento de sua importância. Isto porque, na realidade, a sua ação jamais pode ser supressiva ou inibidora.

Num mundo de acirrante indiferença religiosa e de prepotentes neuroses coloniais, o receio e o medo é que a técnica, pela contínua ambição dos superdesenvolvidos, descambe para os nefastos resultados da automação materialista.

O evolver da política nunca deixou de ser favorecido de expressão e de percepção. Daí porque o demagogismo subversivo, ruinoso, egoísta, sempre se desfavorece num povo em missão mais elevada, para resguardar-se de melhor bem-estar social. A Política só é grande e valiosa à lei moral e à lei positiva, quando consegue se

completar na dignidade de boa cultura e na disposição de segura idéia de progresso.

Nenhuma sociedade pode viver sem um ideal que a inspire no conhecimento claro dos princípios que lhe norteiam a organização. Os períodos de grande civilização são aqueles em que essas condições estão reunidas.

A sociedde atual, eletrônica no que se vê, pede um tipo de preparação política. O ano 2.000, a iniciar-se neste advento de século XXI, exige, para queixas e agravos, que os intelectuais não o deixe explodir numa guerra atômica, neutrônica, por indiferença de iniciativa e de providências inteligentes, humanistas e universitárias.

A má escolha de uma carreira política está na raiz dos inadaptados. É justo, por isso, que se prepare a juventude, sobretudo no curso universitário e na vida acadêmica, para tarefas efetivamente concretas.

É sempre atento e virtuoso o intelectual que, como Pericles Moraes, teve pronunciamento político através do conhecimento de um ponto de vista alto e amplo. A defesa de Leopoldo Neves, por exemplo, levou-o a oferecer-lhe a justiça que lhe era devida:

— "Quando esta época de transição histórica houver passado, já extintos os fermentos dos ódios e das paixões que a convulsionaram, é que a obra social e política de Leopoldo Amorim da Silva Neves, através do julgamento frio dos historiadores do futuro, reaparecerá em toda a sua plenitude, revelando a estrutura moral e os aspectos empolgantes da visão ciclópica desse grande estadista amazônico".

Não sou indiferente ao veredicto de Pericles Moraes. As grandes desavenças e insultos demagógicos que abalam a nossa estrutura política e cultural, são muito próprias dos países ainda movidos por uma ordem eleitoral débil, fraca, inválida para fazer justiça onde não há. Não possuímos faculdades capazes de preparar o político efeti-

vamente certo para uma política sujeita às inclemências explorativas da vida econômica e social. Sem se preparar o terreno para o amanhã de consciência política, não nos livraremos dos subversivos e das desgraças politiqueiras. Pericles Moraes estimou magistralmente tudo isso quando, em absolvição de Leopoldo Neves, à frente de um Estado do tamanho do nosso, convida-nos a melhor refletirmos acerca das paixões equívocas:

— "Sabia de antemão que era tarefa quase sobre-humana presidir os destinos de uma região imensa e de possibilidades infinitas, como o Amazonas, sobretudo quando existia a determinação de orientá-los com o sentido das responsabilidades do homem para com a sua obra de reeducação e aperfeiçoamento, da sociedade para com a sua função civilizadora, da terra para com os seus elementos vitais, as suas grandes fontes de produção, a complexidade dos seus problemas atinentes à exploração, à expansão e ao povoamento dos seus rincões portentosos".

É certo que nessa intencionalidade, a característica, em maior soma, foi a do afeto. Na realidade, nos intelectuais do relevo de Pericles Moraes, a imaginação e talento se alimentam dos estados afetivos em qualidades valiosas. Errôneo seria supor-se que a vida afetiva é mero derivado da manifestação secundária.

Em suas interferências, na política, ainda voltou a escrever para distinguir o caráter de um outro dileto amigo. Como íntegro juiz da decisão de um tribunal comum, eis o que revela e defende, textualmente, nos períodos cerrados, como estes, de seu livro, de antemão, já batizado com o sugestivo título de LEOPOLDO PERES:

— "Devo a Leopoldo Peres as maiores emoções de minha humilde carreira de homem de letras provinciano". "Nenhum outro amigo, por tamanhas provas de confiança e simpatia cresceu mais depressa na minha admiração". "Estou a vê-lo, ainda agora, nos gestos cavalheirescos que

lhe definiam a estrutura do caráter, nas clarinadas de sua alma de nobreza incomparável, nas manifestações sedutoras de sua inteligência, que se sobreleva a todas as inteligências".

— "Ninguém mais autorizado que eu mesmo para depor sobre essa grande vida. Tive o privilégio de acompanhá-la durante todos os seus estádios rumorosos, visionando-a por entre os painéis enublados do passado até o amargor dos seus derradeiros dias".

Esse depoimento, na verdade, tem consequência emotiva nos conceitos dimensionais das implicações de melhor distinção e estima. É aplicável muito mais dentro dos critérios morais do que das emulações intelectuais ou estéticas. E daí este seu esclarecimento maior, qualificativo, sobre Leopoldo Peres:

"De feito, após o vandálico atentado da noite trágica de 24 de outubro de 1930, em que as hienas humanas vorazmente cevaram a sua vingança, incendiando-lhe os acessórios domésticos e a suntuosa biblioteca, houve um largo hiato em suas atividades de homem público".

Neste acontecimento, porém não deixa de situar Leopoldo Peres, no comportamento que, sob vários aspectos, lhe parece inato ao espaço, impulsos instintivos e primordiais ao longo do tempo:

— "Havia, sem embargo, uma força imperiosa que lhe dominava as aspirações: — a política. Malgrado desvirtuada em seus princípios e finalidades pela incompreensão de homens sem escrúpulos, corrompidos até a medula, que se abastardavam e envileciam sob o guante de seus interesses e de suas paixões, a política, para esse escritor de alto descortino mental, não era apenas um conflito de idéias e de opiniões controversas, senão uma escola de honra, de moral e de solidariedade humana".

O desapontamento político de Pericles Moraes, só após fatos como esses, de intensas manifestações agres-

sivas contra amigos seus, determinou-se em pública intervenção e defesa.

Observemos, pois, a razão pela qual a democracia deve ser um regime de vontade nacional, esclarecida. Os fins políticos quanto os sociais são uma atribuição de todos. Daí porque a contenda política tem de ser efetivada e clara nos princípios que lhe guiam a organização.

4. O REGIONALISTA

A vasta e plural existência de Pericles Moraes, também se adensa em manifestações regionalistas. Ao redor, na fase de juventude, surgem-lhe momentos de fluxibilidade um tanto caprichosos e polêmicos. Momentos de viva aferição ao merecimento de notáveis escritores amazônidas.

Fora de qualquer citação porém, no que se pode verificar, o seu, ainda hoje, discutido ensaio, sobre OS INTÉRPRETES DA AMAZÔNIA, omitia-se da glória literária de Raimundo Moraes. Mero acaso? Propósito? Nunca no abalançamos a perguntar-lhe.

No todo emocional, no plano do ambicioso intento, realiza-se com determinismo explícito e implícito. O relato, algumas vezes, tem insinuações duras, polêmicas, com evidência de esvasiar a conduta geográfica, rezumante de alguns escritores do Extremo-Norte. De logo, sobressalta-se no teórico e no doutrinal.

Seus instantâneos, por isso, são de destreza dissuasiva, patética, onde não faltam o rumoroso, o fascinante e o fantástico. Imagine-se a só idéia de querer-se todos OS INTÉRPRETES DA AMAZÔNIA como legitimados à escola de Euclides da Cunha. Como seus imitadores, até então, medíocres.

Neste seu entendimento estão escritores da madurez amazônica de Alberto Rangel, Alfredo Ladislau, Gastão

Cruls, Ferreira de Castro, José Eustásio Rivera, Raul Bopp, Peregrino Júnior, Araújo Lima, Albertina Bertha e Ramayana de Chevalier.

O alinhado itinerário de Pericles Moraes, ao que parece, no intuito preconcebido, troca, vezes muitas, o real pelo confronto aduzido. Tudo neste trabalho é perfeitamente buscado para justificar a maior importância de Euclides da Cunha sobre os demais escritores da Amazônia. Assim o é em técnica, e passos como este de franco procedimento subjetivista:

— "Euclides da Cunha viu a Amazônia com a consciência do artista e a profundeza do cientista, deixando-nos algumas páginas de tão grande fertilidade de observações, que não se pode hoje emitir qualquer opinião neste domínio sem consultar-lhe a autoridade. Mas se foi ele, deveras, o único que conseguiu, em traços vigorosos e firmes, projetar, nas suas cores vivas e flagrantes, a natureza amazônica, à sua sombra, à sombra de sua glória, cresceu e frondejou uma floresta de imitadores solertes e subalternos, que lhe tentaram decalcar o estilo indecalcável, a forma e a superfície das idéias, copiando-lhe o vocabulário, reproduzindo-lhe os neologismos, deturpando-lhe as intenções, e até, inconscientemente, assimilando-lhe os leves defeitos de composição e de estilística e as imperceptíveis negligências de técnica. A obra de Euclides, todavia, triunfou e resistiu galhardamente, conservando-se ilesa, e destinando-se a servir de introdução a qualquer estudo sério que se pretenda realizar sobre o mesmo assunto".

Veja-se, pois, que, desde o ponto de vista expressivo, a enumeração é de píncaro no plano estilístico, no infinitamente mais rico que se move nos recursos retóricos da justificação: alumbradora, paralelística e trepidante. Sem embargo, mostra-se em domínio do convencimento, de opinião sem qualquer permissão de argumento ou

diálogo. Sem mais estimações de circunstância, auto-define-se euclidianescamente nesta convicção informadora e inconformadora:

"Por isso, por ter disposto integralmente de todas essas faculdades, é que Euclides ainda não foi excedido". "É evidente que, sobre o espírito de Alfredo Ladislau, o prosador épico d'OS SERTÕES exerceu aquela indomável influência, aquela poderosa atração que subjuga e perturba a quantos lhe sintam o fascínio inelutável".

Esse registro, de fato, se torna irreversível no emprego dos verbos *subjugar* e *perturbar* de maneira a fazer insubistituível a preponderância de Euclides sobre qualquer outro escritor que desejasse tornar-se um intérprete da Amazônia. Prejulgava-os abaixo do euclidianismo inelutável. Observe-se quanto sofre Gastão Cruls neste diagnóstico pericliano:

— "Para os que não conhecem a região, ou somente a conhecem através das vibrações do estilo de Euclides, é uma decepção o livro do sr. Gastão Cruls". E não esquecemos, nesse relato, o nome fulgurante do autor de *Cobra Norato*, apenas para discordar dos conceitos firmados pelo sr. Peregrino Júnior, escritor a quem temos no mais alto apreço, e de cujas idéias, em detrimento dos grandes nomes que representam, em realidade, o padrão da cultura amazônica, somos constrangidos a dissentir. Só a poesia terá a faculdade de dar o ritmo ao espetáculo maravilhoso da Amazônia? Pura hipérbole! E o gênio de Euclides?

Pericles Moraes assim se extenua nessa tarefa. Dá ao expressionismo um término de seguridade na supremacia amazônica de Euclides da Cunha, com tal viço arrebatador, que no otimismo matizado se tem como isento de possível exageração. Sua visão, nesse apuro de alto nível intelectual, sobre Euclides, favorece-o através da prodigiosa cultura e inteligência de que era dotado. Nesse

sentido, nem o comum amigo Araújo Lima lhe escapa desta reprimenda:

— "Não é possível negar, desde logo, a veracidade das conclusões do sr. Araújo Lima, sendo para estranhar, entretanto, que, generalizando, quando se refere à inaptidão cultural dos exploradores da Amazônia, tivesse esquecido de exceptuar o nome do autor insigne d'A MARGEM DA HISTÓRIA".

Um propósito deliberado, na crítica expressionista, é capaz de converter observações sensíveis, superficiais, transcendentes, em um novo módulo de força privativa, inconfundível, quanto à satisfação da realidade evocada. Pericles Moraes, em horas gratíssimas, para maior efeito das impressões, pela majestade da imaginação jamais deixa de ser fulgurante, mesmo nos estratos como estes intercambiados na dimensão do contrastar e do estético:

— "O último livro disposto na galeria, por ser o mais recente, (1935), é esse fagulhante NO CIRCO SEM TETO DA AMAZÔNIA, do sr. Ramaiana de Chevalier. Escrito num estilo hipertenso e tortuoso, que enleia nos seus coloridos esbrazeantes, nos efluvios da sua harmoniosa vibração, estilo pletórico, de envolvente sensualismo estético, parecido com o dos grandes estilistas da Amazônia, com o de Euclides, com o de Rangel, com o de Ladislau..."

"Mas o livro do sr. Ramaiana de Chevalier, que é, acima de tudo, obra de inteligência e de erudição, será, como tanto desejaríamos, um grande livro, um livro completo e perfeito, capaz de resistir, submetido impiedosamente ao crisol da crítica? Tal a interpelação que, se nos fosse feita, teríamos dificuldades enormes para responder".

Em todo caso, e por óbvias razões, no INTÉRPRETES DA AMAZÔNIA, aponta alguns outros escritores apenas em cotização de vigência exegética e multívola. Tanto que, ao final, se dá, em satisfação, a esta defesa efusiva de insuspeitada parcialidade:

— "Julgamos por princípios e não por impressões, sem a inquietude crítica ávida de descobertas, na obstinação de lhes divulgar as idéias e **as formas** de arte, examinando obras e homens, épocas e fisionomias literárias, através de suas nobres atitudes de inteligência e de cultura".

Note-se-lhe a viva autenticidade do gesto defrontante, perceptivo. A rigor, é uma confissão. Com sua cultura e talento, notavelmente esteticistas, na afirmação formulada, teria de ser um devotado euclidianista. Inegavelmente, Euclides da Cunha é um clássico da Literatura Brasileira. Por este lado, louvamos-lhe a edificante sinceridade e simpatia.

Decerto, e é nisso que ficamos nos INTÉRPRETES DA AMAZONIA, estudados por Pericles Moraes, nenhum lhe é maior do que Euclides da Cunha. Os resultados estão à vista: começa na solidariedade e se efetiva na admiração por uma inteligência imensamente fértil. Imedível nas razões supremas do amor consagrado à Amazônia, em termos de partição efetiva e de vitalidade eminentemente brasileira. Sem dúvida, Euclides da Cunha nos homenageou com páginas brilhantes e necessárias ao nosso conhecimento e destino.

5. AS CONFIDÊNCIAS

Com personagens famosas, circunstâncias extraordinárias, narrações com valor documental, Pericles Moraes se excepcionaliza nas CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS, em termos de ação, cenários e relatos de seleção artística. Intervém e arrola fotografias distintas, pujantes de arte impressionista, estética.

Os motivos das Confidências são íntimas, subjetivas e raras. A decoração estabelece mérito, afinidade superior.

Confrontos a diferenciar qualidades e caracteres. Ao sumo, vê-se que se conceituam em juízos de referências sobre escritores nacionais e universais.

Pericles Moraes guardou-as, até então, nesse intuito de múltiplo labor futuro. Seguramente, com empenho de permanência maior dentro de nossas letras. Tanto maior que, muito do que nos contou da gloriosa vida, lhe ficou adstrita apenas a doces lembranças pessoais.

Consideramos, por isso, que suas CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS, em livro, surgiram-lhe como obra de mais base e permanência. O temido Agrippino Grieco, nesse sentido, o definiu neste enfoque literário e cultural:

"... Escritores triunfantes como esse admirável Pericles Moraes, que é um estilista de grande linhagem, um dominador de toda a arte européia, uma passeante do Bosque de Bolonha, talvez meio despaisado na zona dos igarapés e dos igapós..."

Não temos sobressaltos em afirmar que Pericles Moraes se assegurou, para viver, em destino valoroso. Dotado de uma palavra essencial, que brota da vibração magnética, sua crítica se firmou fora dos falsos pudores. Rigorosa em face do convencional. Confidencial somente no que lhe parecia ter mais verdade, mais beleza, mais emoção, e até mais perfume quando se dava ao empenho de criticar versos femininos. No que nos foi possível sentir na alusão do eminente Fernando de Azevedo, foi um mago neste privilégio:

— "Um imaginativo, cuja eloqüência prestigiosa põe em realce a sua cultura peregrina ,— sente-se a viva preocupação de fixar os tipos mentais, de desprender, por uma análise segura, as origens das obras e de recorrer a todos os elementos capazes de facilitarem o diagnóstico das inteligências".

Suas CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS são imensamente inconfundíveis, originais, inéditas. Surgem em re-

velação de horizonte espiritual, inseparável do opulento, do deleite, do controvertido em visão subjetiva. Daí porque se eximem do charlante, do fugaz e do aborrecido. Anelam-se de fulgurações ditosas, extraordinárias e magníficas, como estas:

— "Embora transfigurada em mulher, punição injusta com que Tupã pretendeu castigá-la, Violeta Branca não perdeu o prestígio das laras. Como se fossem os reativos de uma força misteriosa e oculta, os seus amavios persistem cada vez mais inebriantes e inelutáveis. Era mulher quando, tangida pelos sortilégios do muiraquitã, desceu ao fundo dos rios, por imposição do deus selvagem, enamorado dos seus encantos. Qual a culpa que lhe cabe, se o marujo desprevenido não soube se premunir contra as seduções e os malefícios da sua beleza? Mulher, antes de tudo, profundamente mulher, da cabeça aos pés, nada mais natural que, como todas as mulheres, houvesse sentido essa tragédia da alma, onde se encontram em conflito as aspirações instintivas do coração e as exigências do espírito que quer viver acima da vida. Não se iludem os deuses quando julgam que o amor seja um privilégio da divindade?"

E aí estão: o pintor, o crítico, o poeta na força fulgurante da liberdade e da beleza. E daí o alto pensamento. Fabuloso, arrebatador na mentalidade robusta, incandescente. Cerebralidade prima, tempestuosa, sempre a nos prodigalizar Confidências surpreendentes, como esta sobre o grande D'Annunzio:

— "Não foi só o turbilhão de sua vida, nos precipícios, nas vertigens e no heroísmo de suas etapas alucinantes, que fez de D'Annunzio o poeta mais amado e mais execrado do seu tempo. Também contribuíram singularmente para essa adoração e para os ímpetos dessa cólera ultriz a flama do seu pensamento e a universalidade da sua cultura, igualmente onímodos e profundos. A morte

desse homem de gênio, para os que lhe sofreram a influência e a fascinação, foi um desapontamento. Tanto o acreditavam na glória de perene vitalidade, que a imobilização brusca do espírito solar lhes produziu o efeito devastador de um mundo que desmoronasse, levando consigo os triunfos e os troféus de uma luminosa existência de arte e de criação. Quanto a mim, confesso que D'Annunzio foi, deveras, a maior divindade de minha religião de estático cultuador da beleza. Amei-o com as ardências e as ousadias da mocidade, quando apenas lhe conhecia, ainda na superfície, os raros primores de sua inteligência milagrosa. Deslumbrava-me, mais do que tudo, o espetáculo olímpico daquela arte de suntuária plasticidade. D'Annunzio afigurava-se-me um semi-deus bárbaro, irresistívelmente sedutor, que num permanente esforço de exceder-se a si mesmo, descera à terra para criar a beleza e transfundi-la em obras-primas. Os seus poemas, por essa época, eram o único enlevo das minhas horas inquietas. Declamando-os com fervorosa espiritualidade, sob a inspiração da centelha sagrada que lhes cadenciava o ritmo, e sentindo-lhes a perfeição e a pureza dos hexâmetros fagulhantes, eu tinha a impressão dominadora de estar vendo o amante voluptoso e selvático, que se encarnava nas suas próprias personagens, gozando-lhes intensamente as tragédias de sangue e de luxúria".

Nada mais ardente e impetuoso que uma Confidência assim. Ilumina, deslumbra. Eminencia-se fúlgida, inspirada, *dionisíaca*. Pelo demais, é sensacional. Comunica finura à palavra, em domínio seguro de forma, de sensação e de influência literária. Não ilude nas enumerações dos fatos nem se desperdiça em desalentos de indiferença e de etiqueta. Põe à mostra, efetivamente, sem nenhum sofisma ou engano, a viva predileção da vontade e da satisfação.

6. O POETA

Tem uma história encantadora a vida de Pericles Moraes. Tão inaudita nos cuidados, nos afagos, nas ansiedades, nos projetos que, na verdade, seria um nunca acabar, se persistíssemos vê-la na minudência mais concentrada e mais completa.

Delicado e profundo, no entanto, ao fim desta homenagem, será ainda observá-lo na eloquência, inspiração e ventura harmoniosa da Poesia. Ficamos, por isso, contentes em mostrá-lo na feição amorável e expansiva deste belo soneto, intitulado — ESCRINIO — , oferecido a Romeu Mariz. Ei-lo:

1. Vou fazer-te um soneto: uma obra-prima
2. de arte. Imagino-o rútilo e pomposo.
3. Ouve a Forma, ressalte e o verso auroso
4. Na filigrana cante de álvea Rima.

5. No seu brilho não quero o caprichoso
6. Aureo buril que certo não me exprima
7. E nem tampouco nele grave e imprima
8. Essa estesia rubra do meu Gozo.

9. Não! Para que corresponda ao meu desejo
10. Não é preciso, penso, esse cortejo
11. De tintas e cinzéis tão principescos.

12. Esse amor que me tens e que me anima
13 Fará do meu soneto uma obra-prima
14. Sem nobres pamponilhas e arabescos.

(A Federação, Manaus, 10.09.1901).

Falaremos da forma, um pouco mais adiante. De início, porém, empenhar-nos-emos em mostrá-lo no lirismo requintado, artístico, excelente. Soneto trabalhado, gracioso, em recurso de obra-prima. Forte na soma a melodia, do ritmo, do dilentantismo. Cantante na mel dia das rimas. Salta de quadra a quadra, de terceto a terceto em profundas convicções de notabilidade. Chega até a ser descerimonioso na ufania que o envolve pretextual e preponderante.

Dá-nos idéia de uma imaginação huguesca, condoreira, quanto ao fundamental do grandioso. Um preciosismo de sensibilidade verlainiana. Talvez, nas permissões, um pouco platônico. Sazonado em metrismo substancialmente afincado e puro.

Versificação decassilábica, rigorosamente heróica. Gênero expositivo, impressionista. Na elegância, apuro e tortura da forma, é uma poesia ao jeito de uma formoso e cobiçado *bibelot* de ourivesaria. Rimas consoantes. Externas e internas, nas duas quadras, em *abba*. Comumente chamadas interpoladas ou opostas. Nos dois tercetos rimas contínuas e finais.

O emprego do verbo pronominado é realmente expressivo, na primeira quadra. Não muito comum em sonetistas estreantes. Note-se-lhe, igualmente, a presença preponderante da cor aplicada às coisas concretas e abstratas.

Insista-se, forma reiterada em afirmação de genialidade. Regência influente do verbo *imaginar*, com sentido de veemência e denotação. Observe-se, no quarto verso, *álvea rima*. Temos que o que o poeta aí quis significar foi a beleza sonora aliada à cor. Talvez, uma forma sensória, visual, um tanto sinestésica e bastante especial.

O verbo *cantar* tem acepção imperativa quanto a *verso auroso*, que é o seu agente. Sinta-se a força inusitada do verbo *querer*, como transitivo direto, em total auto-

julgamento do que se propõe aceitar através dos verbos *exprimir, gravar* e *imprimir*, nos versos 6 e 7.

É magistral a dramaticidade, com que inicia o verso 9, através da negativa *Não*. Exclamativa em relação ao que lhe corresponde ao desejo. Sem dúvida, considere-se, por largo o requinte do adjetivo *prima*, versos 1 e 13, como princípio e fim do verdadeiro retrato em que Pericles Moraes se deu entendido e por inteiro.

Com efeito, até nos *enjambement* dos versos iniciais, 1 e 2, o soneto ESCRÍNIO, de Pericles Moraes, na forma sincopada, de firmeza no mais preciso, no mais intuído e aceito como ideal de querer, é uma admirável e aplaudida pequena obra-prima.

Senhoras e Senhores:

esta exaltação a PERICLES MORAES, no centenário de nascimento, sem dúvida, é de grata recordação ao muito que lhe devemos, pela esplêndida estatura mental e harmoniosa unidade da grandeza moral. Com ele, em nossa Academia, tivemos uma fonte preciosa de ensinamentos.

No seu tempo, não foi apenas escritor admirado. Foi um mestre que notavelmente soube falar-nos dos grandes autores das coisas de nossa Amazônia. Foi tudo isso e foi, por igual, um magnífico preceptor de gerações. Sabemos muito pouco dissemos do que foi no mais intenso e mais puro amor pelo nosso Amazonas.

Feliz de quem, como ele, assim conseguiu viver no ideal de luta pela Educação e pela Arte. Nisso, merece nosso respeito e gratidão:

No muito que fez pela elevação e divulgação literária de nossas Letras, bem podemos, no final deste preito, dizer-vos: Pericles Moraes, dentro da alma e do coração, teve um deus imortal: o culto das virtudes superiores pela Pátria e pela Humanidade.

LIVROS DE PERICLES MORAES

FIGURAS & SENSAÇÕES — Lelo & Irmão Ltda. — Porto. COELHO NETO E SUA OBRA — Lelo & Irmão, Ltda—Porto. LEGENDAS & ÁGUAS FORTES — Livraria Clássica — Manaus. A VIDA LUMINOSA DE ARAÚJO FILHO — Livraria Clássica — Manaus. RETRATO DE AUGUSTO LINHARES — Jornal do Comércio — Rio. CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS — Empresa O CRUZEIRO S.A. — RIO. LEOPOLDO PERES — Rio de Janeiro — 1952.

DEPOIMENTOS SOBRE PERICLES MORAES

Acadêmicos falecidos:

"Figure-se algo de semelhante, a propósito do deserto relativo em que Pericles Moraes vive criando a sua obra magnífica. Certamente não escasseiam ali as únicas ressonâncias que lhe são gratas. E as outras que lhe são precisas, ele as obtem a qualquer instante, fazendo fulgir aquele espírito, fazendo vibrar aquele coração, ambos cheios de luz e de harmonia"...

BENJAMIN LIMA

"Cinzelador beneditino de legendas e mestre-agua-fortista do estilo, possuindo, como os Goncourts, de par com o sentido rítmico e pictural da palavra, no culto ardente da forma, a hiperacuidade de sensações, que foi, no depoimento de Bourget e Pierre Sabatier, a estranha enfermidade de que sofreram e morreram os artistas prodigiosos das Idées & Sensations, Pericles Moraes realiza, desde o seu primeiro livro, a crítica estética por excelência, "la critique des beautés", como a designou Chateaubriand, e cujos veios remotos já o oráculo de Port-Royal, vislumbrara nas áureas vertentes de Diderot. Daí a invariável orientação afirmativa e construtora dos seus ensaios, em que os processos de análise , com apoio nos dados da experiência psicológica, se nos deparam sempre em função da síntese posterior, que os sobrelava e completa, na polarização total da obra examinada".

LEOPOLDO PÉRES

"Lendo-se Péricles Moraes, tem-se a nítida impressão duma daquelas páginas tonitroantes de Chateaubriand, onde se ouve o ribombar dos trovões, fazendo estremecer nas selvas a colossal estrutura dos robles seculares. Nem por isso, todavia, nos enviaremos ao inferno,

como o quis o nosso querido Waldemar Pedrosa, atordoado, entontecido com o fragor dos tropos".

JOÃO LEDA

"O novo livro de Pericles Moraes é a confirmação dos seus predicados espirituais de pensador elegante e sóbrio. Devem-se-lhes homenagens especiais, não somente por isso, como ainda, com as condições depressivas do ambiente, da terra relegada e distante, com a fatalidade geográfica do esquecimento, por ser o único, talvez, que se abalança a alimentar a grande publicidade, construindo os monumentos literários do Amazonas, sem comprometer os seus créditos de cultura e de espiritualidade".

HUASCAR DE FIGUEIREDO

"A obra de Pericles Moraes, sua vida, seus hábitos, seus costumes, sua psicologia, suas preferências literárias revelam, claramente, o estado de alma de um homem que se realizou, mas que não foi ainda bem compreendido. Sua profunda sensibilidade, cuja delicadeza serve de base à sua grande estesia, demonstra que, apesar de seus setenta anos de existência, Pericles Moraes, tem essa sensibilidade de artista moço, senhor de uma alma jovem que o tempo não conseguiu cansar ou consumir".

ANDRÉ ARAÚJO

"Pericles é um dedicado pesquisador e um agudo intérprete. A sua crítica se inclina para a definição psicológica e sentimental do escritor de que se ocupa, sem descurar-se da análise propriamente literária da obra. Não isola no sentido, a fôrça do pensamento, porque prefere, em termos de análise, o cotejo das influências sociais da época. Tem razão, visto que, mesmo nas obras de ficção, na poesia e no romance, há inevitavelmente um cunho do tempo e do meio, que se alia às digressões do espírito".

AGNELLO BITTENCOURT

"Pericles Moraes, revelando novos processos críticos, analisa, em Coelho Netto, o psicólogo da palavra e o escritor romântico, as suas preferências literárias e mestre do conto, a galeria de retratos e os desenhos de imaginação, o romancista que introduziu no Brasil a

psicanálise de Freud, o milionário do período, o fascinante Rudyard Kipling brasileiro, que joeira vinte mil palavras em seus livros, o teatrólogo e o renovador do teatro nacional e, enfim, a influência das grandes obras em seu espírito, em que se salienta a Bíblia, fonte perene de inspiração. Cada capítulo pode ser facilmente desagregado para formar uma clara atitude, um seguro pendor do sr. Coelho Netto; e, ao mesmo tempo, todos se concatenam para definir-lhe a obra prodigiosa".

ÁLVARO MAIA

"CONFIDÊNCIAS LITERÁRIAS representa um dos mais lindos florões da inteligência sempre fulgurante de Pericles Moraes. Livro de ensaios magníficos em que o crítico aparece na sua plenitude solar, há nas suas páginas, trabalhadas com a paciência dos ourives meticulosos, uma cintilação permanente. Dir-se-á que o esteta não satisfeito de polir e repolir os seus períodos, sobre eles atirou mãos cheias de gemas preciosas e multicoloridas, para o deslumbramento daqueles que neles pousarem o olhar".

ARISTOPHANO ANTONY

"Não devo esquecer, ao fixar o perfil de Pericles Moraes — naturalmente muito aquém do real, pela imperícia do tracejador — uma particularidade do seu temperamento estético. A entrever-se, na sua conformação artística, alguma nesga de orgulho, limita-se à clausura da sua produção. Nem vaidade, nem retraimento premeditado, à sombra de egoísmo disfarçado. Única e simplesmente, amor intenso à perfeição".

JORGE CARVALHAL

"Pericles Moraes é hoje um nome consagrado na literatura pátria. A sua reputação de escritor e de crítico ganhou-a com várias e importantes obras, que lhe valeram triunfos magníficos. Capacidade invulgar de trabalho, invejável tino estético, alta dose de emoção e de beleza são qualidades que se encontram nesse excelso polígrafo".

ANÍSIO JOBIM

"Quem acumula ciência, a dor também acumula", este julgamento axiomático do Eclisiastes, vez por outra, tem incidido sobre a vida mental de Pericles Moraes. A independência e a erudição de sua inteligência contrairam-lhe desafetos necessários, se assim se pode

chamar àqueles que se não cansam nos propósitos inferiores da emulação fracassada".

MAVIGNIER DE CASTRO

"Não falta quem lhe perceba afinidades com as produções dannunzianas, como há quem lhe afirme profundamente afeiçoado, pela riqueza vocabular, às magnitudes de Coelho Netto. Percebo, entretanto, em tais juízos, comovente maneira de exaltação que se equidista da realidade, que não se ajusta ao intransigente personalismo que Pericles Moraes soube, desde "Figuras & Sensações", imprimir em sua obra".

MITHRIDATES CORRÊA

"Não será possível acompanhar, pela estreiteza de espaço de que disponho, capítulo a capítulo o livro sereno de Pericles Moares. Este já se fizera mestre com o volume "Coelho Netto e sua obra". Agora, com "A vida luminosa de Araújo Filho", fica nas letras pátrias como o nosso Mourois. Não conheço quem, no gênero delicado e difícil, lhe seja superior".

RAUL DE AZEVEDO

"Foi na prosa, não há dúvida, que Pericles Moraes conquistou renome. Depois dos labores do jornalismo, entregou-se aos trabalhos de vulto. Vieram-lhe as obras de meditação e acurado estudo, os livros, com que alcançou, em definitivo, nos meios intelectuais, a láurea da consagração".

SADOC PEREIRA

"Pericles Moraes sentiu diretamente a emoção que lhe comunicaram o estilo e o pensamento dos escritores que mais se transfundiram na sua organização mental, porque os leu nos originais: Dante e D'Annunzio, Carlyle e Emerson, Flaubert e Maupassant".

WALDEMAR PEDROSA

"Plasmando o seu destino literário, com as minúcias de um criador de antíteses — a sua vida e a sua obra, — Pericles Moraes foi, sempre, aos revérberos da ribalta humana em que combate, uma personagem incorruptível no seu papel de turibulário de Perfeição e soldado do Espírito".

RAMAYANA DE CHEVALIER

"Pericles Moraes amava a vida e só dela via as belezas. Era um cultor da forma e do belo. Já trazia consigo, forte e indestrutível, a alicerçar essa exteriorização, um espírito perfeito e modelado à forma dos Deuses. E derramava em nossos corações, os diamantes de suas palavras e a sua ternura pela vida".

JOÃO MACHADO

"Continuei e continuo admitindo e estimando, sem arrepios, o culto da beleza pura, da arte pela própria arte, culto que alcançou, em Pericles Moraes, como mestre incontestável do estilo, a extrema sublimação. Sua obra literária, nesses apurados domínios, libertou-se das contigências regionais, para urgir-se de autêntico sentido de universalidade".

COSME FERREIRA

"Os livros de Pericles Moraes aí estão como monumentos de sua labuta intelectiva e jamais se olvidará, para honra do autor e de sua terra, o poder criador de seu talento de escola nos diversos ramos literários de sua preferência".

ADERSON DE MENEZES

ACADÊMICOS TITULARES:

"Alguém disse, de Byron, que, ao nascer, todas as fadas benfazejas lhe dançaram em torno ao berço feliz: as fadas da bondade, as da inteligência, as da fama, as da beleza. A linda imagem se renova com justeza em Pericles Moraes. Também a redor de seu berço, ao vir para a vida, certamente cirandaram, meigas e dadivosas, as fadas boas da lenda bironiana, para untar-lhe a predestinação com os óleos santos da beleza e do amor, do talento e da glória".

GENESINO BRAGA

"Eis por que se ouvem, neste dia, as harmonias divinas, se sente o aroma das essências puríssimas, se ostentam as pétalas multicoloridas

das rosas da amizade, enquanto os monges do TEMPLO DAS LETRAS, reunidos, saudam o maior dos SACERDOTES DO PENSAMENTO que é PERICLES MORAES"!

LEÔNCIO DE SALIGNAC E SOUSA

"A impressão primeira da obra de Pericles Moraes guardo-a com mais carinho, precisamente porque não podia sacá-la do fundo da memória. Ela está sempre presente em mim porque é a minha mocidade que eu vejo, são os meus dias idos, são os meus quinze anos decorridos sem preocupações, sem sofrimentos".

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

"A estima, a ternura, a admiração que lhe tributam os espíritos ilustrados, surpreendem os críticos de um crítico, os ensaistas de um ensaista, no vasto campo da cultura universal. Pericles Moraes representa uma homenagem à nobreza mental do Brasil".

JOÃO MENDONÇA DE SOUZA

"Para todos nós cultores das letras, insistimos neste ponto: é tarefa difícil visionar a figura de Pericles Moraes. Diante de sua obra temos a impressão que entrevemos os pórticos dourados da suntuosa mesquita, envolvida pelo ressoar dos bronzes plangentes, à hora de se murmurar: Alá !..."

MOACYR G. ROSAS

"O estilo do autor de FIGURAS & SENSAÇÕES esplendem em cada página de suas obras consagradas. Brilho, colorido, vibração, plasticidade, elegância, música, sentimento e vida são qualidades inatas à formação literária do artista, constituindo as características siderantes de sua pena".

Pe. NONATO PINHEIRO

"Propositai ou não, o fato é incontestável: há nuvens remanchonas neste céu. Por gentileza não me faleis em velhice. Pois sei de

várias, sei especialmente de uma — e esta núvem se chama Pericles Moraes — que, à medida que se vão passando os tempos, mais vai crescendo nela o gosto pelas andanças, mais se alteia a alegria ante a descoberta de rumos até então impressentidos no azul. De resto, quando autêntica, a nuvem não envelhece. Advirto que cansaço também não justifica atrasos. Aceito a escassês de ventos, admito até a implicância. Em fadiga de nuvem é que não creio. A menos que não se trate de nuvem, mas de névoa, de bruma, ou sucedâneos".

THIAGO DE MELLO

"Guardo ainda viva, na memória, a suntuosidade que Pericles Moraes punha nos seus discursos, o vocabulário esfuziante no desejo de enaltecer os ilustres membros da Casa".

WALDEMAR BATISTA DE SALLES

Escritores Ilustres

"Na primorosa síntese que Pericles Moraes conseguiu elaborar, expõem-se deliberadamente "gigantes e pigmeus", embora reduzidas sejam as restrições, a ponto de conceder um saldo satisfatório para todos quantos ousaram esboçar algum dos panoramas da planície enigmática. Merecidos e justos os louvores a Alfredo Ladislau e Araújo Lima, incontestavelmente dois dos pintores que mais souberam sentir, compreender e traduzir aspectos da portentosa e desconcertante região".

Dom ALBERTO GLAUDÊNCIO RAMOS

"Tenho certeza de que, quando a sabedoria de um escola intelectual confia grandemente em um homem da estirpe de Pericles Moraes, é porque sente agarrar-se a si as raízes de uma fé igual. Pericles Moraes é um íntegro e sua alma foi criada para essa colenda colmeia, onde o saber, a virtude e a beleza empolgam-lhe o recôndito dos sentidos e absorvem por inteiro a sua preciosa vida".

Cel. FIGUEIREDO LOBO

"O estilo do ensaista é uma harmonia de magnificiências. A exuberância da paisagem amazônica. O tumulto, a influência do

D'Annunzio. Mas a mentalidade do autor de FIGURAS & SENSAÇÕES se nutre na França. Espírito de panejamentos cósmicos, com realces de malícia, de dúvidas, de agudeza, de plasticidade".

CLOVIS BARBOSA

"Do "Figuras & Sensações" ao "Coelho Netto e sua Obra", a sua cultura ganhou em esplendor e refinamento, distendeu-se o raio da sua visão de maravilhado, requintou-se na tortura da sua arte, e, por outro lado, classificou-se-lhe o pensamento, e a idéia desabotoa agora ainda mais transparente e mais lúcida".

VIEIRA DE ALENCAR

Péricles — como o famoso ateniense de igual nome — é um enamorado da Beleza e da Arte. Erudito, como os que mais o forem, ele não faz tarefa subalterna de rebuscador de imperfeições, não esmiuça detalhes secundários, nem se preocupa em descobrir e apontar lapsos nas obras que lhe merecem a atenção. Se é boa e lhe agradar, o seu louvor brota espontâneo e cintilante; se é fraca ou má, ele a esquece logo, em jamais escarnecer, melindar ou ferir o seu autor. Só o Belo o detêm, empolga e deslumbra".

PAULO COELHO NETO

"Entre modulações veludosas de cada período desse ensaio, ou melhor, desse blandicioso poema que se intitula — "Os intérpretes da Amazônia", o estilista magnetizante das "Legendas & Águas-Fortes" dá uma inteligente e compreensiva orientação a quem desejar iniciar-se com maior segurança nos mistérios da encantadora selva, em cujos recantos mais sombrios e afastados o cearense, sem precisar dos influxos da filosofia de Nietzsche, tem demonstrado o seu espírito de renúncia e de bravura, realizando a verdadeira dança sobre o abismo".

SILVEIRA FILHO

"Vivas sempre, meu grande Pericles, enamorado feliz da Arte, talhando e polindo, com o cinzel de Rodin, as formas provocadoras de tuas estátuas, arrancadas à rumorosa canteira do vernáculo".

REMIGIO FERNÂNDEZ

"A sua estima coerente e esclarecida de navegante nos meandros da composição literária, as linhas de simpatia com que sobretece a talagarça das idéias, a sã madureza do seu espírito, essa atenção e sobriedade que distinguem os bons servidores e apreciadores das altas cousas do espírito, tudo isso se revela em LEGENDAS & ÁGUAS FORTES".

ALBERTO RANGEL

"A vibrante e admirável organização literária de Pericles Moraes deu à VIDA LUMINOSA DE ARAÚJO FILHO a eloquência e a elegância de um panegírico, no rigoroso significado vocabular do gênero. Sua prosa talhada em período de recorte perfeito possui o movimento largo das prosas que respiram. Sente-se que o escritor, antes de principiar a escrever, abre todas as janelas do seu gabinete. Misteriosa, infiltrante aragem — não sei, não posso fugir a essa obsessão — a que reune em si a força e a harmonia dos jardins aristocráticos e das florestas indevassavéis".

JAYME CARDOSO

"Tanto em "FIGURAS E SENSAÇÕES" como em "COELHO NETTO E SUA OBRA", Pericles Moraes avulta como um dos mais completos críticos brasileiros. Ainda que o autor, no seu último livro, ajuste não ter tido, "a presunção de fazer um estudo crítico" em torno dos valores estéticos do maior escritor nacional, a sua visada, sua argumentação, o relevo de sua cultura, o saber defenir, sugestivo, sem arestas nem lantejoulas, a sua clarividência quase predestinada, o seu acerto comparativo, a sua lógica irretocável e, no fundo de tudo isto, a beleza clássica dos seus períodos, leva-nos a considerá-lo como um crítico severo, mas delicioso, como um analista, perfeito explodindo em tropos admiráveis, em símbolos aurilavrados, em neologismos felizes, sem resvalar da forma primária que lhe revela a majestade impressiva".

ABGUAR BASTOS

"Em todas as páginas de LEGENDAS & ÁGUAS FORTES, livro que eu quero bem como se fosse meu, há frêmitos de talento e arrepios de gênio. Para traçar "O fascínio da Condessa de Noailles" — "Anatole,

semeador de dúvidas — "Os intérpretes da Amazônia" — com aquele primor e aristocracia de estilo, com aquela visão inspirada, fixa e resistente de crítico, só a cultura complexa e aprofundada de Pericles Moraes fa-lo-ia tão espontaneamente perfeita e tão assombramente completa. Os seus livros são brilhantes, lapidados em todas as arestas e em todos os ângulos".

JOSÉ LEITE

"Escrevendo sem fincá-pés, com seguro senso das realidades, escrevendo quando tem alguma coisa a comunicar, Pericles Moraes conhece os filtros da comunicabilidade com os leitores. Chegamos ao capítulo "Paisagens duma vida". Sentimos coloridos de autobiografia. As confidências aqui não são apenas literárias. Percebemos a presença do novelista, aproveitando os episódios que a própria vida urdiu".

ELOY PONTES

"Pericles Moraes, embora voluntariamente se tenha enclausurado no tumulto imensurável da Amazônia, aí vivendo modesta ou egoisticamente afastado do resto do mundo, é, sem dúvida, uma das expressões mais legítimas da estirpe intelectual mais alta do Brasil".

PEDRO THIMOTEO

"Associo-me, com a melhor simpatia, à homenagem que a Academia Amazonense de Letras presta ao seu grande Presidente Pericles Moraes, - o patriarca das letras do Amazonas".

NELSON DE MELLO

"Em pleno tropicalismo, não obstante, Pericles Moraes, seguiu o conselho de Oscar Wide, fez da crítica literária uma obra de arte, quando a exercem outros como se fosse um curso de anatomia. Nunca seria ele quem deixasse cair na ebulição do seu entusiasmo a gota de água recomendada por Taine aos mais ardentes. O fogo transubstanciou-lhe a vida interior no âmbito da forja relumbrante, donde lhe sai moldada a estatuária".

CELSO VIEIRA

"O autor das FIGURAS & SENSAÇÕES prefere ainda oficiar no santuário da deusa indiferente. Senhor de um instrumento verbal de raro brilho, ele celebra os grandes artistas sonoros, que trasnformaram a arte num templo suntuário e fizera a música do estilo".

MÚCIO LEÃO

"Todos os capítulos do seu livro deram-me real prazer de inteligência. Ora é o crítico, ora é o erudito, ora é o estilista, ora o esteta, ora o homem em si, que aparece nas páginas doiradas das LEGENDAS E ÁGUAS FORTES".

ANTONIO AUSTREGÉSILO

PELA GLÓRIA DE CAMÕES

Moacyr G. Rosas

Não me vem à lembrança a época, no Amazonas em que os centenários camonianos, melhor fora celebrado do que este de sua morte (1980). Nós amazonenses devemo-lo ao soberbo esforço do escritor Dr. João Mendonça de Souza.

Camões posiciona no idioma português em aquela mesma privilegiada situação em que se acham Homero para o grego e Dante para o idioma gentil. Poderíamos citar mais, não fossemos avesso à literatura de lombada. Tanto a elegância conspícua como as condenadas arestas, que mais tarde os gramáticos codificaram, estão todas nidificadas nas monumentais obras dos preexcelsos poetas.

Sempre tivemos dúvida em saber o que é formidável no poeta, se o artista ou a consagração sangüínea dos velhos portugueses de outrora . Os seus biógrafos afrouxam umas cordas e apertam demais outras. Camões com todos os percalços da vida, era um valente apelido de TRINCAS FORTE e celebrou-se em versos lapidares, dizendo-se vulnerável só nos pés. Daí um seu patrício denunciá-lo: "Comprazia-se Camões nestas histórias façanhosas, chasqueando os pimpões de lá e os de cá, uns que nunca lhe viram às solas dos pés por onde unicamente podiam vulnerá-lo como ao herói grego. Acha-se tranqüilo como em cela de frade pregador, e acatado na sua força como os touros da Merceana. Preocupava-o fortemente a bravura. Como a metrópole da Índia portuguesa, não havia terra mais de feição para chibántes. Escrevia Francisco Rodrigues da Silveira: "Dentro em Goa se cortam braços e pernas e se lançam narizes e queixadas em baixo cada dia e cada hora, e não há justiça que sobre o caso faça alguma deligência: dando por razão que o não permita a Índia, porque cada qual pretende satisfazer-se por suas mãos de quem o tem agravado ("Memórias dum Soldado da Índia", Lisboa 1877). Os antigos biográfos e comentaristas não o condecoram

como quinhoeiro nos fastos das carnificinas memoradas. Seria grande elogio à primorosa probidade de Camões o excluí-lo desse canibalismo, dessa "... bruta cruesa e feridade," como ele invectiva na estância 99 do c. 4".

O desmesurado herói português de valor mais alevantado do que todos cantados por Luiz Vaz de Camões, é o seu próprio poema imortal. Houve, por acaso, mais exdrúxula vitória do que vencer a crudelíssima comissão julgadora do "Santo Oficio"? Só esse ato põe por terra toda a lamuriosa deploração deste oceano de gente que chora seu triste fado.

Centenas de versos do notabilíssimo poema dariam motivos de sobejo ao luceferino tribunal para arrastar o autor à fogueira ou à fria masmorra. Por coisa menor Antonio José, brasileiro, foi queimado vivo, e antes de morrer viu a mãe com as mãos decepadas. Se a fortuna do gênio de Camões não tivesse um bem azado norte, o poeta teria sido logrado como fora no inferno o amante de Eurídice.

O amor filial que se procurou avidamente no inspirado lírico, até hoje ainda não foi encontrado. Se isso não se justifica em um cristão, ao menos atenuante à minha áspera observação, é não ignorar ser normal o desamor que nutriam pela família os poetas da renascença. "Isto — escreve Camilo Castelo Branco — não desdoura a sensibilidade retórica do cantor de Inez e de Leonor de Sá; mas vem de molde para notar que do poeta para com seus pais não se encontra um hendecassilabo que lhe abone a ternura".

Aqui vem a calhar a dolorosa interrogação: Terá Camões conhecido a mãe? Comenta o autor moderno:

"Não há certeza sobre se a ANA DE SÁ que figura nos documentos relativos às tenças como MÃE de Luiz Vaz de Camões, o haja sido de fato apenas segunda mulher de Simão Vaz. Mariz dá-lhe o nome de Ana de Macedo, "mulher nobre de Santarém", no que concorda Severim de Faria. Para o mistério que a envolve, concorrem os versos: "Quando vim da materna sepultura / De novo ao mundo, logo me fizeram / Estrelas infelices obrigado... Foi minha mãe uma fera; que o destino / Não quis que mulher fosse e que tivesse / Tal nome para mim: nem a haveria. "E é tudo quanto Camões escreveu acerca de sua ascendência e infância".

D. Carolina Michaelis revelou que a exploração da família, neuropata, que era os Vaz de Camões, aconteceu em Luiz. E a respeito do ardoroso amor mil vezes declarado pelo fogoso estro do poeta, é contestado pela sua deshumana atitude em ter abandonado à morte uma jovem mulher, sua amante de nome Dinamene, para não perder no naufrágio o manuscrito da odisseia das glórias portuguesas. Todos, ou quase todos os seus biográfos têm louvado o sacrifício que fez, deixando o mar indômito de levar a mulher amada, para salvar o que já havia de "Os Lusiadas". É sabido que o vate imortal era um dos mais eruditos homens do seu século; não é para admirar, portanto, que ele conhecesse as tumultuárias teses agitadas no VI séc., no concílio provincial de Macon, onde se discutiu para saber se a mulher tinha ou não alma...

Ainda sobre aquela "moça china", Afrânio Peixoto disse em DINAMENE, ALMA MINHA GENTIL, que não é ninfa ou nereide de Homero ou de Hesíodo, mas em transposição ocidental , o verdadeiro nome TINAM — MEN da formosa amada de Camões, o que significaria em português - PORTA (Men) DA TERRA (Ti) DO SUL (Nan).

Além destes tropeços ainda há muitos outros, como aparece, infamante acusação de que fizera mão baixa nos valores que estavam a sua guarda, na qualidade de respeitável Provedor dos defuntos e ausentes de Macau. A elevação do nome do colosso da musa portuguesa deve-se ao romantismo. Antes vivia mais ou menos na penumbra das letras nacionais. Nomes de talento que se ocuparam de sua feição literária, como Luiz Antônio Verney e José Agostinho de Macedo, apoucaram-lhe a estatura espiritual, com os ataques escaldantes — como observou Camilo. "O que não parece novo nestes traços será uma justificada emenda aos erros dos biógrafos antigos e recentes em que nomeadamente avultam os senhores visconde de Juromenha e doutor Theophilo Braga que segue muito confiado aquele miúdo investigador com uma condescendência extraordinária para escritor que tanto averigua" "BOHEMIA DO ESPÍRITO, p. 171".

Entre centenas de milhares de peças contornando Camões e sua Obra, quicá as mais sintéticas e lúcidas, são as de Latino Coelho e Joaquim Nabuco. Estudos suspendendo colunas votivas de luz em alguns ângulos da obra capital do magistral aedo, superiores aos dos dois

autores, a menos que eu ignore, não existem. Tal culto é a peregrina mensagem de beleza e profunda cultura, que refulge ali, vasada no mais puro oiro da língua portuguesa. Os quantiosos dramas recordando a deploravel vida do poeta soldado, embora levem-na ao povo, são a mor das vezes, engordados de pantomimas.

Pois bem, foi nesta floresta imensa que o dr. João Mendonça de Souza conseguiu nos dar, em edição de luxo, quase 700 páginas, focando as regiões invias por onde andara e se perdera o épico incomparável, que amara tantas mulheres e esposara a miséria. Além de capacidade incomum do escritor brasileiro João Mendonça de Souza, há de se salientar sua grande admiração à figura maior do nosso idioma. Não fora isso não teria passado das águas rasas à semelhança de Afrânio Peixoto, que jamais escrevera um longo estudo ao poeta de sua estima. "Camões —escreve T. Braga — é perfeitamente insuportável e, se não fosse um patriotismo mal compreendido, os portugueses cultos di-lo-iam inferior a muitos outros escritores, portugueses, sobretudo entre os contemporâneos". O Solitário de São Miguel de Seide encerrou o seu "Luiz de Camões" IN BOHEMIA DO ESPÍRITO, assim: "Permita a Providência das nações que os LUZIADAS não sejam a majestosa mortalha que Luiz de Camões deixou a Portugal".

CAMÕES e a Epopeia de OS LUSIADAS" de João Mendonça de Souza é uma autêntica obra amazônica à altura do Gênio português!

ÁRVORE EM CHAMAS

Epaminondas Barahuna

O Opala amarelo-primavera corria célere, no limite dos oitenta quilômetros recomendados pelo figurino legal, devorando a faixa preta do asfalto da rodovia AM-010, em busca de um agradável fim de semana na vizinha Itacoatiara, quando foi surpreendido por demorado e pesado temporal. Inesperado porque as circunstâncias não pareciam justificá-lo. Chuva torrencial, intensa, se precipitava acompanhada de cerrada fusilaria, provocada por faiscas e trovões que estrondeavam ecoantes pela selva adjacente, assombrando a bicharada. Uma cortina líquida e branca encobriu de pronto a paisagem verdejante da mataria e obrigou a redução da marcha a um mínimo, com a colaboração dos faróis acesos, o que era correspondido pelos raros veículos em sentido contrário que se aventuravam naquela difícil contingência. Um autêntico aguaceiro peculiar dos trópicos.

Demorou bastante antes que o tempo clareasse e saíssemos daquele tumulto meteorológico e a viagem pudesse prosseguir no seu rítmo normal. Toda a turbulência ficara para traz, mas não tardou muito a encontrarmos, à margem da rodovia, uma dramática manifestação da sua passagem: uma árvore em chamas em campo aberto, possível vítima indefesa de um raio, já que ela se encontrava na esteira da tormenta, sem esquecer como hipótese que o fato poderia ser obra de mãos descuidadas, passantes por alí, despreocupadas, desprevinidas. De resto, aquele fogo não estava ocasionando nenhum prejuízo palpável, se considerarmos que a vítima já era defunta. Estava morta há meses, depenada da rica folhagem dos bons tempos e tinha o tronco ressequido, apropriado para aquela espécie de expiação.

Do ponto de vista material, nada a perder, nada extraordinário, mas o espetáculo daquela velha árvore em chamas, isolada, de braços

abertos para o céu, tinha alguma cousa de humano, de pungente sofrimento.

De braços erguidos, como se a clamar por vão socorro, estava amortalhada num manto de lianas e folhas secas pendentes, que mais facilitavam o flagelo. Todo o grosso caule estava em chamas, avermelhado de brasas. Parecia que se lhe podia ouvir os lamentos, os gemidos surdos da agonia dos que se findam. Evocava aquela figura do suicida, que no auge do desespêro, atira irreparável fogo às vestes. Assim se apresentava a velha árvore, ardendo, sofrendo, mas de pé. O seu drama irradiava força para comunicar-se aos que passavam, pois não foi só este cronista o único a captar a sua triste mensagem. Todos os companheiros de viagem, José Cidade e o motorista Santos, captaram-na, sentiram-na, interpretaram-na e comentaram-na.

A tarde sombria, escura, servia de pano de fundo e mais realçava o vermelho daquele curioso incêndio. Mas o Opala amarelo-primavera não se deteve para acompanhar a cena torturante. Talvez fugisse. Prosseguiu rolando conquistando novas distâncias entre margens desmatadas, mas salpicadas de árvores mortas, secas, como aquela vítima do fogo, que também estendiam braços aflitos em direção do céu. Todavia mortas, cadáveres que recusavam tombar. Observando-as ainda sob a marcante impressão do espetáculo precedente, ocorreu-nos recordar o quanto havia de razão e melhor inspiração no pensamento daquele poeta, quando disse que "as árvores morrem de pé". Absolutamente real a observação. Lá estavam dezenas delas, sem vida, esquálidas, nos campos laterais da estrada, em lento processo de decomposição, mas ainda de pé, na posição dos bravos. Recusavam assumir a postura vulgar dos mortos: tombar, deitar, ficar num plano horizontal e assim permanecer até total desaparecimento.

É possível que a emoção causada pela banalidade daquela árvore pegando fogo, possa parecer exagerada ou fantasiosa. Poderia ser sugerida por um estado d'alma, uma predisposição para a nostalgia. Entretanto, não era este o caso, já que estavamos iniciando um fim de semana, com as melhores perspectivas de sucesso. Mas, provavelmente, é possível que estivéssemos diante de um caso de atavismo. Pessoas nascidas no interior da mais pujante floresta do mundo, associamos

inicialmente as nossas vidas aos condicionamentos do compacto arvoredo, que inconscientemente sentimos e interpretamos melhor, com mais amor e carinho. Daí o efeito psíquico, o pequeno trauma causado por aquela velha madeira em labaredas. Não lhe identificamos o nome, a família vetegal a que pertencia, nem a idade avançada, traduzida pelo desenvolvimento do caule. Interpretamos apenas as conotações humanas do sofrimento que naqueles derradeiros momentos, ela sabia transmitir aos passantes descuidados como nós.

Na próxima viagem à simpática cidade de Itacoatiara, certamente o local onde ela ardia e se consumia estará vazio. No solo subsistirão apenas cinzas e restos de madeiras enegrecidos, remanescentes da carbonização.

Repousa em paz, árvore desditosa! Ã tua memória dedico esta crônica!

O RETORNO DA POETISA

Genesino Braga

Enganou-se quem supunha combalido, talvez desvanecido, aquele ardente estro poético da adolescência, em nossa inesquecível Violeta Branca. A inspirada poetisa de "Rítmos de Inquieta Alegria", por todos estes tempos de singradura em seus extensos mares da vida, jamais perdeu uma centelha sequer daquele fogo da imaginação criadora que a fizera engastar, em versos de graciosa tessitura, as peregrinas imagens de sua prodigiosa concepção. Nem a chama da beleza espiritual, que tanto lhe inflamara o sentimento de estesia, ao menos se atenuara, ou arrefecera, daquele poder de transubstanciação de idéias, de pensamentos, de fantasias, exuberante nas suas formas da expressão poética.

Vai voltar a nós, com os seus poemas, — novos poemas — a fascinante poetisa amazonense. Aquela talentosa moça, que, há anos, com os seus versos de rimas soltas, de rítmos quentes e imagens altas e impetuosas, — na louçania de sua formosura e nos encantos de seu bem formado coração, — conquistara o então evoluído meio literário de Manaus e ascendera a uma poltrona da Academia Amazonense de Letras, vai retornar com outro livro de poemas. Com outro livro de poemas, estes compostos no decurso de seu longo recolhimento a um mundo que absorvera a sua alma delicada e sensível, escondendo-a para que não a desnudasse diate de nós, com as imagens que ia modelando em seu degredo de amor e felicidade.

Quando se nos despontara poetisa, ainda na adolescência, Violeta Branca ofereceu, ao mundo culto de Manaus, com o seu livro "Ritmos de Inquieta Alegria", o encanto violento de uma revelação Os poemas nele reunidos haviam sido encomiados, ainda no original, por um dos pontífices das letras pátrias, com assento na Academia Brasileira de Letras: Rodrigo Octavio, — que viu ali "versos heróicos, triunfais,

nervosos", para em seguida acentuar: "Nos seus versos há poesia e, no ritmo que lhes sabe dar, (...) há música, há suavidade, há harmonia, enfim, enriquecidos, por vezes, da graça de rimas irregulares e díspares". E o plenipotenciário das letras amazônicas, o nosso saudoso Pericles Moraes, dedicando ao livro extenso texto crítico, sob o título "Exaltações da Poesia Tropical" escrevera: "No mundo rico e colorido das suas concepções, vamos encontrando os mosaicos transiúcidos da sua surpreendente imaginativa, tais como "flexas de sol", "O sangue das estrelas", "peixe de ouro", "lâmpadas de sonho", "sandálias de musgos", "espada feita de luar", "desejos já consumidos", "palavras de gelo e de sol", "deuses de asas e patas sangrando", "beijos dados sem gosto", "missangas de sóis extintos" "canções trazidas das distâncias" e "o sol encondido no peito / como uma flor rescendente / num fim de tarde outonal".

"Deita na rede branca dos meus braços", "meu beijo alimenta como o pão", "meu corpo é fruto de outono", "sou fragmento de som / que não possui melódia", "tenho ânsia de beber nas tuas mãos morenas / o sangue das estrelas, dos amores, das verbenas", — são algumas pérolas, estas, da impetuosa imaginação criadora de Violeta Branca, respigadas, aqui, ali, de seus recentes poemas. "Amo em ti a minha própria presença, / a continuação de minha alma nos teus gestos, / a liberdade do meu pensamento nas tuas idéias", verseja ela em "Narcisismo". Em "Música silenciosa", sussurra: "Meus dedos trouxeram / o morno perfume do teu hálito / e a música silenciosa do teu beijo". Suplica, no Divino delírio": "Deixa-me beber na tua mão / o vinho mágico / da vida criadora da beleza e da emoção". E chora, desiludida, em "Reclusão": "Minhas mãos carregam séculos / de bondade e de ternura, / mas não encontro terreno / para plantar o amor, / nem um recanto discreto / para semear o que sinto".

Por onde terá andado a poetisa?, que fizera a nossa inquieta sonhadora, por todo este longo tempo de sua ausência na lavra da Poesia? É o que nos responde com o poema "Reencontro", que abre o livro e a este empresta o nome. A viagem que empreendera pelo País dos Sonhos, ali a descreve, de alma serena, sem ressentimento e sem amargor. E a sentir clamarem no sangue o desejo e a volúpia de

reencontrar-se. Ela conta, então, que na curva da lua nova perdera os seus sapatos ("Percorri tantos caminhos..."); nas cordilheiras geladas procurara a rosa branca; fizera as milhas encantadas que o mar lhe convidou; seguira o rumo das águas em busca da liberdade; no chão áspero criara raízes com seu livro "Ritmos de Inquieta Alegria", o encanto violento de uma revelação.

"Na Amazônia, pode-se dizer, Violeta Branca é a poetisa supersensível e reflamejante que lhe domina os horizontes da literatura: "Ritmos de Inquieta Alegria" é um livro de delicadezas.

Intitula-se "Reencontro" o livro de poemas com que, a poetisa querida vai nos reaparecer. Um reencontro aliás, que interpretamos ser talvez com os que soubemos entendê-la e sentí-la em suas emoções densas e trepidantes, em sua inquietude irreprimível e nas formas puras de expressá-las e vivê-las através de seus versos; e não reencontro com a poesia que esta, em sendo-lhe congênita, sempre subsistiu em força e substância dentro da sua alma, no mundo maravilhoso em que se refugiou, nimbada pelo clarão privativo dos seres presdestinados.

Em "Reencontro", que está em vias de ser impresso, há versos de ontem e versos de hoje, mas estes em número consideravelmente superior. E é por estes que reencontramos a poetisa na plenitude de sua essência emocional, agora mais vivida, mais humana em seus deslumbramentos e no pleno domíinio de razões estéticas mais profundas e concisas. Poemas no-los traz Violeta Branca, neste seu novo livro, — cujos originais temos em mãos, — dos quais as imagens, de tão nítidas e lúcidas, saltam animadas e espontaneas para integrar-se no seu ritmo da verdade.

E prossegue a narradora iluminada: "Criei um deus sem complexos, / fiz milagres de ternura, / ganhei troféus e palavras. / Contornei ilhas e portos, equilíbrei-me em abismos, / fui amante do pecado, / noviça pura a fremente. / Rasguei silêncio e veias, / preguei no deserto imenso, / desembainhei a espada / e degolei a ignorância. / Depois, ofereci aos humildes / a verdade do que penso".

E concluiu, Violeta Branca, o seu formoso poema da autobiografia do seu sonho poético, enunciando os seus desígnios: "Agora quero

outra vez / recompor a minha forma, / recolher os meus pedaços, / novamente ser mulher".

E indaga, então: "Mas onde encontrar minha presença, / meus passos, gestos e gritos, / minha fala, meu amor, / a idéia apregoada / de todo o mal maior: / na curva da lua nova, / entre os seres aflitos, / ou na amarga solidão?"

Auspicioso reencontro terão, em breve, as letras e os letrados amazonenses com a sua inesquecível talentosa poetisa, pelas páginas desse maravilhoso "Reencontro" que Violeta Branca nos promete. E para breve.

O POETA LEOPOLDO PERES

Violeta Branca

Trago da pátria verde das iaras, "da cobra Norato" do meu genial amigo Raul Bopp, do grandioso "Circo sem teto da Amazônia", do super inteligente, incompreendido e esquecido Ramayana de Chevalier, da terra das constantes surpresas e riquezas fabulosas, do encontro dos dois líquidos titãs –Amazonas e Negro — imagem inesquecível da força telúrica da natureza explodindo na potência de uma beleza fabulosa e indescritível; das lendas encantadoras da mãe d'água de cabelos longos e aromais como os cipós que descem das grandes árvores nas soturnas florestas, do uirapuru feiticeiro, do muirakitã — a pedra da felicidade — , do guaraná que foi encantado pelo poder maléfico de Jurupari o deus das trevas, das Amazonas, bravas mulheres de quem dizem descender o nosso herói Ajuricaba e todos os barés, na aparência passivos, mas na verdade valentes, astutos, maliciosos e sobretudo determinados e corajosos na defesa dos seus atos e idéias, a figura humana, personalíssima, inconfundível de Leopoldo Péres.

Vou fazer um breve apanhado de sua vida inquieta e curta, porque o meu desejo é falar sobre o poeta de profunda sensibilidade, o enamorado da beleza, o sensitivo que, cioso dos íntimos sonhos, escondia os seus formosos versos, deixando apenas que os mais chegados amigos tomassem conhecimento deles.

Leopoldo Peres foi como um meteóro; passou brilhando esplendoroso na sua breve trajetória. Morreu moço com apenas 46 anos incompletos em 1948 em pleno vigor físico e intelectual, enquanto discursava no plenário da Câmara Federal num debate áspero com um outro deputado. Seu corpo físico terminou a missão terrena, mas o seu ser cósmico, a sua parte eterna e imponderável, continua viva, porque a inteligência, luz divina, não acaba com a matéria.

Homem dinâmico, passional, amava a vida na sua máxima plenitude. De imensa e sólida cultura, conhecedor profundo da literatura francesa, mestre da língua portuguesa, Leopoldo Peres encantava a todos que dele se aproximavam, não somente pela magia da palavra fácil, colorida, expressiva, da inteligência e do coração constantemente abertos, como pelo garbo pessoal sempre muito elegante no vestir e no tratar.

Tribuno fascinante, político honesto, verdadeiramente honesto, deixou a família, mulher e filhos todos menores, pobres, sem casa própria, sem outra herança além de uma grande biblioteca, rico manancial de sabedoria. Advogado, mestre querido e aplaudido por seus alunos que nele viam não somente o professor emérito, o amigo que os ajudava e incentivava, mas também uma enciclopédia que tudo sabia e explicava. Muitos e muitos de seus alunos se tornaram homens ilustres, intelectuais brilhantes como, por exemplo, o nosso caríssimo Carlos de Almeida Barroso.

No Amazonas Leopoldo Peres é um símbolo. Foi fundador da Associação Amazonense de Imprensa e um dos mais antigos sócios da ABI. Primeiro secretário da Academia Amazonense de Letras onde brilhou no esplendor da sua vigorosa intelectualidade. Publicou os seguintes livros: "Política e espírito do regime"; "União sagrada pelo Brasil" e "Getulio Vargas o Homem e o Chefe". Colaborou em todos os jornais e revistas da Amazônia e em muitos outros de todo Brasil. Foi também o fundador da Ordem dos Advogados do Amazonas, deputado federal pela constituinte de 46, catedrático de direito constitucional, de português e literatura. Foi autor e presidente do projeto da valorização da Amazônia.

Quando Leopoldo Peres ia atuar num júri, a polícia estava sempre presente para reprimir a invasão ao recinto do Tribunal. O povo admirava sua oratória fluente, empolgante, as suas respostas prontas e combativas, os seus conceitos justos, inapeláveis, as suas vitórias certas.

Muito devemos nós, amazonense, a esse pernambucano vindo dos canaviais de engenho "Pirapama" - menino ainda para se fazer grande

na terra generosa que muito amou. À sua luta, ao seu dinamismo e perseverança no trabalho exaustivo contra opiniões e barreiras, o Estado do Amazonas deve o recebimento da justa indenização dos territórios do Acre, de Guaporé, do Rio Branco.

Leopoldo dizia sempre que esse fato o gratificava por tudo na vida.

Vou falar agora no Leopoldo Peres poeta. Poeta sensível como as águas dormentes dos igapós que ao leve sopro da brisa se encrespam mansamente num jogo sutil de sombra e luz.

A sua poesia é livre como os condores altaneiros, os ventos velozes, o pensamento dos sonhadores que não conhecem limite para a fantasia. É inspiração que vem espontânea da fonte milagrosa que se esconde na alma sensível dos que embora sofridos e amargurados tem o dom divino de descobrir na profundidade insondável dos abismos, flores abrindo como pequenos sóis transfigurados, asas coloridas buscando a liberdade convidativa dos espaços, sussurros de anjos na voz de córregos limosos, gestos de amor em mãos assassinas.

A sua sensibilidade, agudíssimo punhal que penetrava profundamente nas coisas emotivas e saía banhado com o sangue da verdadeira poesia, compunha poemas como estes:

MULTIPLICIDADE DO SER

Onde fica um pouco de nosso coração
e do nosso espírito,
aí deixamos sempre uma parcela
embora infinitamente pequena
do nosso ser.
A alma da gente vive assim
dissiminada por tudo o que tem
um frêmito do nosso amor.
Felizes pois os que amaram muito
porque se multiplicaram
na distância e no tempo,
na essência de outras almás.

TEUS OLHOS

Os teus olhos de âmbar
são duas fontes de magia
a entrada da floresta maravilhosa.
Na ânsia torturante de saber
as verdades eternas da tua alma
debrucei-me um dia sobre elas.
E minha imagem ficou para sempre
no espelho das águas profundas.

A ALMA DAS TUAS MÃOS

Como velas brancas num mar
de pétalas brancas, as tuas mãos
sobre o teclado ondulante, tem gestos
de súplica e gestos de adeus...
A alma de Schumann, num ambiente velado,
como um abismo harmonioso
freme, soluça e sofre como
num espasmo final de volúpia
ou de morte.
E as tuas mãos imaterializam-se
tem alma: a tua alma feita essência sonorisada
nas tuas mãos.

TEU SONHO

Vivo dentro de ti mesmo
nos cenários interiores dos teus anseios e enlevos
das tuas dores, das tuas alegrias.
Na tormenta e na vertigem
da vida lá fora,
ser homem como os outros homens
sem revoltas.

Não envileças na luta áspera
o teu sonho de beleza.
Diante dela a alma traz sempre assim
como um jardim fechado
de fontes silenciosas.
E nunca leves a escutá-las
nessas alamedas luminosas de encantamento
senão as tuas sombras amadas.
Com estas, sim,
faz um lindo colóquio cordial
e ouve a voz magoada,
enternecida, dulcíssima das fontes
misteriosas e silentes da emoção.

Estas filigranas cinzeladas por um verdadeiro artista fazem parte do único livro de poesias que Leopoldo Peres escreveu e não chegou a publicar: "Jardim das fontes silenciosas".

Os seus poemas não são descobertos e sentidos ao primeiro contato. É preciso "bebê-los" como um vinho de raras frutas sumarentas amaduradas ao tempo de horas sofridas, para levá-los ao coração e à sensibilidade.

Vou dizer o último poema, o que mais me toca a sensibilidade, e que me leva também a um sofrimento que o tempo apenas consegue cobrir com um manto de bruma, pois, acompanhei dia a dia, dor a dor, a angústia e a desesperança do trágico destino da filha amada para quem Leopoldo escreveu esses versos de uma ternura magnífica e comovedora.

OBLATA

Filha, no dia dos teus anos
todo um mundo de evocações alvoroça
minha alma enferma.
Dir-se-ia
por entre as sombras do outono
as vozes melancólicas do crespúsculo

que se aproxima,
uma como ressurreição maravilhosa
uma festa de cores e de ritmos
a clarinada da tua mocidade
e da tua alegria.
Foste, para os dois seres que te deram o ser
a síntese de uma enorme,
inexprimível ternura
a flor humana
em cuja radiosa corola,
toda a inquietação,
toda a essência de um grande amor
se condensou
sobre o teu berço de rendas e de lírios
nós nos debruçamos de almas entrelaçadas
e emocionadas
como sobre o amanhecer de um mundo novo,
como sobre a indecisa promessa
de uma alvorada sonora.

Hoje no esplendor primaveril da tua adolescência
no luminoso alvorecer da tua juventude
enflorada de sonhos,
coroada de rosas,
latejante de todos os ritmos criadores
propiciada por todos os dons magníficos da beleza,
és ainda para nós ambos o motivo supremo
de uma suprema inquietação,
a inquietação do teu futuro
a indagação do teu destino.
Sobre o teu destino.
Como sobre o berço de rendas e de lírios
na hora inaugural da tua existência,
continuam debruçadas,
entrelaçadas
as duas almas de que surgiste

para a glória de viver.

É que ao teu destino, filha
hoje como ontem.
reside toda a infinita esperança
a promessa e a bênção
a justificação
de um grande amor.

A poesia de Leopoldo Peres tem, sinto eu, a nostalgia dolorida típica dos sensitivos que buscam através dos sonhos e das sensações, algo indefinível que concretize milagrosamente a realização da perfeição total, coisa impossível no cotidiano tão burguês da vida que se tem de viver na realidade insofismável.

Seus poemas trazem também uma mensagem de amor porque são o reflexo luminar, o espelho supreendentemente mágico do esteta de inteligência privilegiada, belo, atraente, culto, que marcou uma época no Amazonas e que até hoje, através de gerações, ainda é lembrado com a admiração e o respeito que merecem os grandes homens.

ABGUAR BASTOS — SESSENTA ANOS DE LITERATURA

Mário Ypiranga Monteiro

Assinalo com muita simpatia o transcurso dos sessenta anos de vida literária de Abguar Bastos. Eu o conheci em Manaus nos idos de 1929 quando por aqui andou desterrado o autor de "Cacau" e formavam com os mecenas Clóvis Barbosa brilhante confraria habitual da Leitaria Amazonas. Depois perdi de vista ao Abguar, que exercia funções de promotor no interior do Estado. Minhas viagens pelo interior do Amazonas, rios Negro e Amazonas, naquele período que sucedeu ao processo revolucionário getulino separou-me das agradáveis tertúlias. Há uns quatro anos atrás, a convite da Secretaria de Cultura de São Paulo, estivemos juntos no Simposium de Folclore. Abguar me esperava fidalgamente no aeroporto a fim de rever-me, pois não mais se recordava do garoto de ontem. Acompanhava-o essa boníssima criatura que é Alfredo Rabacal. Não reconheci ao Abguar, para meu desgosto e vexame. Diferente no aspecto físico, mas não no trato gentil. Participamos já de dois Simposiuns de Folclore em São Paulo, como conferencistas e debatedores e neles o romancista e o sociológo sempre exibiu aquela facilidade de retenção tanto dos fatos pregressos como da cultura polimorfa. O romancista vigoroso de ontem não feneceu no sociológo de hoje. Abguar Bastos continua desfrutando daquele prestígio que o tornaria, há sessenta anos atrás, famoso no panorama modernista nacional. Sua brilhante conferência em Manaus sobre o movimento não contou com a presença dos literatos "atualizados", isto é, dos que não nasceram no princípio do século.

Abguar Bastos, cuja obra magnífica (ficção e ensaio) representa para nós uma conquista permanente do pensamento erudito posto em circulação, é um homem que continua atualizado e dinâmico, agora à testa da U.B.E. Alguns autores do ciclo modernista brasileiro acabaram

bissextos e apaziguados na aposentadoria literária numa primeira consagração que seria também a última da sua espécie. A fama de "haver sido" não lhes pareceu suficiente estímulo. Este "haver sido" não deve ser tomado à conta de pejorativo ou de insinuação maliciosa. Um autor como José Américo de Almeida, recentemente falecido, apenas confirmou a tradição do banguê que José Lins do Rego esplorou até a seve. Não compreendo essa defasagem, mas um exemplo que não pode deixar de ser encarado é o de Jorge Amado estabelecido no latifúndio do cacau e suas imediações, um ciclo permanente e variado.

Existem altos e baixos na vida do escritor, vida artística. Eles param de repente no meio da estrada de perspectivas alentadoras e tomam derivações outras. Com Abguar Bastos aconteceu: enveredou para o mito ficcionista de "Somanlu" e daí novamente derivou, agora para abordagem social. Seria uma espécie de retorno sem compromissos à estaca primitiva, levando-se à conta que a sua ficção foi mais de ordem social do que romântica. Um ciclo eminentemente sociogênico. Encarado por este lado prático a obra amazônica de Abguar Bastos (possuimos as primeiras edições adquiridas em Manaus naquele período de enfase universal do modernismo programático e editorial) podemos manter a convicção absoluta de que uma síntese brilhante de costumes e ideológias regionais aponta na qualidade de arquétipos que tanto romancelhos como contelhos atuais não portam nem chegam a encausar parâmetros. É uma obra de retenção fotográfica do atualismo social que foi passado planetário. A força de expressão dessa obra (como de outras) desmente a ingênua predisposição para negar a constante expressionista e impressionista da arte entre nós.

Sessenta anos de prodígiosa efervescência intelectual garantem imunidades para um autor que foi testemunha atuante e vibrátil da transformação, na Amazônia, do pensamento intelectual. Bem hajas, benquisto e imorredouro Abguar Bastos, e brindemos essa velhice gloriosa com uma cuia de saboroso uaçaí.

UMA ANÁLISE CRÍTICA DE CONTEXTO SÔCIO ECONÔMICO

I

Abguar Bastos

Estamos diante de uma obra que, por todos os títulos, deve figurar nas estantes dos estudiosos: "Fatos da Literatura Amazonense", de Mário Ypiranga Monteiro. À primeira vista, pode aparecer tão somente um panorama das atividades literárias no Amazonas. Mas, a verdade, é que se trata de um verdadeiro repositório de proposições básicas para o exercício da crítica literária .

Várias têm sido as modalidades conceituais da aplicação crítica; os que colocam o escritor no seu tempo e analisam as influências ambientais; os que buscam as tendências do autor em suas origens e na colocação do seu nível social; os que avaliam as pressões psicológicas imanentes, tais como complexos vários, condições difíceis de vida ou mesmo as que são ditadas por aberrações ou anormalidades, que podem ou não invadir áreas sensíveis da patologia; os que analisam a produção em si, levando em conta o tema, a arte e a estrutura da linguagem.

Todas essas prospeções laterais ou marginais têm por objetivo ficar os autores na exata dimensão de suas qualidades artísticas, aliadas às posições e atitudes na vida.

Nos tempos atuais, muitos levam em conta, igualmente, as flexões ideológicas do autor.

Estas seriam, sem dúvida, as modalidades críticas que buscam definir as preferências objetivas dos escritores, a partir de suas personalidades.

Mas há outro processo: o de estudar as estruturas econômicas da região de onde emerge e trabalha o ser examinado.

Mário Ypiranga Monteiro é o primeiro, com alta seriedade, no

que se refere à Amazônia, a integrar a análise a esse processo e desenvolvê-lo em relação à Literatura da Amazônia para, em seguida, fixar a trilogia pioneira dos romances da região.

Por isto mesmo diz, como intróito:

"Seria de todo desnecessário repetir que não há ainda um estudo formalizado das condições econômicas locais em função direta e / ou indireta na literatura strictu senso, em termos de suporte temático e não absolutamente de móvel liberador de recursos promotores da literatura".

Parte, assim, o crítico, dos ciclos evidentes e substanciais da economia da Amazônia para terminar os móveis eclosivos dos protótipos literários ressaltados em sua investigação. Desde logo adverte quanto às somas aferidoras dessa sistemática e divide os ciclos em **extrativista** (da droga do sertão à seringa); **escravatura** amarela (índios); pesca; escravatura negra; agricultura; indústria pastoril e outras. De aí para a frente, a crítica passa a distribuir as gerações de influência do que chama de ciclos econômicos influtivios.

Dentro do período da escravatura indígena, acha que esta "poderia de fato ter aberto a porta à epopéia", mesmo mediocremente. E aponta o poema **A Muhraida,** de Henrique João Wilkens, oficial de milícias, como um padrão literário com base na escravidão do índio. Em seguida o crítico chega ao ciclo do cacau, para aí situar a movimentação do primeiro esforço literário, realmente consequente.

Aqui há um esclarecimento: não se diga que o romance, teatro ou poesia, para obedecer aos ciclos, devam tematizar o objeto de produção dominante.

Diz Mário Y. Monteiro que sem vinculação direta ao prioritário econômico, foram obras que

"dependeram do surto econômico, à outra luz, por que os intelectuais se **fizeram** (g.n.) naquele ambiente de relativa expansão capitalista e ascese médio-burguesa, ou suas obras estão sincronizadas, relacionadas de perto com o clima patriarcal vigente"

Assim, o **Missionário** e **O Cacaulista** (romance) e os **Contos Amazônicos** de Inglês de Sousa; os romances **O Selvagem** e o teatro **O Cedro Vermelho** de Francisco Gomes de Amorim; e **Simá** (romance) de Araujo Amazonas, são objetos impregnados dos fatos relacionados com a produção primária, de um lado, e a escravidão indígena, do outro.

Sobre esse período, Mário Ypiranga Monteiro esclarece que se o cacau "não precipitou uma literatura ficcionista (...) como tensor do patriarcalismo e do edênico (...) pelo menos alimentou as idéias pioneiras e criou condições sociais de participação". E acrescenta: "instaurou-se no ruralismo/urbanismo, uma sociologia do chocolate".

Levanta os relevos da identificação do ciclo: o sedentarismo burguês e médio-burguês; a casa-grande; litografias de santos e paisagem européias; os quadros a carvão da parentela, entre os poucos a óleo; as cenas de caça; os duetos; os baús tauxiados; os oratórios góticos ou barrocos; rendas de Alençon; vestidos de gorgorão; espartilhos; coletes de cetim; gravatas de couro; conversadeiras de vime; dunquerques; chãos de tijolo vermelhos ou de acapu e pau amarelo, entremeados; candelabros; candeias de barro; redes; queijo doméstico ; enfim o painel rural de onde exsurgirão as personagens dos primeiros romances da Amazônia.

Os encontros sociais, as festas de igreja, as capelas, as procissões, os sermões, das danças profanas, reuniam outros elementos para o corte social e psicológicos das figuras a serem esculpidas nos enredos literários que abririam caminho entre as seduções do romantismo e as primeiras manifestações de Realismo.

Tal fato faz com que se pense numa posição do romance de denúncia, contra distorções dos vários níveis sociais das personagens, em conflitos permanentes, numa sociedade edênica em que todos precisam de todos.

II

Baseada nas contradições do meio, M.Y.M. lança várias proposições valiosas: a coincidência, na Amazônia, do arcadismo e do barroquismo com o ciclo das drogas do sertão; do romantismo e do indianismo com o cacau; o realismo e o naturalismo com a borracha.

E ainda observa e comenta o soçobro da fase cacaulista com o advento rutiliante da borracha, que, sem dúvida, cria um segmento urbano de grande importância social, pelo contraste entre o sistema de produção rural-florestal e o sistema de consumo urbano (palacetes, cocotes, cabarés, vinhos franceses e do Reno, luxo, comércio importador influente, viagens transoceânicas, catedrais, teatros, polifônicas), a "ilusão da riqueza fácil", a substituição do chocolate pela champanha.

Esses dois mundos, não antagônicos nas essências caboclas, mas diferentes pelas maiores facilidades de enriquecer, só foram absorvidos mais tarde pelo ciclo da castanha.

Mas não fica o crítico adstrito ao romance do cacau. Investe sua dadivosa inteligência nos objetivos dos poetas panteístas e regionais como Benjamin Monteiro e Américo Antony; nos rapsodos, como Mário de Andrade em **Macunaíma**; no drama dos imigrantes com o Carlos de Vasconcelos em **Os Desterrados**; nos contos de inspiração amazônica, como os de Aurélio Pinheiro e Alberto Rangel, nas crônicas cintilantes com as de Alfredo Ladislau e Raimundo Morais, no teatro de Márcio Sousa.

Traça com esplêndida vivência cultural os contrastes entre o absentismo e o existencial, o nomadismo econômico e o sedentarismo, o edenismo e o infernismo, o Ruralismo e o Urbanismo e entra, com ênfase e conhecimento, no problema da linguagem e da metalinguagem.

Estuda as diferenças entre os vários ímpetos literários contidos na realidade-repertorizada (Rangel); no maravilhoso, com a interpolação mágico-mítica; no telúrico, em que a paisagem, o folclore, o ignoto, reçumam níveis de felicidade paradisíaca ou fornecem apontamentos dramáticos para a epopéia do natural, como as enchentes, a pororoca, a terra caída e toda a lancinante e maravilhosa promiscuidade que forma a biota amazônica.

Demonstra o autor, com o rol dos escritores e poetas que desceram às maravilhas e terrores da selva e do mito, como o Amazonas foi fértil numa literatura nativo-nacional, ainda que por vezes pecando por uma terminologia viciada nos arcanos da semiologia clássica ou pelo formalismo dos "discursos literários muito rígidos".

E com honesta preocupação histórica afirma, quanto aos contex-

tos desta gênese literária com os florilégios modernista, que

> "foi (...) Francisco Pereira da Silva que de sua larga estada no Acre recolhera farto subsídio indigenista e dele serviu-se nos seus referidos **Poemas Amazônicos**".

O autor resguarda a posição dos vanguardistas pre-modernistas, que como Benjamim Monteiro, não se definiram por mensagens, mas assumiram, como Francisco Pereira, o dever poético de exaltar a Hiléia e o maravilhoso dos seus mitos telúricos. Aqui convém observar que a tendência do discurso oral mágico está mais arraiagado à terra do que ao cosmo. Todos os heróis deificados começam suas experiências nas grandes florestas, nos encapelados rios, nos plácidos lagos, nas orgulhosas montanhas, nas vertiginosas cachoeiras. Depois é que alçapremam aos degraus estelares ou deles descem, para aventuras terrenas, como os "moços da lua" e as "mulheres-estrelas".

Benjamim Monteiro, tanto quanto Américo Antony, exploraram os temas ligados ao folclore e às lendas da Amazônia, destacando-se o primeiro por suas pesquisas de poesia indígena e como Stradelli, por suas paixão pelo nhengatu. Se Monteiro e Antony esculpiam suas idéias no tradicionalismo poético, Francisco Pereira rompia com o passadismo e através do verso livre assumiu, no Amazonas, um compromisso bem estreito com os modelos modernistas (1928).

Todos estes aspectos da literatura e das condições do meio, são fixados magistralmente por Mário Ypirangà Monteiro em **Fatos da Literatura Amazonense,** cabendo-me ao final, agradecer-lhe a inclusão do meu **Somanlu-O Viajante da Estrela,** no contexto analítico do seu trabalho.

DOIS GRANDES PREGOEIROS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO CATÓLICO NO BRASIL

Almeida Barroso

JACKSON DE FIGUEIREDO (1)

Trata-se de um dos mais renomados vanguardeiros do pensamento cristão e católico no Brasil.

Discípulo inicial de FARIAS BRITO, com o qual aprendeu a amar a Filosofia, dele distanciou-se, mais tarde, pelas incursões no campo do aprimoramento da vida sob o prisma cristão.

Sua conversão ao Catolicismo se deu em 1918, aos 27 anos. Faleceu, precisamente, em 4/11/928 deixando-nos, não obstante sua saida prematura do cenário desta vida, exemplo magnífico de atuação no campo da cultura e na luta pelo primado do pontificado espiritual, especialmente cristão, neste País.

Havendo transitado pelo romantismo, pela poesia, pela filosofia, pelo jornalismo político e pela religião, dele disse o escritor Arthur Rios, em recente artigo de jornal: "Violento, que se submeteu à disciplina da fé; sentimental que se curvara à razão; imaginativo que buscava o norte da inteligência. Ele próprio se descreveu em qualitativos constantes: romântico, lunático, sensual, apaixonado".

Começara sua vida intelectual pela mão de Nietsche e o encontro posterior com Farias Brito, a maior figura de filósofo que já produziu o Brasil, ao qual chamou "figura de bondade augusta", lhe dotou de forças para a crítica contundente ao positivismo e ao evolucionismo, doutrinas de que estava impregnado este País no seu tempo, formando segundo alguns quase uma religião do Estado.

Em recente e brilhante estudo a respeito de Jackson de Figueiredo, publicado no livro sob o título "1ª. Semana Nacional de Filosofia no

Brasil" pela editora da Universidade da Paraíba, dele afirmou o escritor Antônio Carlos Villaça:

> "Não foi formalmente um filósofo. Nem mesmo um professor de filosofia, profissionalmente. Mas sem ser filósofo profissional, teve uma poderosa intuição filosófica e sempre leu e discutiu filosofia.
> Em 1916, em **Algumas reflexões sobre a Filosofia de Farias Brito,** ele diz: "Sou um ser crepuscular, atormentado por uma dúvida infinita". Tinha vinte e três anos.

É interessante acompanharmos mais alguns traços da sua invulgar personalidade, para uma melhor caracterização das tendências dominantes do seu espírito e da sua intelectualidade.

Para ele, a literatura devia ser a expressão de uma **verdade viva,** para não se transformar numa mera arte decorativa de uma sociedade em decomposição. Foi livreiro e disso se serviu para ampliar ainda mais a sua cultura, a visão dos mais profundos problemas culturais da sua época.

O sentido do seu anti-liberalismo e da organização autoritária que preconizava, que serviu de pasto às distorções interpretativas dos seus desafetos, era bem diferente daquilo que eles apregoavam. Isso foi o que assinalou, em 1938, Alceu Amoroso Lima, o mesmo Alceu que hoje se diz rompido com a ordem pregada por Jackson.

Produto do labor constante do seu espírito afeito à meditação e à luta pelo primado das idéias que defendia, é o repositório de suas cartas, a que deu o nome de "CORRESPONDÊNCIA", dirigidas aos amigos e companheiros de lutas. Nesta estão fixadas as linhas mestras das suas idéias. E "essa meditação humaníssima" — diz ainda Arthur Rios — "corre sempre na calha do pensamento tradicional da Igreja".

Depois de convertido ao catolicismo, Jackson de Figueiredo nele imergiu sua personalidade, formando sob o pálio dessa orientação o que chamou sua "PEQUENA IGREJA" da qual, entre outros, participaram: PERILO GOMES, AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT, AFRANIO

PEIXOTO, ANDRADE MURICY, LEONEL FRANCA, TASSO DA SILVEIRA, AFONSO PENA JUNIOR, SOBRAL PINTO, HAMILTON NOGUEIRA, AMOROSO LIMA.

Em 1921 fundou a revista ORDEM, que passou a circular com a colaboração daqueles e de outros intelectuais dos mais renomados da época. No ano seguinte, em 1922, fundou o CENTRO D. VITAL, destinado a despertar a consciência católica e promover a cristianização da inteligência no Brasil.

Dele disse D. EUGÊNIO DE ARAUJO SALES, que foi um homem providencial, que a sí mesmo atribuiu a missão de ser conduzido "no dorso da grande onda da vida para o que Deus quisesse". Essas suas palavras, aliás, foram ditas na vespéra da sua morte, justamente no dorso de uma onda do mar, que o tragou, inapelavelmente, levando-o prematuramente do convívio terreno dos seus amigos e admiradores.

Aí está, Senhores, o intelectual magnífico, a esplendida inteligência que há 51 anos o Brasil perdia evidentemente consternado e que eu, num preito de homenagem, rememorei aqui com a maior satisfação.

ANDRÉ VIDAL DE ARAÚJO (2)

Sua trajetória no Amazonas, terra que elegeu como sua, depois que deixou seu berço natal — P ernambuco —, foi pontilhado de aspectos luminosos, tendo por fulcro uma consciente vocação de aplicação do pensamento social Católico na sociedade amazonense.

Sua vida, pode-se afirmar, seguiu a mesma linha de ação doutrinária dos pensadores cristãos que desde a infância do Brasil propugnaram as idéias sociais de aperfeiçoamento das nossas instituições.

É interessante assinalar, na linhagem desses pregoeiros da filosofia social da Igreja, a partir do ínicio, entre outros, o jesuita MANOEL DA NÓBREGA, AMBRÓSIO FERNANDO BRANDÃO, ALCIDES BEZERRA, DIOGO GAMA CARNEIRO, o poeta GREGÓRIO DE MATOS, MANOEL DE ARRUDA CÂMARA, FREI CANECA, Pe. FEIJÓ, SORIANO DE SOUZA'; PE. JULIO MARIA e, já no nosso

tempo, o citado JACKSON DE FIGUEIREDO, PE. LEONEL FRANCA, ALCEU AMOROSO LIMA, HAMILTON NOGUEIRA, MILTON CAMPOS, AFONSO ARINOS e CANDIDO MENDES.

Pois bem, ANDRÉ ARAÚJO, trilhando neste Estado caminho semelhante ao de Jackson, porém com muito mais atuação no plano social, graças ao vigor da sua extraordinária personalidade, pôde por em prática seu ideário cristão, de que se beneficiou largamente o Amazonas.

Ao tratar, aqui, da figura excepcional desse grande mestre vou focalizar sobretudo aspectos lineares da sua vida e da obra, deixando para outros o campo verdadeiramente sugestivo que é a análise estrutural das suas idéias e da sua intelectualidade, do homem de letras, enfim.

É assim que começarei lembrando meu primeiro contato com ele em Manacapurú, terra de meu nascimento.

Aquele contato se deu quando eu ainda residia na cidade que seria cognominada a Princesa do Solimões, da fase do meu curso primário. Num livro que tenho em preparo sob o título "TEMPOS DE ÔNTEM EM MANACAPURÚ E MANAUS — MEMÓRIAS", registrei, da forma que segue a presença do saudoso mestre alí, dizendo:

"Esse magistrado chegara a Manacapurú para substituir, na Comarca do Município, o juiz Antero Coêlho de Rezende, que havia sido promovido para a instância da Capital. Sua responsabilidade era grande, como julgador, pois o seu antecessor sempre gozara alí de um conceito dos mais altos de sentinela da lei, do direito, da justiça.

ANDRÉ ARAÚJO possuia, porém, qualidades pessoais excepcionais, eis que já era conhecido em todo o Amazonas como um juiz probo e culto. Além disso, era filho de um dos mais fulgurantes oradores forenses que haviam exercido a advocacia em Manaus — o grande Araújo Filho. Por outro lado, para o desiderato educacional a que se propunha na sua nova comarca, como acontecera em outras por onde passara, contava com a colaboração da sua devotada esposa, a professora normalista Milburges Bezerra de Araújo.

Foi sem dificuldade, assim, que fundou o INSTITUTO ARAÚJO FILHO, cujos professores eram ele e sua esposa, cada um tomando conta das turmas em que se dividiam os alunos de ambos os sexos. A turma masculina a que eu pertencia, justamente com os filhos das principais

famílias locais, era a mais adiantada

As aulas de ANDRÉ ARAÚJO, ministradas com certa dramaticidade, revelavam a extraordinária cultura de que era possuidor, notadamente nos domínios da sociologia e da filosofia. Uma cultura que, com o tempo, se tornara ainda mais sólida, atingindo o seu ápice perto de 30 anos depois, com um brilhante pontificado em Manaus.

Com um diretor de tal porte mental, logo o INSTITUTO tornou-se famoso, sobretudo pelo entusiasmo que comunicava aos estudantes através da sua orientação educacional, seu teatro escolar, as festas que promovia nas datas cívicas, adquirindo surpreendentes relevo as paradas escolares para as comemorações de 5 e 7 de Setembro.

Mais tarde, quando seu ilustre juiz diretor, por força da sua transferência para a Capital para aí ocupar o 1º Juizado de Menores de Manaus teve de deixar Manacapurú, aquele educandário teve de encerrar suas atividades. Mas os traços luminosos da sua presença, os estímulos que proporcionou à mentalidade estudantil, o impulso dado a muitas inteligências e vocação ainda hoje são lembrados pelos que tiveram a sorte de sentir o calor envolvente da sua influência.

Da passagem de ANDRÉ ARAÚJO por Manacapurú e do incentivo recebido da sua magnífica cruzada educacional resultou terem diversos manacapuruenses, como aconteceu com o autor destas lembranças, se animado a continuar seus estudos em Manaus visando a conquista de um diploma de curso superior. Nesse sentido, lembro-me na minha geração os casos de Rodolfo Gonçalves — o Catetinho — como o chamavamos, que tirou o diploma de cirurgião dentista e o de Germiniano Marinho Soriano — o Gemico — que diplomou-se em engenheiro-agrônomo, passando ambos nas respectivas profissões a prestar serviços ao Amazonas.

Henoch Reis, que mais tarde atingiria as culminâncias administrativas deste Estado, no cargo de Governador, manacapuruense também daquela fase, apesar de um pouco afastado da nossa geração pela idade, se beneficiara igualmente dos lampejos daquela memorável cruzada e dos incentivos pessoais que lhe incutiu no espírito aquele saudoso mestre. Daí o entusiasmo com que, depois de ter interrompido

por bastante tempo os seus estudos seriados, transferiu-se para Manaus, recontinuando-os, para sem interrupção formar-se em direito e continuar a brilhante carreira que todos reconhecem, quer como Juiz de Direito do Trabalho, como professor da Faculdade de Direito do Amazonas e como Ministro do Tribunal Federal de Recursos de onde saiu, depois de merecida aposentadoria, para o Governo da sua terra. É que recebera, insisto, do eminente diretor do INSTITUTO ARAÚJO FILHO, boa dose de incentivo para a continuação dos seus estudos e do aproveitamento da sua pronunciada vocação de estudioso.,

A CONSTRUÇÃO DE UM GRUPO ESCOLAR

Não parou na sua atividade educativa a projeção da excepcional formação sócio-filosófica de ANDRÉ ARAÚJO.

Graças ao entusiasmo que ele sabia incutir na população manacapuruense pela causa do progresso espiritual e material da boa terra foi construido, naquela fase áurea, um grupo escolar com um mínimo de despezas para a municipalidade.

As pedras, os tijolos e o material diverso das obras fundamentais do prédio foram transportados para o local em que o mesmo seria construido por alunos, pais de alunos e o povo em geral, todos atendendo ao apelo daquele educador. A movimentação desse material teve lugar à noite, logo após o jantar, conduzido sem o auxílio de qualquer viatura sob o calor do entusiasmo dos seus transportadores, como se se tratasse de uma festa recreativa, da beira do rio, na frente da então Vila. Todos caminhavamos sob o peso do material que conduzimos como se fossemos escoteiros nos momentos das excursões, possuidos da firme consciência do bem que estavamos fazendo a Manacapurú.

O grupo escolar que resultou, na sua parte fundamental, daquele "putirum" estilizado, depois de pronto, apesar de simples, destacava-se na praça onde foi levantado por um duplo aspectò: como obra arquitetônica, urbanística, contribuindo para o embelezamento da Vila e pela sua finalidade educacional. Funcionou durante muito tempo, prestando os melhores serviços à mocidade estudantil daquele sede municipal. Seu desgaste resultante da ação do tempo, de um lado e do outro, levado à

conta do descaso e da inoperância dos prefeitos locais, fixara-lhe uma existência muito menor que a merecida. Merecida acima de tudo pelo seu alto significado simbólico.

Foi demolido, realmente, esse próprio municipal. Mas o seu local permanece como motivo de lembrança da fase áurea que reflete a história da sua ereção. E como marca sentimental de um esforço indelevel da gente manacapuruense em favor do progresso da sua terra através dos tempos.

DE VILA À CATEGORIA DE CIDADE

A passagem do juiz ANDRÉ ARAÚJO por Manacapurú ainda ficaria assinalada pela ligação do seu nome a uma das conquistas que mais encheram de orgulho a sua gente, que foi a elevação da antiga vila à categoria de Cidade. E foi sem dúvida a interferência do dinâmico e culto educador e juiz junto ao seu amigo Waldemar Pedrosa, então Secretário do Estado na Interventoria Alvaro Maia, que contribuiu para fazer daquele um grande defensor da terra solimonense, conquistando para ela aquele título grandemente significativo.

Lembro-me, realmente, que em certo dia festivo o grande Waldemar Pedrosa chegou à sede do município para entregar-lhe solenemente o acariciado título de cidade, uma conquista que tanto orgulheceu sua gente. E o acontecimento foi comemorado com muita vibração na Praça 16 de Julho.

Aí está, portanto, mais uma honrosa conquista dos manacapuruenses resultante, em boa parte, do entusiasmo com que ANDRÉ ARAÚJO propugnou o desenvolvimento de Manacapurú, durante sua permanência alí. Era ele, inegavelmente, uma figura extraordinária, que unia a sua inteligência privilegiada à amplitude do seu coração. Um juiz profundamente culto que mais tarde, em Manaus, teria sua atividade judicante acrescida e sobredoirada pelas lides do magistério e pelo devotamento na solução dos problemas sociais, notadamente os do menor abandonado e o do deficiente mental, correspondente essa fase de início ao do seu pontificado como Juiz de Menores de Manaus e à da

criação da ESCOLA MONTESSORIANA ALVÃRO MAIA e da ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL DE MANAUS, ambas por ele dirigidas. Dessa última, um pouco depois da sua fundação, fui professor da sua cadeira de Psicologia Experimental e seu Secretário durante mais de 15 anos, fase em que me beneficiei amplamente do contato continuado com o iluminado mestre.

Quando ANDRÉ ARAÚJO deixou Manacapurú para fixar-se definitivamente em Manaus — continuo naquelas minhas citadas MEMÓRIAS — para nesta cidade continuar sua prodigiosa atividade cultural e social, eu já aí estava morando e estudando no antigo Ginásio Amazonense Pedro II. E soube que teve um comovente botafora, que encheu de sentida emoção principalmente os seus alunos e pais destes. Muitos até não contiveram as lágrimas tão profunda era a emoção experimentada ante o afastamento do grande benfeitor da cidade solimonense.

EM MANAUS O COROAMENTO DE UMA GRANDE VIDA

A atuação do eminente mestre nesta Capital, nos multiplos setores das suas atividades profissionais e culturais, bem assim no desempenho da alta missão social a que se propusera, é largamente conhecida de todos.

Nessa atuação houve sempre uma constante no seu espírito a aplicação da filosofia social da Igreja, a mesma Igreja Católica a que procura servir como numa intuição divinatória. O Juizado de Menores de Manaus, a Escola de Serviço Social de Manaus, a Escola Montesoriana Alváro Maia e o Departamento de Educação do Estado, que dirigira por duas vezes, para só citar estes setores, foram campos propícios para extensa aplicação dos seus luminosos ideais.

E calham à maravilha, para término deste discurso, as palavras que escreví certa vez, ao apreciar o magnífico livro de sua lavra — ESTUDOS DE SOCIOLOGIA —, que figura num dos capítulos do meu FIGURAS — IDÉIAS — OPINIÕES: "A personalidade literária de ANDRÉ ARAÚJO — disse eu alí — já é por demais conhecida em nosso meio. Homem de vasta cultura, jornalista, orador, conferencista,

sociológo, jurista, pedagogo e pensador cristão da escola de Maritain, em seu espírito, onde se joeiraram as mais brilhantes qualidades de inteligência e de coração domina, configurando uma constante da sua vida, o homem dedicado às causas do reajustamento social. Daí sua predileção pelos problemas da infância abandonada e do homem marginal. E mais adiante :

"ANDRÉ ARAÚJO pertence à estirpe de escritores católicos que no Brasil, seguindo o exemplo de Jackson de Figueiredo, Perilo Gomes, Tasso da Silveira, Tristão de Athayde e outros, compreendem a atividade literária, em grande parte, como veículo de comunicação e transparência das idéias hauridas nas fontes inesgotáveis do cristianismo... Para eles, nada mais inoperante do que o conceito literário de arte pela arte. Cada homem possui o seu universo mental, ou seja, uma trama de idéias e concepções em torno das quais gravitam todas as suas demais preocupações, o farol que ilumina o caminho da sua existência".

"Agindo e escrevendo dentro desse sentido da existência, ANDRÉ ARAÚJO é desses escritores que fazem da sua pena não somente um instrumento a serviço de criações para gozo exclusivamente estético, mas uma arma de combate, pela causa do bem, da felicidade coletiva".

Eis, meus prezados ouvintes, o que eu queria dizer, como um preito de justiça e homenagem, sobre a personalidade do grande e querido mestre que foi ANDRÉ ARAÚJO, homem de extraordinária formação cultural, além do mais, extremado esposo e grande pai, que eu bem conhecí.

Muito obrigado a todos!

EXCERTOS ROMANESCOS DO "CHUVA BRANCA"

Paulo Jacob

... Arriscar a cutia, fazer a armadilha, o quebra-cabeça, pode até de acontecer pegar. Pôr abaixo este filhotão de envira-surucucu, madeira fraca, fácil de corte. A faca desafiada, bate, golpeia apenas, igual quem tora borracha. Toca, pula pra trás. Tem de ser assim, magoando a mão até findar. Um toc, toc, da faca batendo no pau, tirando lasquinha. Valença que é fina, fosse grossa era bater dia inteiro, acabar amanhecendo. Talvez nem isso fosse demais grande. Agora vai indo, estalou. Acabar de quebrar na força do braço, o esfiapado tiro na faca. Aluiu. Engrossou foi o corpo de tapiba, chega ferveu de formiga. Danada de bichinha de mordida doída. Prega no casco da cabeça, coceira em toda a parte. O tempo correndo nesta atrapalhação de livrar das formigas. Agora é colocar a vara na passagem, a ponta presa no chão, apoiada num pau. Enfiar mais um pouco, sustentou. Boa altura, cinco dedos da terra, tamanho da bicha. Será que esbarra nesta colocação? Só pode é esbarrar. Vergar a vara com toda a força, escorar no alto, naquele galho ali, bem na pontinha. Se roçar, da pancada não escapa. Pegando no meio, quebra a espinha, se arrasta, mas não anda.

As horas descaindo na noite, rodando pelas seis. A escuridão aos poucos boiando mata a dentro. Lá fora, nos descampados, nas clareiras, ainda tem dia aberto. Horinha boa de espiar o quebra-cabeça. Nessa claridade lenta, dar de enxergar alguma coisinha. Para o que tenho de ir, nem carece muita luz. Se havia de cair, segura já está. Tardou mais, cutia não vem, só paca, tatu, veado, anta, bichos que à noite vasculham mata. Me botar a caminho com cuidado, olhos no chão, atento em surucucu. Noitinha assim, começa na arrumação de andar, catar o que comer. Valença que teto de baixio, deixa escapar um nadinha de claro. Onde rareiam as árvores, solta pingados de luz. É logo ao pé da terra,

uns três metros acima, aí o pajurá da comidia. Que carreirão danado, parou. Saiu novamente desarvorado, pisando grosso no folhiço. Jeitão de arranco de veado. Assustou-se, corre, vai com o diabo, pára adiante, olha para trás, fareja, daí o arranco maior. Não se espanta sem ver de que, quer ter certeza se sentiu mesmo. Assuntando perigo, então a carreira é segura, nem cachorro acompanha. Bem disse, conheço das manhas do bicho. Fincou as patas na terra, olhe só o rastão, veado-roxo. Carne reimosa a qualquer doença, bateu na barriga, é ver a piora. Nascida então, arruína de tal jeito, aumenta demais, que bote tempo vir a furo. Já por pouco se enxerga o lugar de pisar. Desarmou o quebra-cabeça, será que ficou? Um trabalhão pra nada, bateu de réves, deixou foi só pêlo na vara. Se acerta de cheio, derreavà o espinhaço. Seguiu por ali, até da vareda esqueceu. Atarantada com o choque do pau no costado. Quem já estava na certeza comer carne, dar em resultado nenhum, passar a noite de barriga vazia, sem sono. Numa aporrinhação de olhos sem querer fechar, começa aquele sobrosso de sempre. No escuro de lua, palmo em riba da cara, um nada espreitar. Puxar pelas pernas. Casa aqui, a tronqueira do arabá, dias que passo sem fôlego de sair. Da manhã não passo, cedo tomo de rumar pra lugar nenhum. Andar variando onde der na cabeça. Sempre na maginação como de fazer. Voltar por onde vim, ou tomar daqui mesmo o ponto que calcular. Maginar noutras paragens mais que tinha de vinda, carece ter paciência. Devia de não afobar, sentar o juízo, nem não pensar em coisa ruim. O restinho de tarde meteu-se no poente, no tempo preciso a chegar. Era de onde ainda se via um diazinho fora. Poente dorme cedo, às cinco já se bota agasalhado, é sempre assim nas terras centrais. Pelas quatro, o sol desaparecendo no topo das árvores. Até que não era assim. Agora é cair o escuro, começa logo no amoitamento, a cabeça a esquentar de tanto maginar bobagem. Nos filhos, em Mariana se já não vive se assanhando pra outro. Sempre na besteira, pensar mal da mulher. Mariana tem respeito a marido. Sabe lá... mulher... Naquele dia, depois da puxação do terço, que se diga lá, dona Florinda sabia puxar muito bem, estalou o foguetório alarmando o terreiro. Início de festa, o saxofone arrancando animação, a rapaziada naquela alegria, a caboclada suada. Foi no dito dia que estreou aquele vestido novo

florado, malhas graúdas, a modo pinta de canguçú. Fazenda nova que as mulheres tinham dado de usar na moda lá delas. Tinha tirado das poucas posses um agrado pra ela, comprado um troço que queria pra enfeitar a cara. Apareceu mais pintada que as outras, um laço azul prendendo os cabelos, estava bonita a cabocla. Festa do padroeiro em casa do Cantídio, danou-se a dançar em seguida com um. No princípio deixei, nada demais, conhecia o rapaz, muito novo pra idade dela. Mariana se dava a respeito, não ia dar confiança a pixote.

Depois nem não sei o que me deu de zangar arranquei do salão a mulher pelo braço, na mesma da hora levei pra casa. Embrabeceu-se da desfeita, começou naquele arregaço, era assim que dava o pago à bondade dela. Festa comigo não vinha mais, sofrer afrontação perto dos outros, bruto que era. Mais desconfiei. Dei-lhe uns empurrões pelo caminho, uns muxicões no braço, chorou à beça. Fiquei na dúvida até hoje. Não, Mariana não é mulher dessas coisas, oferecida, igual a qualquer uma. De viver de galinhagem com macho que não seja o marido. Quando cismei que estava se jogando pro rapaz pra que, zangou-se. Disse que do salão não saía. Se nunca não fez questão de festa, naquela queria ir. Fez o diabo pra não sair de volta. Danei foi da sonsidade dela, que tem dançar só com um. Bisei algumas partes porque o rapaz dança direitinho. Viesse com enxerimento comigo, conhecia logo. Acochava, baixava a mão nas costas, alisando. Dizia se podia de ir tomar um cafezinho lá em casa, sozinho comigo, na hora de tua ido ao roçado. Notava logo o apresentamento dele, largava no meio do salão, desfeitava na frente de todos. Cinismo dela me dizer aquilo, enfezou mais. Dei-lhe um solavanço no braço os dedos ficaram marcados na carne. Daí veio o choro de Mariana. Dançava bem o rapaz, me aperreei. Dizia que era saudade do macho, vontade de pregar com ele o resto da noite. Puxei de caminho na frente, deixei ela lonjura pra trás. Cheguei em casa mais primeiro, voltei sozinho pra festa, querendo arengar com ela. Disse que não ficava, ameaçei dar-lhe umas mãozadas, acabou ficando. Dessa passagem, dei de espionar Mariana, bocado de dias. Se saía à noite, dizque na intenção verter água no terreiro, botava a olhar pelo buraco da palha. Só largava de espiar quando baixava o vestido, enxugando os respingos, andando de volta.

Me encolhia na rede, fazendo que estava dormindo. Botava sentido, naquela suspeita, ninguém pode saber... Negócio de iludição de mulher, ninguém não diz de certeza, quem sabe é quem pega, segredo de dois. Só quando namora aí à vista de todos, é que surge falação. História de casada, no caminho de roçado, pegada a conversar com homem, pode contar, se não já, estava na cantada. Desconfiou, botando a mão na cara pra quem viu sozinhos, aí é de certeza, vinham da vadiação.

Madrugada de mata tem cheiro de lacre, breeiro, catléia, baunilha, raiz, outros de que mais... Nasce dia naquela alegria, canto de pássaro, ar molhado de sereno, friozinho gotejando. Até anima, esperança de alguma coisa boa. Acordando mais alentado da fraqueza do juízo, da de corpo também. Sem que nem mais aquela febre atrapalhando dias. Cansado de pensar o que nem não era, andar o que não andei, de rumo enganado por onde não vim. Só agora a idéia de cortar beirando um afluente, cair na mãe-do-rio. Pensar de ontem noite adentro, quero que vá dar certo. Errando porque queria, faltando calma, se todo afluente camba de água batida a derramar nos grandes igarapés. Falar que mãe-de-rio é um igarapezão que todo fio d'água finda nele, verdade que se diz. Só pode é ser mãe de afluente. Vão direitinho correndo a despejar no maior. Pegar de seguir um, apanhar o largão, descer rio abaixo. Começar a viagem por este, talvez jogue água na mãe-do-rio pegado de casa. Sem variação de caminho, acompanhando os encurvardos dele, seguindo as descaídas. Já cedo começa nessa puxação de cara, o olho piscando. Tratar de sair ainda manhãzinha. Tem a espingarda, sim a espingarda muito que melhor deixar, atrapalha. Engancha nos paus, nas galhadas, sem posição de carregar quando se está cansado. Tenho uma pena de me largar dela. Querer levar queria, mas...

— Te fica por aí, um dia... capaz de vir buscar.

FASCINAÇÃO

Homero de Miranda Leão

Ví-a, suave e meiga
no momento,
Como se, egressa
dos nossos lagos,
seu corpo ainda
úmido, estivesse
untado
dos óleos
misteriosos
das nossas
plantas silvestres...

Não era a náiade
que estou habituado
a admirar, nos espaços
que ocupa, nos meus olhos...

Era a estudante
gentil,
morena,
estuante,
de cabelos negros
como as noites amazônicas...

Num e noutro
visual,
ela é sempre
a constante
dos meus sonhos!

Dos momentos
risonhos,
em que, à distância,
contemplo-a a cada
dia,
como um radioso
motivo de eterna poesia!

ANTES DO QUARTO
EX PASSO

Jorge Tufic

Este acordar de corpo em verbo dia,
verbo em dia com a luz, corpo gravado
em X nas quatro pontas do abandono,
neste corpo eu navego e tenho sono.

Das mãos me nascem pássaros, raízes
do esterco onde entressonha a primavera;
das vísceras que plangem, sons de barro
descosturam meus olhos: vejo e narro

as veias do meu pulso; a flor e a seta
exalto em conjunção do meu resgate
ao ver-me, desde o pântano ao poeta.

E volto ao sopro amargo desta flama
de alma e palavra, e digo que me mate
se hei de tornar, sem ver, ao que me chama.

EVANGELHO

Jorge Tufic

Tempo indexcifrável
de (pétalas roucas?
sapatos bebâdos? bocas
de nêutros?)

Tempo de túnicas
e sudários varridos.

Tempo de câncer nuclear.
O lixo é a paz dos
reatores a leste de
suas (turbinas? ligas
meteolíticas?
anjos acústicos,
vitrificados?)

Tempo sem cornijas,
carrancas/cariátides,
estes símbolos de
pedra roída,
metidos no homem.

Tempo de morte flácil,
palma do gesto útil:
conjunção do medo
com a implosão do
mito.

Tempo de peixes imóveis,
cometas geofásicos ,
contemporâneo da insânia
e do pergaminho.

Tempo dos selos furados,
das sete patas em fuga.
Tempo de Deus implorando
que Lhe dispensem
do ofício.

A QUEM É DADO?

Jorge Tufic

A quem é dado o ardor de arrepender-se
quando a ponte desaba e mata o povo?
A quem é dada a voz de assim manter-se
aos gritos de sou contra e não demovo?

A quem é dado ver depois de ver-se
renascer da galinha antes do ovo?
A quem é dado em tempo defender-se
da luz que encarde a boca e faz o novo?

A quem é dado ao vento dizer pare,
às águas dizer quando e ao pensamento
que nos pense de vez e nos aclare?

A quem é dado agora, neste asfalto,
deter o caminhão e o catavento
nos olhos da imprudência, antes do salto?

DIANTE DA SPHINGE

Jorge Tufic

Que me diz esta máquina
e seus dentes cobertos de lava seca,
dessa lava que desce das montanhas,
mas que vem repousar neste vale
onde às vezes me debruço a olhar-me
na sintaxe morta dos poemas que jazem
com seus fetos de lua,
seus rios de cidades poluídas, seus arcos
de pátios violados? Os poemas que dormem
no escuro das talas imóveis,
abatidas pelo desânimo articulado,
ainda estão presos no ventre metálico
da Remington,
como gritos de pétalas contorcidas.
Eu insisto com os dedos insones
na abertura de uma tecla que me revele
a manhã. Mas ouço-lhe apenas o pleque
surdo dos tipos na superfície murcha
do papel,
semelhante às faias de Caronte
na travessia do Letes.

NOVOS POEMAS DE VIOLETA BRANCA

CANTO

Prenderam meus pés, minhas mãos,
meu corpo num tempo escuro,
meus arroubos, o meu canto,
minha fala, meus momentos,
— até a glória do pranto —
mas não prenderão jamais
os sonhos e os pensamentos
que tenho em todas as horas.

Prenderam meus passos livres,
as idéias altaneiras,
os gestos acolhedores,
o desejo de ofertar
aos humildes e aos senhores
a lição de tolerância
dentro do amor e da paz.

A exibição da coragem,
o livro, lido e relido,
o fruto doce comido
como Pão de cada dia,
o aconchego da noite
o sol de toda a paisagem.

Prenderam o meu grito altivo,
minha ânsia de ajudar,
o medo de enfrentar
as lanças dos inimigos,

Prenderam até a balança
onde pesava os meus atos,
sumiram com as tradições
reveladoras dos fatos
que me ensinaram a querer
viver em Deus pelos outros.

Secaram o rio do meu banho,
mudaram o rumo da estrada,
dispersaram o meu rebanho
pelas montanhas desertas.

Fecharam as largas janelas,
colheram as flores abertas
antes que fossem minhas.

Prenderam a luz do meu dia,
a escada para a subida,
a beleza da humildade,
a semente da alegria,
a intensão do aprendido,
a colheita do trabalho,
a verdade do explicado,
a fonte da inspiração,
o apoio aos oprimidos,
o aplauso aos rebelados,
a bravura de opinar,
o ombro do companheiro,
a cruz da minha ternura,
a oração da justiça,
a independência que era
meu chão de fogo, meu céu
limpo de chuva e de raios,

a noite dos privelégios,
a confiança no amigo,
o sono calmo sem chamas,
o ninho bom e o trigo
e a deslumbrada emoção
diante dos sortilégios.

Prenderam em mil tormentos
meu corpo num tempo escuro
mas não prenderão jamais
os sonhos e os pensamentos
que tenho em todas as horas.

Cantiga do desencanto

Antes de mim quantas outras
tiveram os mesmos desejos,
trouxeram dos ancestrais
lições de vida e de morte,
foram bravas e amorosas
e como eu — flor da noite —
acabaram como a água
de um riacho na seca.
Antes de mim quantas outras
esperaram inutilmente
o momento prometido
atráves de gerações,
tecendo rendas de sonhos,
enfiando as ilusões
em frágeis fios de esperança
e como eu — flor da noite —
acabaram como as folhas
das avencas delicadas,
ao vento do mesmo dia,
na hora do sol mais forte.

POEMA LIBERTÁRIO

Divido-me, mas não me prendo,
sou como as nuvens e o vento
vou passando e recolhendo
a flor, o fruto, a semente,
o amor, o pensamento,
e a fala do homem ciente
do seu valor como ser.
Divido-me, mas não me prendo,
sou como o mar a correr
carregando continentes
na memória das areias
que subtrae mansamente
de todas as latitudes.
Divido-me, mas não me prendo,
sou como a chuva, o pólen
a neve, o aroma, o raio,
as horas, a lua, o tempo
a cor das manhãs de maio
que existem, mas não ficam
presas às mãos de ninguém.

A POESIA NOTURNA

Melhor é a poesia que faço
sozinha, sem compromisso
nas horas mansas da noite,
quando a solidez de meu corpo
foge do tempo e do espaço
e se mistura ao feitiço
das coisas que sonho e traço
entre o relvado e as estrelas.

Caminho no imprevisto
como o peixe pelo mar,
vibro com o que assisto,
chamo Deus para me ajudar,
encontro nos abismos esplendores,
arco-iris nos destroços,
derreto imagens ao som
das flautas feitas com os ossos
dos anjos que se perderam
nas viagens siderais.

No silêncio é que me acho
e compreendo os sinais
da noite eterna, amarela,
sacramentada de luz,
luz que é minha e dela,
e onde os meus tontos sentidos
fazem um festim glorioso.
Nada tenho, mas conquisto
o que desejo e revisto
num mundo fantasioso
o maná da inspiração,

e aos poucos, se insisto
saio da solidão,
e para o meu próprio espanto
descubro a glória da vida
e ao meu lado um amigo
ouvindo feliz o meu canto.

ROTEIROS TURÍSTICOS

Waldemar Batista de Salles

O nosso amigo Carlos Bindá, que atua na Selvatur, vem de nos oferecer os seus "Roteiros de Manaus", em quinta edição, continuando assim seu idealismo em divulgar a capital da Zona Franca e suas principais atrações. E não obstante a inflação, a alta crescente do dólar e o aumento das passagens aéreas e das mercadorias, ele continua atuante na área que entende, procurando agir e comparecer a Seminários de Turismo, especializando-se, sempre disposto a colaborar nesse setor.

Amazonense nascido nas barrancas interioranas, Carlos Bindá, com seu otimismo e visão, quer mostrar que aqui se pode fazer turismo, aproveitando-se as belezas naturais, os rios imensos, as mil e uma formas de atração para as pessoas que desejam conhecer alguma coisa desta imensa região. E, esse seu mistér de promover turismo nestas plagas, vai fornecendo aos visitantes, informações rápidas sobre ecologia, geografia, um pouco de história, no sentido de divulgar o Amazonas

E seus "Roteiros de Manaus" já se acham em nova edição, agora confeccionados pela "Gráfica Calderaro", com bonitos clichês, mostrando aos visitantes, turistas, além de paisagens, alguns aspectos desta cidade, com as modificações diversas, ocorridas nos últimos anos.

A capital da Zona Franca ainda continua quase isolada do País e do mundo. Por rodovia somente a Manaus/Porto Velho vem lhe dando acesso ao nosso imenso Brasil e a estrada que poderia servir de corredor de exportação de mercadorias destinadas à Venezuela, a Manaus/Boa Vista, no território Federal de Roraima, infelizmente não é asfaltada e assim não poderá corresponder àquilo que na verdade, merecíamos. Isso, no entanto, ocorre, porque nos dias atuais, rodovias modernas e asfaltadas custam muito dinheiro e existem aquelas chamadas estrada prioritárias, que têm mais urgência e apoio político.

Isto, no entanto, não vem tirar o brilho do esforço do nosso confrade, que vem lutando, dentro de suas possibilidades, para promover e incentivar o turismo nesta área, daí o êxito de quatro edições dos seus "Roteiros de Manaus".

Neste novo lançamento, além de fazer referências a diversos assuntos, nos diz, na sua concepção, o que ocasiona o chamado "encontro das águas" dos rios Negro e Solimões, tão falado e badalado por aí afora e porque as mesmas não se misturam, fls. 83.

Transcreve, também, a poesia de Quintíno Cunha, cearense que se embeveceu com o fenômeno, retratando-o em bonitos versos, até insertos em antologia. O fato é que isso constitui, até hoje, uma bonita atração para os turistas e visitantes ilustres.

Insere ainda no seu trabalho, além dos roteiros necessários, algumas estórias de caçador e de caboclo. E desde que os olhos do espanhol Francisco Orellana avistaram o grande rio, que o Amazonas é notícia. E tantas lendas surgiram e correram mundo, que até hoje ainda se acredita que os bôtos machos podem se transformar em mancebo e, saindo das águas, comparecer às festas, nas beiras do rio onde seduz com seu charme a cunhatã (menina) mais bonita, fazendo com que ela se renda aos seus encantos. E quando aparece grávida, de pai não identificável, o bôto leva a culpa. Outras lendas também são registradas no livro e o autor narrando.

Mas, na realidade, o que todo mundo gosta, mesmo é de uma lauta tartaruga, hoje difícil, porque existem mais leis para proteger os animais do que os homens.

Mas, voltando ao assunto, os "Roteiros de Manaus" são úteis ao turismo regional e incentivo nossso companheiro Carlos Bindá a seguir em frente com seu idealismo e seu trabalho. Alguém tem que divulgar sua terra e suas belezas. Existem um potencial enorme a ser utilizado e divulgado, além das praias da Ponta Negra e compras na Zona Franca.

CRIATIVIDADE
e bom senso

Manoel Bastos Lira

Não foi, sem pressentí-lo que os gregos, na sua persuasão divina, levaram ao seu Olimpo a titã Menemosina, a dona da "Memória" e a entregaram nos braços de Zeus Pater (Jupiter) para que brotassem, deles, nove beldades cheias de talento. Daí as Musas de Hesiodo que deveriam inspirar todo amante do belo desde Apolo, parnassianas que eram, que se vira acossado e desafiado por seu neto Támiras, o incrível trovador traciano. Sobre a arte ou sobre o belo sintentizando seu pensamento, alguém nos diz: atitude humana pela qual, valendo-se da matéria ou do visível, se limita ou exprime o material ou o invisível e se cria copiando ou fantasiando. Daí que um vate espanhol anónimo assim a tenha poetizado:

Por la celeste venganza
Quedé en marmol convertida:
Mal el arte a tanto alcanza
Que en el marmol me da vida...

Finalmente entre as artes, a pintura, a poesia e a escultura são indefiníveis encantos que em pessoas, obras de arte e além em coisas da natureza física, enchem-nos e elevam-nos o ánimo, a quem infundem suave e puro deleite. Não resta dúvida: é uma coisa para Musas e não para Baco... Não adiantou, tempos idos, que o grego Pitagoras tenha aprisionado a música aos números e que outros, como ele agrilhoassem a poesia à métrica. O artista é um criador e deve possuir em seu cerébro uma zona onde esta criatividade se combina para trazer-lhe palavra, se poeta, se pintor nuances extranhas, sons esquisitos ao músico e aprimorado cinzelar ao escultor. Cientificamente, ao que consta, isto é produzido nos ântros límbicos de Paulo Broca. Embora o adagio diga: de médico, poeta e louco cada um tem um pouco, é fácil vermos que

também, resulta exáto, não podermos negar a "queda" ou tendência de alguns para a música, poesia, pintura, etc. consideradas como expressões do belo e assim denominadas Belas-Artes. Há pois, uma comoção interna do nosso organismo tão grande que organiza, que cria a beleza musical, a interlaça com a poesia como o fez o grande Richard Wagner tão calorosamente que num dos seus originais dramas líricos, faz Sigmundo desposar sua irmã Siglinda, regeitar a Glória dos Guerreiros, pondo as Valquirias de lado, e investir, contra seu próprio pai Volse (o deus Wotan). Inspira-nos aí o Complexo do Edipo, fruto de genial apropriação do histérico Sigismond Freud (por isto posteriormente Sigmund) — o pai da Psicoanálise —, comovido sobremaneira, seguramente, pelo furor wagneriano que envolveu sua Viena na época. Outra tão ardorosa como aquela que a comunica ao pincel ou ao cinzel se nos revela entre os quadros imortais de Leonardo da Vinci como o que representa o sorriso inimitável da mulher de Zanobi del Giocondo, a célebre Mona Lisa, ou rosto da Imaculada (Assumpta in caelum) de Bartolomeu Estevão Murilo ainda como em La Pietá, o célebre mármore de Miguel Angelo. Vale pois que repitamos que a criatividade humana é uma experiência emocional que por mera convenção, chamamos de poesia, música, etc. Mas se, o emotivo, não se enrola todo ao fazer o belo, como o faria um daroes, não obterá o auxílio divino, não exaltará as Musas;finalmente não terá sentido uma revelação:enfim, ficará sem criatividade. Não conseguirá fazer, se poeta, as piruetas com o seu pensamento como diria o saudoso Eugênio Montale. Mas, nem sempre surge o necessário convite emotivo ou criador. Muita vez isto rápidamente o encontra quando poeta ou prosista, ao criar um poema ou então quando a rima o obstaculiza. Dirá, nesse tempo que está sem vocação. Muitos não suportam este acidente rotineiro em tudo quanto fazemos. É aqui que surge o abusivo a falta de senso que tenta vencer com o uso do alcóol, absinto, ópio, lisergamida e várias outras drogas chamadas, desde o canadense Osmand, de "psicodélicas" o que significa simplesmente manifestação encomendada da alma, do espírito, enfim, da emotividade. Seguramente foram os sumerianos, uns 6.000 anos para trás, os que, por vez primeira, lançaram mão do sumo das papoulas (ópio) para acalmar a dôr ou causar euforia. Também, se admite que o

fumo tenha vindo desde estas terras para as nossas. Isto porém não é novo também, entre os cultores das Belas-Artes. Um frances de nome Jacques Moreau, descrevia suas alucinações como sonhos nos quais as imagens visuais, sonoras e tacteis, lhe pareciam reais. No século XIX quase todo boêmio, artista ou escritor lançava-se à cata da emotividade artificial pelas drogas de Osmand. Em Paris, houve até o "Club des Haschichins" ou de fumadores de Maconha. Entre os seus "useurs" vamos encontrar: o "homem das balzaquianas" o célebre escritor mais tarde Honoré de Balzac. Charles Baudelaire (opiomano), Alexandre Dumas (maconheiro), Samuel Taylor Coleridge, Thomas de Quincey (opiomanos), Teófilo Gautier, Alan Ginsberg (maconheiros), Edgar Alan Poe (alcólatra) Arthur Rimbaud (maconheiro, opiomano e absintomano), Paulo Verlaine (absintomano) etc. Mas, o verdadeiro nisto, é que se não pôde fazer uma ligação entre os seus vícios e a natureza da sua inspiração nos seus trabalhos literários. Mas, nada impede que conheçamos as tendências abusivas geradas com estas drogas. Assim, os efeitos da mescalina ou da lisergamida trazem as mais bizarras alucinações que vão até o pânico. Os maconheiros se divertem com o ênfase que emprestam às cores. Daí que as cores berrantes se aliem às crises de sibarismo muito comuns nestes viciados.

O mito de que o abuso de drogas acentúa a criatividade ou melhor faz dum esteril um bom poeta ou pintor imaginoso é infeliz portanto. "Uma droga pode somente estimular, transportar ou distorcer a consciência quando o espírito é vásio" como afirma Di Cyan. A poesia, como a pintura e a música, podem ser alucinações, mas, é sobretudo, o manejar de uma imaginação portentosa e a habilidade para usar palavras, tintas e sons que nos tornam poetas, pintores e músicos. Não será certamente a vibração anómala de um espírito não criador entregue a alunicações abusivas pelas drogas que o tornará um cortejador das belas-artes. Isto porque, as ondas de exaltação, paranoia, ectasia — alguma ansiedade — e mesmo agonia que surgem naquelas ocasiões inibirão completamente sua própria expressão, se é que a tem... A criatividade sadia, alucinação natural, como queiram, surge amiudadas vezes aos emotivos. Não fosse isto uma verdade, não teria o grande

Cervantes transferido a sua e não sentiria, o seu herói, o "Ingenioso Hidalgo D. Quijote de la Mancha" a alucinação que o fez partir contra os gigantes que o assombravam, meros moinhos de vento que eram. Tampouco, quando da formidável e aguerrida batalha, em que aquele enfrentou os "cueros" de vinho tinto o que arrancou do inimitável Sancho Panza as expressões quixotêscas: "Viva Dios que ha dado (el maestro) una cuchillada al gigante inemigo de la senõra princesa"...

Não devemos esquecer que os criadores ou emotivos muita vez se apegam a pequenas coisas ou defeitos seus para vencer sua momentânea inêrcia mental. Diz-se, a este propósito que o grande poeta da alegria, o tempestuoso, Johann Christopher Friederick von Schiller, sofredor de defeitos olfativos se sentia bem, ao tentar cheirar rodelas de maças estragadas, quando se sentava para escrever. Claro que estas maçãs deterioradas não lhe podiam, de modo algum, levá-lo à sua reconhecida criatividade... mero cacoete convenhamos... Disto não devemos passar. Valha-nos o bom senso...

O GÊNIO MALOGRADO NA VIDA E IMORTALIZADO NA OBRA

João Chrysostomo de Oliveira

Luíz Vaz de Camões morreu pobre há quatrocentos anos sem gozar dos lucros e das pompas da imortalidade que lhe propiciaria a sua obra notabilíssima "Os Lusíadas", que glorificou sua pátria e enriqueceu muitas empresas editoras.

"Os Lusíadas" não teve prólogo mas teve um epílogo que não foi impresso nem divulgado, epílogo escrito "na primeira folha do precioso volume" logo após o último suspiro do poeta pelo frei Josepe Índio, que o assistiu, desta maneira melancólica e emociante:

"Que cosa mas lastimosa que ver tan grande genio mallogrado! Yo lo bi morir en un hospital en Lisboa sin tener una sabana con que cobrirse, despues de haver triunfado en la India Oriental, aver navegado 5.500 leguas por mar! Que aviso tan grande para los que de noche y dia se cançam, estudiando sim provecho, como la aranã en urdir telas para cazar moscas".

Este epílogo foi salvo pelo maior biógrafo de Camões, Guilherme Stork que escreveu sua valiosa biografia em alemão, carinhosamente traduzida por Carolina Michaelis de Vasconcelos.

Eis o trecho em que Guilherme Stork narra os últimos momentos do Homero lusitano, salvando o impressionante epílogo:

"O Poeta faleceu num pobre leito ou miserável catre, em uma pobre casinha, perto do mosteiro de freiras da invocação de Santa Ana, segundo uns; ou num hospital, segundo outros; ou ainda em uma casa de pousadas ou asilo, segundo a tradição recolhida por Faria e Souza. A triplicidade destas indicações talvez possa ser explicada do seguinte modo: O poeta adoeceu na sua própria morada, a humilde casinha da Mouraria; D. Ana de Sá, que devia ser, pelo menos septuagenária, não tinha forças para tratar do enfermo e é bem possível que estivesse

também adoentada. Eis porque o levaram a uma casa de pousadas que o cuidado de caritativos religosos transformara em hospital naqueles dias de tremenda peste. O Poeta mortalmente ferido sem esperanças de recobrar a saúde, levou consigo o seu último troféu, um exemplar dos Lusíadas. Assistiu-lhe com socorros religiosos, administrando-lhe o santo sacramento, um carmelita descalço, frei José Índio, talvez conhecido seu, do tempo da sua expatriação. Depois de comungar pela última vez, entregou ao sacerdote o exemplar dos Lusíadas que levara consigo. E o religioso que cerrou os olhos ao cadáver do grande mas inditoso Poeta, e o benzeu, escreveria, comovido, na primeira folha do precioso volume as palavras seguintes em castelhano:... (antes escrito)

Este epílogo de "Os Lusíadas", desconhecido de muitos, bem traduz o paradoxo da vida do grande gênio que construiu o maior edifício cultural da língua portuguesa que lhe podia dar riquezas e glórias e, no entanto, oito anos depois morre pauperrimamente, passando esta obra monumental às mãos do seu capelão como se quisesse deixar o seu testamento: "Goza com este livro a glória que eu não pude gozar". Mas o sacerdote não compreendeu a mensagem muda desse testamento e gravou emocionado este epílogo elegíaco e afogado em dura desilusão emparelhada com a efemeridade da teia de aranha. Devemos meditar profundamente neste epílogo, para dimensionar a grandeza parabólica de "Os Lusíadas" com o quadro desnorteador do passamento do seu genial autor em seu catre, sem lençol. Mas a glória da sua obra asfixiou todas estas asfixiantes limitações, pois Camões só começou a viver depois dos grandes remígios das estrofes cantantes e dominadoras de "Os Lusíadas", chegando Jônatas Serrano a afirmar que "O maior feito de Portugal não foi chegar às Índias: foi compor "Os Lusíadas".

"De Camões, em pura verdade muito pouco sabemos — diz Eugênio de Andrade. Nasceu pobre, viveu pobre, morreu mais pobre ainda (se não miseravelmente), ele, que acumulou bens que milhares e milhares de homens não têm chegado para dilapidar. E será difícil exaurir tão fabulosa fortuna: Porque — Quem duvida? — foi Camões que deu à nossa língua este aprumo de vime branco, esta modulação de vagas sucessivas e altas, este mel corrosivo de melancolia".

Aí está perenizada a imortal obra de "Os Lusíadas", obra que, inexplicávelmente, proibida nas escolas de sua Pátria, continuou, rompendo os grilhões da proibição, a cantar em todos os recantos do mundo luso-brasileiro, onde se veícula a última "flor do lácio" consolidada e enobrecida pelo homérico poema do heróico e bravo soldado raso de Ceuta, em cujo fragor da batalha pagou a vitória com o seu precioso olho direito vazado por um estilhaço.

"As armas e os barões assinalado" verso modelado, a título de honra e homenagem, no verso de Virgílio "Arma virunque cano" continuaram e continúa a ser cantadas "por toda a parte", apesar das proibições, apesar da censura materialista, apesar do imediatismo tecnocrata, apesar, enfim, de todas as investidas dos destruídores das lucubrações do espírito, tentando esmagá-las com o trepidar das alavancas e máquinas e o marchar quasimódicos dos robôs.

"Cantando, espalharei por toda a parte "as glória portuguesas foi o intento de Camões em seu monumental Poema, intento que alcançou, mesmo depois de morto, pois o mundo português, continental e ultramarino, aí está refletindo os feitos em suas homéricas investidas pela navegação marítima, feitos primorosamente catados pelo vate soldado.

A escola de formação cultural de Camões é ignorada, mas o seu diploma de beletrista, cientista, latinista, geógrafo e plenamente reconhecido por quantos perlustram "Os Lusíadas" e sua obra teatral, lírica e pistolar. Talvez a gruta de Macau tenha sido a sala de aula onde ele recebeu e hauriu as mais preciosas lições na meditação e os mais quentes haustos de inspiração transmitidos e derramados em seu portentoso Poema e em sua doce e maravilhosa obra lírica. E a escola mais sugestiva, a escola mais absorvente, a escola mais dominadora que ele frequentou para descrever os grandes combates foi o próprio campo de batalha que palmilhou com bravura e empenho pela vitória, conforme bem considerou Latino Coelho fazendo um paralelo entre o Vate luso e Cervantes:

"Camões, antes de consagrar numa das mais formosas epopéias as altas façanhas da sua gente, compra nas batalhas pelo preço do seu sangue o direito de cantar a sua pátria. Antes de engradecer pela

descrição fidelíssima, pela hipotipose eloquente as ações guerreiras que intentou celebrar, vive no tumulto dos campos, experimenta a condição áspera do soldado, assiste aos recontros e batalhas, encosta a escada às muralhas inimigas, escuta o troar das baterias, e goza em realidade os prazeres e as agonias da guerra, as incertezas da batalha; sente referverem-lhe na alma as paixões impetuosas do guerreiro, os sentimentos generosos do soldado cristão". Fica, assim, bem patenteado, através da vibrante pena de Latino Coelho, que a grande escola de Camões foi a própria vida cheia de agitação e imprevistos, pontilhada pelos eventos de surpresas estoteantes que jamais o abateram diante de sua índole temperamental que revelou em muitos lances de sua vida borrascosa. Os quadros que descreve com tanta maestria repetem os que ele viveu no fragor das batalhas "A musa não o inspira — pontifica ainda Latino Coelho — no ócios do gabinete, no remanso ignóbil da vida cidadã. Há de prestar-lhe a inspiração, entornar-lhe a cabeça todas as graças, todos os tesouros da poesia; há de ceifar-lhe abundantes laureis e enramar-lhe a fronte desassombrada e varonil. Mas há de o poeta segui-la aos campos de batalha, onde vai mostrar-lhe os originais que ele deve copiar e os heróis que tem de engradecer pela epopéia". Os conhecimentos marítimos e geográficos revelados por Camões foram todos estudados e haurídos "in-loco". Há uma verdadeira atualidade de conhecimentos científicos em todo o desenrolar descritivo da grande viagem de Vasco da Gama para as Índias, fulcro da grande mensagem de "Os Lusíadas".

Há todavia uma grande falha científica no grande Poema, cometida talvez por conveniência político-religiosa, falha na ciência cosmográfica.

"No canto X — disserta Francisco de Sales Lencastre — finge que a deusa Tétis, na Ilha dos Amores está mostrando a Vasco da Gama um globo translúcido, que se sustenta no ar, e que representa a estrutura do Universo conforme a astronomia do tempo de Ptolomeu" (Século II AC).

"Vinte e nove anos antes da publicação dos Lusíadas já fora impressa (1543) a obra de Copérnico, astrônomo polaco, fundador da astronomia moderna; mais adiante se dirá o motivo provável de ter adotado o Poeta, na sua descrição cosmográfica, as antigas teorias"

O sistema heliocêntrico de Copérnico já estava publicado desde 1543, mas foi veementemente repudiado pelo "Santo Ofício" através da consagração do Index que decretou "que seria considerado herege quem a sustentasse".

Eis a razão por que Camões preferiu ficar com a teoria geocêntrica de Ptolomeu para não cair no index de herege, com sua obra repudiada, obra que periclitou sob os olhos do Santo Ofício com a seguinte advertência do seu relator Frei Bartolomeu Ferreira:

"Somente me pareceu que era necessário advertir os leitores que o autor para encarecer a dificuldade da navegação e entrada dos portugueses na Índia, usa de uma ficção dos Deuses dos Gentios. E ainda que Santo Augustinho, nas suas Retratações se retrate de ter chamado nos livros que compôs "De Ordine" as Musas "Deuses", todavia, como isto é poesia e fingimento, e o autor como poeta não pretende mais que ornar o estilo poético, não tivemos por inconveniente ir esta fábula dos Deuses na obra, conhecendo-a por tal, e ficando sempre salva a verdade de nossa santa fé que todos os deuses dos gentios são "demônios".

Assim, Camões que talvez aceitasse o sistema heliocêntrico de Copérnico, consagra 14 estâncias, no Canto X ao sistema geocêntrico de Ptolomeu, em honra talvez ao Santo Ofício, coroando o seu epinício com a estância 90, do seguinte teor:

"Em todos estes orbes diferente
Curso verás, nuns grave e noutros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;
Bem como quis o Padre onipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve,
Os quais verás que jazem mais a dentro
E tem, co mar, a terra por seu centro".

Sentimos aqui um Camões previdente, deixando de ser sábio da ciência para ser um sábio da prudência e da cautela. Preferiu deixar a terra parada e sossegada no centro do sistema planetário a ver céus e terras caindo sobre sua cabeça e sobre a sua obra, se abraçasse a teoria certa de Copérnico.

Fica assim provado que Camões, sem qualquer curso universitário, sem qualquer bafejo das Sorbones, recebeu, na sua obra, a cultura de um doutor, a ciência de um mestre, a inspiração de um iluminado. Em vez de vermos um erro cosmográfico, nos trechos apontados, devemos contemplar um acerto diplomático, um acerto da prudência, um acerto de quem não quis sacrificar uma obra ciclópica e vasta com os "entreveros" das controversias que levaram o grande Galileu à prisão perpétua e o próprio Copérnico ao castigo do mutismo de sua extraordinária tese do heliocentrismo.

Ao comemorarmos o quatro centenário da morte de Camões, devemos, como o maior preito à memória do grande Vate da nossa maior Epopeia, manter o voto e o propósito humanísticos de engradecer o mundo luso-brasileiro com efeitos gigantescos e nobres que possam ser cantados e espalhados "por toda a parte", segundo o sonho do grande Soldado Poeta.

FASTOS BIMILENARES

Agenor Ferreira Lima

As efemérides, principalmente das personalidades que marcaram época na humanidade, nunca poderão ser levadas às sombras do esquecimento.

No mês de Outubro, dia 15, do ano 70 a. C. nasceu Publius Virgilius Maro.

Em 1975 toda a pleiade de intelectuais do mundo, principalmente aqueles que se dedicam aos estudos clássicos e dum modo todo singular, a bela Itália, comemorou em grandes fastos os dois mil anos de morte do celeberrimo tribuno, jurista e filósofo de todos os tempos, Marco Túlio Cícero; Romano proeminente de cultura "sui generis"; agora em 1981 marcamos, com júbilo, também, no ambiente da alta cultura humanística, principalmente na Itália, o bimilenário de morte do princípe dos poetas da latina gente Públio Vergílio Marão — 22 de Setembro do ano 19 a. C. sendo consules de Roma Cn. Plâncio e Q. Lucrécio.

Muito embora os estudos clássicos, atualmente, tenham sido relegados para um segundo plano por aqueles que não querem reconhecer o seu grande valor formativo na integração humanística do homem, contudo, ainda os estudiosos procuram colocar as vivências culturais no seu devido lugar.

Vergílio foi um luminar no período áureo da civilização Romana, época do imperador Otaviano Augusto.

Filho de camponeses abastados e duma vivência e compreensão intrínseca do valor da vida no campo e da grandeza da cultura, isto mostrou em seus escritos, atingiu o alto valor desta vivência no delinear do dia a dia.

É de se notar que ele foi, não só, o maior poeta da excelsa Roma, como o inspirador, o mestre que formou gerações inúmeras em todos os países.

O seu poder cultural atravessou as épocas, os momentos tétricos da história, como a fase da Idade Média, chegando ao dinamismo do movimento renascentista que deu margem a tantos luminares da inteligência no mundo. Ainda hoje, nos corações bem formados, irradia o brilhantismo de luz das obras que escreveu.

Esta comemoração, não só, é fato raro, mas nos leva a lembrar o trabalho rico dum poeta, no campo da cultura da vida humana, que deixou gravado nos indormidos bronzes dos séculos o valor inspiratório para muitos que, em quase todos os países, deixaram o nome cinzelado nas folhas do tempo.

Num lançar de olhos nas páginas dos séculos apresentam-se nomes como: Dante Alighieri, Giovanni Boccacio, John Milton, Petrarca, Leopardi, Luiz Vaz de Camões, Santa Rita Durão e tantos outros que seria longo enumerar, todos abeberaram-se nesta fonte olímpica.

Os anos e os séculos foram passando, mas as lições do Divo Romano foram se transmitindo através das páginas auríferas de tantos poetas.

Dante Alighieri em sua obra: a Divina Comédia, tem como o seu guia e mestre, na viagem ao vale das sombras, o Inferno — o celeberrimo e inesquecível Vergílio.

Luíz Vaz de Camões que em páginas fulgurantes, cantando os feitos gloriosos "daqueles que da lei da morte foram se libertando" inspirou-se no vate latino, assim como o mantuano se inspirou na Ilíada e na Odisseia para escrever as páginas fulgurantes da Eneida.

Públio Vergílio Marão nasceu na cidade de Andes, próximo de Mántua.

Após os estudos de base, feitos em sua terra natal logo que se revestiu da toga viril, estando com 17 anos, ceremónia que se efetuou no dia em que morreu o poeta filósofo, Tito Lucrécio Caro, autor da tão discutida obra: **De rerun natura**, o mantuano foi para Milão, estudando aí o Grego, o Latim, Medicina e Matemática; daí seguiu para Roma para fazer os estudos filosóficos com o epicurista Siron que o impregnou das idéias do poeta filósofo, a ponto de, em múltiplas passagens dos seus escritos, imitá-lo numa modalidade toda subtil e admirável.

Cultor das musas em fragancias absorventes de preciosidades incomparáveis chegou ao requinte e à exatidão da poetica.

A sua perfeição está na gravidade da construção do verso em exámetros que sublimou até o máximo da verdadeira mestria.

O exámetro é uma palavra oriunda do grego: **seis + metron.** O verso assim chamado é composto de seis pés. É a mais perfeita construção poética heróica, traduz com fidelidade os sentimentos, principalmente quando dactílico, como é o caso de Vergílio. Foi usado por Homero, daí a denominação heroico. Hesíodo fez uso desta metrificação; mais tarde os poetas gregos usaram nas bucólicas, nas sátiras e no drama.

Os poetas latinos o empregaram sosinho ou em companhia doutros.

O verso exámetro dactílico tem o quinto pé dáctilo, para ser puro e o último bissílabo, sendo Jambo ou Troqueu; este final próprio de Vergílio é dum efeito todo especial na harmônia da construção do pensamento, numa artística conclusão. As figuras e tropos se coadunam muito bem com este metro.

Públio Vergílio Marão foi contemporâneo de personalidades importantíssimas, tanto na política como na cultura latina, haja vista: Cáio Júlio Cesar, o exímio general, Marco Antônio, Gn. Pompeu, Otaviano Augusto, Caio Cilnio Mecenas, o protetor das letras, Horácio Flaco, o maior poeta lírico de Roma, Marco Túlio Cícero, o tribuno magnánimo e jurista impar, Públio Ovidio Nasão, o grande poeta elegíaco do classicismo Romano.

O sublimado das obras de Vergílio está traçado nas páginas da Eneida, poema épico que levou 11 anos para escrever, morrendo sem concluir. No final da obra, calculando mais três anos para completar e já com 51 anos, resolveu fazer uma viagem à Atenas e à Asia. Chegando à capital da Grécia encontrou-se com Augusto que aconselhou o regresso, aquiescendo ao pedido do imperador, porém, estando em visita a Megara adoeceu, piorando durante a viagem, chegando à Brindisi, faleceu; seu corpo foi transportado para Napoles onde foi enterrado.

Antes de morrer, no seu testamento, pediu que incinerassem os originais da Eneida, pois ainda não estava, segundo o seu pensamento, à

altura de serem publicados, porém, naquele tempo, os testamentos tinham que ser referendados pelo Imperador; este não consentiu, determinou que os poetas Vario e Flocio, amigos do falecido, publicassem o poema como estava nos originais, até com versos incompletos.

Aqui está um ato bem pensado de Otaviano Augusto, ele que era o protetor do poeta e seu grande amigo durante a vida não poderia agir doutra maneira; não era possível deixar a humanidade privada dum repositório esmeraldino desta natureza, um acervo tão rico e precioso, como é a Eneida. Hoje, ainda, aí vamos nos abeiberar, e cada dia que perlustramos as folhas de tal monumento literário encontramos riquezas inesgotáveis de conhecimentos, alimentos uberrimos para a inteligência; é rica de idéias, vocabúlos, gramatica, linguistíca, fonte de descobertas permanentes, sempre com uma faceta nova à apresentar; quando se relê este manancial maravilhoso de cultura, transmitido pela língua mater das néo-latinas; aí vemos a origem vocabular, histórico e artistíco de todos os idiomas dos povos do orbe.

Neste trabalho, Vergílio, relata a origem e formação do povo Romano, isto dentro duma habilidade artística, própria dum gênio inspirado pelos deuses. É o poema épico máximo do classicismo latino.

A obra é composta de 12 livros em versos exámetros dactílico.

De início foi dado um traço em prosa, pelo autor, sendo mais tarde, pelo mesmo, versificado.

Escreveu o trabalho por ocasião de sua estada na Sicília e na Campánia. Todo ele foi composto em honra de Otaviano Augusto, o grande imperador. Vez por outra lia partes, da obra, para Augusto e Mecenas que ficavam encantados com o primor do verso e das idéias; dizem alguns que o imperador, por várias ocasiões, mandou que enviasse trechos, mesmo em borrão, para ser por ele apreciado, tal era o valor que dava ao trabalho.

Propércio, admirável poeta, seu contemporâneo, tece elogios ao poeta, citando várias passagens, como a descrição da batalha de Ácio que está no livro VIII, verso 675 ss.:

In medio classes aeratas, Actia bella,
Cernere erat: totumque instructo Marte videres
Fervere Leucaten, auroque effulgere fluctus.

O poema narra a viagem de Enéas, herói troiano, que depois da célebre guerra, fracassada, de Tróia contra os Gregos, foi, levado pelo destino, da Ásia Menor, atravessando os mares, passando por inúmeras dificuldades, até o litoral da Itália, na região Lavínia, e aí se estabelecendo aliou-se aos Lacianos, donde provéem os Romanos. Tudo isto dentro duma linguagem, ricamente especial e uberrima de metáforas, aliterações e alegrias que encanta a todo o cultor do belo e das belas letras.

Vergílio está profundamente inspirado em Homero, atitude muito natural e óbvia em trabalho de natureza poética épica, pois este poeta tem um traçado mestre com delineamentos próprios e característicos da composição.

O livro I da Eneida tem muito do VI da Odisseia, o VII do XII da Ilíada. Assim como Ulisses conta as suas aventuras aos povos Feácios, Enéas narra à rainha de Cartago, Dido, os seus feitos.

Se imitação existe, em vez de diminuir o valor da obra, ao contrário a engradece, assim sempre julgaram vários escritores do passado, haja vista, Voltaire, no séc. XVIII que afirma; "Se Homero produziu Vergílio, sem dúvida foi a sua melhor obra".

A questão de imitar constitui uma argumentação muito longa, que se presta para outro trabalho a pensar, pois teríamos que abordar várias situações inclusive a do nosso Luiz Vaz de Camões que injustificadamente, acusam até de plágio.

Reportando-nos ao poema, em si:

O I livro inicia com uma apresentação da obra, trecho que nem todas as edições publicam. Em seguida vem a proposição do poema e a invocação inspiratória às Musas, iniciando o relato da história, propriamente dita no verso 12 que se desenvolve contando as inúmeras aventuras através dos mares até a chegada de Eneas, com seus companheiros, a Cartago, na costa da África, e os primeiros contatos com a rainha Dido.

O II e o III compreendem a narração, feita pelo herói, à Dido das guerras travadas, a destruição de sua pátria e a viagem até este momento, isto durante um magnífico banquete oferecido pela majestade real.

O IV livro apresenta o prosseguimento da viagem de Enéias, pois

ele tem que seguir as ordens dos Fados. Dido, então se suicida.

No V e VI o poeta prossegue a narração da viagem do héroi através dos mares, sofrendo todos os embates e dificuldades que alguns deuses interpõem para que ele não chegue ao fim colimado. Nesta ocasião Enéias vai ao Inferno. Os escritores da Idade Média, julgam que o VI livro é o mais belo do poema.

O VII livro apresenta a chegada ao Lácio, na foz do rio Tibre e o encontro com o rei que mais tarde tornar-se-á seu sogro.

No VIII surge uma personagem nova e muito importante que é: Turno com quem Enéias terá que travar várias lutas, ação bélica que se estende pelos livros VIII e IX.

No livro X temos a narração do magnífico consílio dos deuses, uma das passagens mais róseas do poema, para julgar as atividades de Enéias instalando novo reino e desenvolvendo belicosas lutas com os povos da região conquistada. É uma descrição apoteotica, própria da imaginação fertil do poeta épico da latina gente.

No XI o relato prodominante é a ceremônia dos funerais de Palante; continuando as guerras de conquista.

O XII, conclusão do poema, apresenta Enéias, se estabilizando na região determinada pelos deuses, principalmente sob a proteção de sua mãe a deusa Venus, após matar Turno num combate singular a dois.

O poema aí está. Em Homero vemos o mundo e os deuses, em Vergílio deslumbramos Roma e os deuses: no primeiro predomina o sentimento religioso, no segundo o patriotismo. Vergílio está preocupado em cantar as grandezas de Roma. O mantuano sabe cantar o sentimento verdadeiro do humano o que muitos não sabem.

Mais outras páginas Vergílio nos legou. Suas poesias de caracter idílico-bucólico despertou a atenção de Polião, seu grande amigo que o incentivou a escrever a obra didática: as Bucólicas.

Estava com 20 anos quando iniciou a composição das Bucólicas. O trabalho consta de 10 cantos ou éclogas, pequenas, todas compostas em versos exametros.

É a poesia pastoral, inspiração de Teócrito, poeta grego, tudo traçado numa delicadeza e sensibilidade que encanta a qualquer leitor, mesmo lida em tradução. Diz muito, tanto nos vocábulos que emprega

como nas entrelinhas dos seus exámetros. Aí está retratada a paz do campo, o estado de tranquilidade que se usufrui em meio dos rebanhos e plantações. No trabalho relembra o confisco de seus bens que Otaviano Augusto mandou reintegrá-lo.

Em geral as personagens que aparecem são pastores com exceção das: 1ª, 9ª e 10ª onde surgem vultos históricos, julgando alguns críticos, que o próprio Vergílio aí se retrata.

Palavras inteiramente gregas são empregadas e até o próprio estilo que não era conhecido pelos Romanos.

As éclogas imitam largamente os Idilios de Teócrito a ponto dos Romanos considerarem Vergílio seu Teócrito.

As duas primeiras fazem alusão à sua desgraça pessoal, isto é, a perda das terras quando foram confiscadas para serem dadas aos veteranos de guerra, porém, em razão da sua amizade com Polião e Mecenas conseguiu a liberação por parte do imperador Augusto.

As éclogas, no texto não seguem a cronologia da composição, tanto que calculando-se que o trabalho tenha se concluído no ano 53. a. C., contudo, há quem afirme ter a 10ª aparecido só em 37 a. C.

A 1ª glorifica o imperador Otaviano Augusto, estando bem retratado o elogio no 6º verso:

"O meliboee, deus nobis haec otia fecit".

A 2ª consta ter sido a primeira a ser composta.

A 3ª é a mais realista e rica de expressões humanas e sentimentais. É uma imitação do 4º Idilio de Teócrito.

Na 4ª há uma alusão, segundo alguns pensadores da Idade Média, ao advento de Jesus Christo; verdadeiramente, Vergílio morreu 19 anos a. C.

"Jam nova progenies caelo demittitur alto
Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum
Desinet ac toto surget gens aurea mundo,
Casta fave Lucina; tuus jam regnat Apollo".

Este canto é dedicado a Polião e é a mais pomposa e rica das exaltações. Dentro do pensamento da época o menino que deveria nascer seria o filho do homenageado.

A 5ª é a mais sonora de todas no estilo e na forma. Há quem veja

aqui apresentada a figura de Cáio Júlio Cesar. Percebe-se, muito bem, laivos dos Idilios 1º e 7º.

Na 6ª há um canto epicúreo à criação do mundo. O poetar desta écloga tem um que de traçado épico. Os criticos afirmam ter sido composta em louvor de Vário.

A 7ª é uma imitação da 6ª de Teócrito.

A 8ª é a mais complexa em assuntos. O trabalho foi escrito em homenagem a Polião que tinha sido recebido em Roma, com uma grande vitória conquistada contra os Partos, povo da Dalmácia em 39 a.C. É uma imitação do 2º Idílio de Teócrito.

A 9ª é um canto de tristeza. Aqui ele se retrata em face do perigo de novamente perder as suas terras depois da guerra de Perugia.

A 10ª é mais sentimental, entre os cantos pastorais de Vergílio. Ele presta sua homenagem ao poeta Galo, seu grande amigo que tinha sido abandonado pela sua amada.

Em seu trabalho as Geórgicas, o excelso poeta, que nunca se acostumou à vida dos salões, demonstra a vontade permanente de regressar aos seus páramos campestres, o relucidar das manhãs primaveris e das noites de estio. A saudade impregnava todo o ser ser, a beleza encantadora das campinas fulgurantes de inspiração parasidíacas, em que os deuses enrequeciam de todas as benemerências dum viver próprio dos seres previlegiados pelos súperos do Olimpo.

A obra rica de informações e cheia de orientação das subtilezas em cultivar está dividida em quatro livros:

O primeiro trata das modalidades de cultivar os campos, em geral incluindo um calendário para o lavrador e os sinais para conhecer o tempo.

O segundo ensina como tratar as videiras e as oliveiras.

O terceiro como criar o gado: bois, ovelhas e outros animais.

O quarto, encerrando o trabalho, em delicadezas de expressões e habilidades de quem conhece a forma exata do labutar campestre, diz como se tratar e cuidar das abelhas.

Se depreende do todo que haveria um quinto livro para estudar o cultivo dos jardins e dos pomares. A palavra do poeta, no seu tratado

didático, é própria dum técnico no assunto, isto, numa estilização de arte admirável.

Há quadros maravilhosos dentro desta obra, como o despertar da natureza na primavera.

Neste trabalho vemos a influência nítida e forte de Tito Lucrécio Caro.

Dizem os comentadores que originariamente a obra concluia com um panegírico ao seu amigo e protetor, Cornélio Galo, mas como esta personagem caiu no desagrado de Otaviano Augusto o autor foi forçado a refazer o final, é bem verdade, com bastante arte.

Foram sete anos de trabalhos constantes que o autor levou para construir um trabalho tão admirável de agricultura.

Outros trabalhos são atribuidos a Vergílio, dizendo alguns que são apócrifos, isto é suspeitos, principalmente alguns que contradizem os bons hábitos do poeta.

Na variedade dos existentes destacamos:

Culex , poema com 414 versos exámetros, imitação grega; muito comentado e estudado por Lucano, no tempo de Nero, Estácio e Marcial. É a história dum mosquito.

Moretum, trabalho composto em 124 versos.

Ciris, com 541 versos. É um mito popular em que a jovem Escilia trai o próprio pai causando-lhe a morte por amor ao rei Minus, porém o rei a faz arrastar pelos mares afora até transformá-la numa ave do mesmo nome, em contra partida, o pai se transforma numa águia marinha que persegue-a para sempre.

Copa, trabalho composto em versos dísticos elegícos.

Muitos outros trabalhos existem que seria bastante longo enumerar.

Para concluir este nosso estudo é bom registrar ainda:

Primeiro, sobre a Eneida, que em razão de ter ficada incompleta, o poeta Mafeu Végio, latino, que viveu de 1406 a 1458, escreveu, como complemento, um 13º livro. A impressão mais antiga deste complemento, foi feita em 1471, em Colonia. Há traduções dele em hespanhol e Francês.

Segundo, quanto a grafia do vocábulo: Vergílio ou Virgílio temos a encarar duas situações: a primeira grafia é a encontrada nos primeiros escritos latino, principalmente na época de ouro da língua, ou seja do império de Otaviano Augusto. A segunda grafia, surgiu na Idade Média, dizem os entendidos, que estão baseados na palavra **Virgo, virginis**, pureza, limpidez, casto — segundo alguns era o estado de Vergílio. As duas grafias podem ser admitidas no Latim e no Português.

Mantua que também, foi berço de Luiz de Gonzaga, ficou celebre, sempre mais, com o poeta que atualmente comemoramos o bimilenário de morte. Roma e Otaviano Augusto têm no eterno poetar de Vergílio a sua consagração; aí se encòntra o simbolismo lendário unido às aspirações nacionais caminhando pelas vias do mitologico para a eternidade da história.

A MONARQUIA NOS PAÍSES BAIXOS

NEWTON SABBÁ GUIMARÃES

> "Elle a fait des fautes. Mais quelle plus haute idéed peut-on donner de ce régime que de vouloir qu'il ne commit pas de fautes, comme si on i'estimait impeccable! Qu'on mesura tous les autre à cette exigence".
>
> Auguste Nicolas in "La Révolution et i'Ordre Chrétien", pp. 360, 2ª ed.

Escrevendo três anos depois da queda do Segundo Império, após a derrota de Sedan, no início daquela república semi-aristocrática que dominaria a vida política francesa por muitos anos, o pensador conservador de "L'Etat sans Dieu", numa obra que envelheceu consideravelmente mas da qual ainda se tiram belos e atuais conceitos aqui e ali, cujo pequenino trecho serve de epígrafe ao meu ensaio — "La Révolution et i'Ordre Chrétien" — lembrava que entre a república e o cesarismo existia a monarquia. E defende-a, mostrando-lhe as excelências, as virtudes sobre os outros regimes. O que ele diz sobre a monarquia em França, aplica-se para a monarquia em outros países. A monarquia é a ordem, é a estabilidade, frisa ele. Vê-se a veridicidade de suas palavras nos casos recentes do Irã, da Etiópia e do Camboja, três Estados que perderam, pela força das armas, através de golpes violentos, as suas realezas, perdendo a estabilidade que os fizeram respeitados e citados como protótipos de ordem. A Etiópia milenária do Negus Hailé Selassié transformou-se numa república ferozmente comunista, dominada por um tirano impiedoso, o Coronel Hailé Menghistu Mariam, e sua clique castrense; o Camboja do flamboiante Príncipe Norodom Sihanouk desapareceu, nascendo em seu lugar uma opressiva ditadura marxista de frios burocratas e tecnocratas fanáticos que suprimiram todo o resquício de liberdade no país; e o Irã virou uma teocracia sangrenta dirigida por um velho mentecapto, crudelíssimo e bronco, um teocrata que fuzila e persegue em nome de Alá e do Corão... Eram três países que possuíam velhas casas

reinantes, dinastias solidamente enraizadas no sentimento dos súditos e já pretendendo à história nacional. Bem ou mal, o Negus Negushti Hailé Selassié I, o Xainxá Mohammed Reza Pahlevi e Samdech Preach Upayvareach Norodom Sihanouk cumpriam os seus deveres à frente de seus estados, eram respeitados e queridos de seus súditos e faziam os seus países progredir. Cometeram erros e a avareza do monarca etíope, a dureza do homem que era chamado de luz dos Árias e os gastos do risonho príncipe descendente dos reis-deuses de Angkor, não resta dúvida, não lhes pesava favoravelmente na balança. Houve muita injustiça, também, mas eles eram governantes há muitos anos e haviam tornado conhecidos os seus países nos tempos modernos, haviam-nos guiados em momentos dificílimos e sobrevivido situações que, não fosse o seu tino, a sua força, os seus firmes propósitos, teriam arrastado de roldão povos à guerra e ao esfacelamento. Sobreviveram, em uma palavra, graças às sólidas instituições da monarquia, onde a luta pela chefia de Estado não existe.

Sempre olhei a monarquia como a solidez das instituições. Não o imobilismo, mas a firmeza e o simples fato de não haver a terrível luta pela suprema magistratura periodicamente já é uma garantia de solidez. E dados recentes provam que os países mais estáveis políticamente são mesmo as poucas monarquias que ainda sobrevivem. E, entre elas, os Países Baixos, a Holanda do bom leite, das tulipas, dos canais, dos polders, das belas mulheres, das toucas frísias, dos pintores célebres, dos museus reais.

Encontrava-me em Pretória, na África do Sul, quando os jornais mais conhecidos do país, "Die Beeld' e "Die Transvaler" noticiaram, em fevereiro, que a Rainha Juliana seria sucedida pela Princesa Beatrix em abril. Estavámos em 1980, um ano difícil que parecia vir a ter terríveis consequências para o mundo com as agitações e modificações no Irã, estremecimentos no Oriente Médio, instabilidade na América Latina e protestos na Holanda. Monarquista de longa data, eu temia que a mudança de soberano em a Holanda pudesse significar também o esboroamento da Casa de Orange: o comentarista dizia que Sua Alteza Real Beatrix Wilhelmina Hermengarda, Princesa dos Países Baixos, de Orange-Nassau e de Lippe Biesterfeld, não era benquista dos seus prósperos 14 milhões de súditos, primeiro pelo seu casamento com um fidalgo alemão, diplomata de carreira e que fora esse casamento como um desafio à sensibilidade holandesa, que ainda há feridas deixadas pela ocupação nazista do país.

Mas os ventos sopraram favoravelmente e nada de mal aconteceu

nem à Casa Real, nem ao regime. Ambos continuaram inalteráveis e assim o continuarão ainda por muito tempo.

A monarquia tem fundas raízes nos sentimentos do povo e a Casa de Nassau-Orange, de velhas tradições, é sumamente simpática aos holandesess, mesmo os que dizem professar tendências aos republicanos. Como se lê na história do país essa duas casas nobres estão ligadas à independência, criação do Estado e estabelecimento do regime monárquico nos Paísess Baixos, uma família que, faz muito tempo já, entrou para as páginas da história pátria e que continua a ser poderoso elo de união, progresso, estabilidade e boa governança.

A Rainha-Mãe Juliana, que encerrou o seu longo reinado de 32 anos, consolidou a instituição monárquica com o seu jeito simples e maternal, conseguindo não apenas a simpatia mas o amor de milhões de holandeses, pragmáticos e apegados aos princípios democráticos, ferrenhos adversários de tudo o que soe como opressão, discriminação e domínio do Estado. Gorda, um rosto cheio e simpático e que deve ter sido muito bonito em sua mocidade, Juliana tornou-se um símbolo para a sua gente, símbolo da boa dona de casa , ordeira e pressidente da mãe extremosa , da esposa completamente que sempre dessculpa as falhas do marido e os seus discursos fizeram-na aplaudida: ela nunca permitiu que os seus assessores lhe escrevessem os discursos e as mensagens, mas se dirigia ao povo de coração aberto, conversando tout court com ele. Os repórteres comentaram em muitaas ocasiões o seu jeitão estouvado de se mover, esbarrando, tropeçando e até derrubando móveis, sem se preocupar muito com isso. Uma rainha-burguesa, sem nada dos atavios das velhas realezas, Juliana era adorada pelos súditos no fim do seu reinado e houve muito choro quando, no aniversário da Princesa Herdeira, ela anunciou, solenemente, que abdicaria no dia 30 de abril de 1980, no dia do seu aniversário. Ninguém queria acreditar que aquela velha dama, de cabelos brancos e olhos meigos, que preferia ser chamada de "senhora" e "madame" do que de "Vossa Majestade" e "Majestade" fosse afastar-se do trono. Mas a idade, como alegava no discurso de decisão aos súditos, era o motivo principal. Era um belo símbolo, como o fora o venerando Rei Gustavo Adolfo da Suécia, que perambulava pelas ruas, desacompanhado de guardas-costas, sendo cumprimentado pelo povo. Juliana, por ocasião da crise do petróleo que atingiu duramente a economia holandesa, foi vista a circular pelas ruas de Amsterdã de bibicleta. Era extraordinariamente popular e essa popularidade não diminui nem quando houve pesadas acusações sobre o Príncipe Consorte Bernhard, muito divulgadas pela imprensa americana.

Quanto à nova Rainha, a terceira mulher a ocupar o trono neerlandês em quase um século, desde que a Rainha Wilhelmina ascendeu à chefia da Casa Real de Orange, em 1980, ela será possivelmente a última, pois ela teve de seu casamento com o Príncipe Claus, hoje uma figura muito querida e popular em todo o reino, três filhos, Willem-Alexander, nascido em 1967, agora o herdeiro do trono ainda não declarado por não ter atingido a maioridade legal; Johan Friso, nascido em 1968, e Constantijn, nascido em 1969. No início, contestada até mesmo com violência, acusada de ser muito arrogante, e soberba, em contraste com sua mãe, muito voluntariosa e teimosa, a Rainha Beatrix, contudo, tem demonstrado muito interesse pelo Terceiro Mundo, como o Príncipe Consorte, e é preocupada com os problemas sociais. Mulher de idéias políticas avançadas, formada em Direito, apreciando as artes plásticas e dramáticas, apreciando o contacto dos intelectuais, ela vem, aos poucos, mudando a imagem de mulher autoritária que muitos lhe emprestavam, talvez até injustamente. Em 1972, a sua participação ao lado de seu marido, na campanha "Kom over de brug", para levantar fundos em favor de 700 projetos em 80 nações diferentes, trouxe-lhe muita simpatia. Desde que ascendeu ao trono, tem visitado extensamente o reino, província a província, cidade a cidade, vila a vila, ouvindo a gente humilde do povo, mantendo contactos mais diretos. É verdade que o verdadeiro poder executivo fica com o Primeiro-Ministro, mas acontece que o monarca holandês tem papel importante na escolha e nomeação do homem que dirigirá a administração e a vida política do reino. Ele é fiel da balança entre aquela miríade de partidos, uns 300 minipartidos de feição puramente local, de dezenas de formações com ambição nacional e de uma dúzia com real significado na vida do país, com representantes no Parlamento.

O comentarista brasileiro Pedro Cavalcanti, escrevendo para "Veja", diretamente de Amsterdã por ocasião dos festejos de coroação da Rainha, teve palavras muito pessimistas acerca da sucessora de Juliana quando afirmou ela é "uma incógnita, mas, pelo visto na semana passada, ela deve tomar muito cuidado se não quiser ficar na História como a última representante no poder dos Orange-Nassau".

É muito difícil se fazerem previsões. O Xá parecia inamovivel, sólido como rocha, e foi destronado. O Rei Juan Carlos, o jovem e democrático soberano espanhol tem sido ameaçado em vários momentos e continua à frente do reino, tentando trazer-lhe a paz interna, estabelecer uma democracia viável e manter as instituições monárquicas estáveis. A dinastia sobreviveu na Holanda em circunstâncias bem mais difíceis, não será agora que vai fraquejar e cair. Por sinal os destinos históricos

da pátria holandesa estão intimamente ligados à casa de Orange-Nassau e à existência da monarquia. E assim continuarão!

23.X.1981

ARAÚJO FILHO — PATRONO DA CADEIRA Nº 5
DISCURSO DE POSSE

Paulo Pinto Nery

Senhores Acadêmicos!

Nesta noite memorável, página indelével que vem de se incorporar à minha vida pública, sentir-me-ia sem condições de me considerar como membro deste Sodalício de homens eminentes, se não abrisse o meu modesto discurso pedindo desculpas pelo atraso em atender à dignificante convocação para ocupar a cadeira nº 05, cujo patrono, Araújo Filho, imprimiu-lhe o respeito pela cultura polimorfa do conferencista e pelo arrebatado do orador eloquente.

Falta grave, não há dúvida nenhuma, foi a que cometi: Cabia-me chegar há mais tempo a esta Casa do Saber e da Cultura. No entanto, não o fazendo, tentarei explicar os motivos que concorreram para tal procedimento, certo de que encontrarei, na sensibilidade de que sois possuidores, a benevolência daqueles que são espiritualmente grandes no desculpar a falhas de seus semelhantes.

Desde o instante em que recebi, com inusitada alegria, em minha casa, os nobres Acadêmicos Genesino Braga, João Mendonça de Souza, Walter Nogueira, João Chrysóstomo de Oliveira, Waldemar Batista de Sales, William Rodrigues e Elson Farias, Embaixadores da decisão deste Augusto Templo, passei a viver momentos de vacilação.

Duas forças antagônicas — não aceitar ou aceitar tão honroso e excepcional galardão, passaram a desafiar a debilitada e fraca resistência, sabido que somos, por natureza, sensíveis em situação como essa.

Há muito, folheando um livro de provérbios, impressionou-me, sobremodo, um de origem espanhola:

"Aquele que diz a verdade,
quase sempre fala sozinho".

Embora aceite que muitos provérbios se ajustam à realidade da vida moderna, confesso, sem falsa modéstia, que os motivos a serem expostos, revestem-se da mais pura e cristalina verdade, e, nem por isso, acredito que ficarei falando sozinho.

Provavelmente, dirão os mais exigentes: por que tanta certeza de que permaneceremos aqui para ouví-lo?

Responderei: porque sou daqueles que acreditam que a verdade continua a ser Símbolo da coragem, da renúncia, da humildade e do respeito para com o próximo.

Proclamá-la nesta solenidade honrosa, na verdade é ser sincero e agradecido para com aqueles que acharam de me homenagear com um mandato dos mais nobres e cobiçados por quantos se esforçaram e tiveram a sorte de viver haurindo os conhecimentos científicos e literários que tanto elevam e engradecem o homem.

Escudado, assim, na verdade, é que tenho a coragem de assomara esta Tribuna, fonte irradiadora de inteligências privilegiadas dos próhomens que, num momento de rara felicidade, fundaram esta Academia, e, de coração aberto, dizer: Senhores Acadêmicos, escusai-me pela demora em atender ao vosso glorificante chamado.

Não aceitar

A impressão para quem observa os fatos que eclodem diuturnamente, nos mais diferentes pontos da terra, é que algo de sobrenatural está a advertir o homem de que a vida não é só matéria.

O extraordinário avanço tecnológico se resolve, em parte, os problemas que tanto afligem e preocupam a humanidade, apresenta-se insignificante e praticamente sem nenhuma valia diante da incompreensão e do ódio que dominam e avassalam a todos e a tudo.

É de ontem a última guerra mundial. Os mais cruéis e condenáveis processos de destruição foram postos em prática, matando, inclusive, nos campos de concentração, milhões de criaturas inocentes. E nem podemos olvidar o genocídio nazista praticado contra a raça semita.

O Mundo praticamente ficou dividido em dois. De um lado, uma horda desumana e insensível, sob comando frio e calculista de um

homem sedento de sangue e vingança contra aqueles que não comungavam de suas idéias. Do outro, uma aliança de povos, desfraldando a bandeira da liberdade e da fraternidade.

Como testemunhas vivas desse entrechoque brutal, incorporados que foram às Forças Aliadas, encontram-se espalhados no território nacional os bravos e valentes Pracinhas, das Forças Expedicionárias Brasileiras.

Neste ensejo, num preito de imorredoura gratidão à memória daqueles que pereceram nos campos de batalha, pensando que estavam nos legando um mundo melhor, a minha humilde prece.

Homem simples de província, de formação religiosa alicerçada nos princípios sagrados do cristianismo, acreditei que com o "cessar-fogo", tudo voltasse à Paz do Senhor e o homem se transmudasse em um ser fraterno, implantando o amor em seu coração, como motivo e razão de ser de sua existência.

Pobre ingenuidade! A história aí está, embora incompleta, a registrar, num crescendo assustador, que o homem cada dia mais se animaliza, semeando os grãos rubros do ódio, da violência e da brutalidade.

Abra-se um jornal; acione-se o botão de um aparelho de rádio ou televisão; folhei-se uma revista; manusei-se um livro, e a impressão que nos domina é a de que caminhamos a passos largos para a destruição total da humanidade.

Manchetes e programas com destaques aterradores noticiam: desentendimento, extermínio e morte por questões religiosas; o dinheiro corrompendo consciências e dominando a todos em desbragada cobiça; meios escusos para galgar o poder de mando; homicídios perpetrados com requintes de barbaridade; roubos; assaltos; sequestros seguidos de morte; greve com parada do trabalho e greve de fome como protesto contra os que dirigem; estupro; sexo, como símbolo de civilização; drogas subjugando o homem à escravidão do vício; enfim, um elenco de crimes inimaginados e inimagináveis perpetram-se diariamente pelo homem que se diz civilizado .

O peso de tamanha monstruosidade material, deixa-me confuso e põe em dúvida a minha disposição de ingressar neste Templo de Luz,

onde, felizmente, o homem ainda cultiva, exalta e reverencia a inteligência como meio de se aproximar, tanto quanto possível, de Deus, que o fez à sua imagem.

Diante disso, passei a perguntar de mim para comigo, num monólogo de quem perscruta a própria inteligência:

— Não seria mais aconselhável permanecer como me encontro, estático, deixando que os fatos prossigam na sua faina destruidora?

— A minha participação no trabalho de resistência pela sobrevivência dos princípios espirituais, seria, na realidade, a mais indicada?

Aceitar

A beleza admirável dos dons espirituais, caracterizada pela bondade que oferece soluções para as preocupações e dúvidas do homem no seu convívio social, fez com que me transportasse instintivamente para as páginas de ouro dos livros sagrados.

Mergulhado naqueles ensinamentos magníficos, reforcei as minhas combalidas forças de decisão e me situei frente à realidade da vida — de que cada homem tem uma missão a cumprir neste mundo, seja ele embora, como se ouve na decantada oração — "um vale de lágrimas".

É natural que Deus criou o homem à sua imagem e lhe deu o céu, a terra, as águas, os animais, mas lhe fez sentir que

"Ainda que seja o dono da criação,
o homem não deve destruí-la. Ele
precisa admirá-la, explorá-la e
conhecê-la".

Estava aberta a grande clareira para a minha caminhada rumo a este Silogeu, quando, ainda, vem em meu auxílio, talvez atraído pelos laços de amizade que nos uniu neste mundo de provações, o espírito iluminado de Álvaro Maia, e consolida a minha disposição, ao exclamar num dos seus esplendorosos poemas:

"No diálogo com a vida, só cabe uma reação: por mais dura, por mais impiedosa, na procissão dos seus aspectos negativos, responder com fé, responder com amor, responder com exaltação".

Vitoriosos os ensinamentos da ciência do bem, ao afirmar que a Fé remove montanhas, que o amor tudo pode construir: eis-me aqui, Nobres Acadêmicos, orgulhoso, se é que podemos ser orgulhosos, e dominado inteiramente pela emoção, principalmente quando me transporto para os dias de menino e jovem introvertido, sem qualquer condição de enfrentar os seus semelhantes e dialogar com eles.

Provas vivas da minha introversão, de infância amedrontada e tímida juventude, muitas estão aqui presentes. E, por certo, intimamente cantam, neste momento, juntamente comigo, quando sou guindado ao cume desta montanha, luzeiro das figuras mais polimorfas em todos os quadrantes dos conhecimentos humanos, o hino da alegria, numa homenagem ao triunfo que, com um pouco de esforço e tenacidade, é dado a qualquer criatura, quebrando a geleira que a envolve e colocando-a em permanente relacionamento com os seus concidadãos.

O PATRONO

Francisco Pedro de Araújo Filho, nascido nas terras agrestes do sertão nordestino, na pequena cidade de Goiana, Estado de Pernambuco, no dia 9 de setembro de 1870, provém de humilde tronco, pois que filho de Francisco Pedro de Araújo, alfaiate por profissão e de d. Cândida Marreiros de Araújo, de prendas domésticas.

Debaixo do teto humilde, modesto e sem brasões, como soem ser as casas fincadas na hinterlândia brasileira, mas envolto pelo calor de pais dedicados e amorosos, Araújo Filho viveu seus primeiros anos de menino pobre.

Inteligente, assimilava com extraordinária facilidade os ensinamentos que lhe eram ministrados. Encontrou nos livros os seus maiores amigos. Passou a amá-los. Fez da leitura um proveitoso hábito. Ainda imberbe já se preocupava em estudar e pesquisar, entusiasticamente, as grandes obras de pensadores e filósofos que despertavam a atenção do mundo contemporâneo.

Enquanto era lentamente asfixiado pelos parcos recursos de que dispunha a sua família, cresciam e se agigantavam no recôndito do seu ser, nobres e grandiosos sentimentos de liberdade e incontida sede de saber. Assim, não tardou que procurasse deslocar-se para a cidade do Recife, centro irradiador das idéias democráticas, absorvidas pelos seus mais ilustres filhos, nas universidades da Europa.

Chegando à Capital pernambucana, aliou o espírito desejoso de vencer à cultura notável dos homens mais proeminentes da época. Aos poucos a sua figura começou a se destacar como força propulsora entre aqueles que eram olhados como estrelas de primeira grandeza. O jovem emigrado do interior conseguiu, logo nos primeiros contatos com o homem da grande cidade, captar, pela inteligência e pelo poder de persuasão, a estima, a consideração e o respeito de todos.

Mas, lamentavelmente, acossado pelo poderio econômico e político teve que interromper os estudos, bolsista que era do governo.

Nem por isso sua disposição de vencer na vida com dignidade foi abalada. Muito pelo contrário, maior e mais forte se consolidou, em seu espírito de jovem intimorato, a convicção de que a beleza das ações do homem reside em não recuar ante a adversidade.

Deste modo, o aparente recuo que foi obrigado a fazer, serviu para fortificá-lo de maiores energias e incentivá-lo a enfrentar novos obstáculos que, por acaso viessem de surgir.

Reinicia os seus estudos com a formação moral retemperada no cadinho das decepções cotidianas, associada à disposição inarredável de caminhar na estrada poeirenta e cheia de urzes do justo, em defesa dos oprimidos.

Passa a participar decisiva e corajosamente de todos os movimentos universitários. Se, na verdade não foi um comandante em chefe de tropas em operação de guerra, no contagiante movimento pela libertação dos escravos e implantação da República, não podemos ignorar sua atuação brilhante, ora como liderado, ora como lider, na luta perigosa e delicada da divulgação de idéias, através da palavra escrita e falada, ao lado de homens da estatura intelectual e coragem cívica de um José Mariano, José Maria, Joaquim Nabuco, D. Leonor Porto, Martins Junior e Maciel Pinheiro.

A aproximação com Martins Junior fez nascer, no jovem interiorano, uma grande admiração pelo homem público que arrebatava e empolgava a quantos tivessem a ventura de ouví-lo.

Numa síntese admirável, que emociona e exalta, o grande Péricles Morais, um dos luminares desta Augusta Academia de Benjamin Lima, traça o pérfil de Martins Junior, responsável que fora em grande parte, pela formação do caráter monolítico do excelso Araújo Filho.

"Mas o evangelizador da campanha era Martins Junior. Congregaram-se os paladinos em torno desse homem puro de inquebrantável nobreza de pensamento e de ação, cujo ideal supremo era rehabilitar e dignificar as consciências, imolando-se por amor da causa pública, como defensor estrenuo dos princípios imanentes da justiça humana. Sacerdote do direito, poeta, ensaista, filósofo e orador, dos maiores do seu tempo, todos esses títulos credenciavam-no para exercer o papel de líder do movimento revolucionário, que o foi com singular galhardia. Mas na cintilação do tribuno estava o elmo encantado de suas vitórias. Sem embargo, não era um tribuno que dominasse instantaneamente as assistências.

Exordiando, em qualquer que fosse o discurso, as suas primeiras palavras, proferidas a medo, tímidas, indecisas, inconsistentes, quasi tartamudeadas, provocavam um desapontamento coletivo. Depois, gradativamente, ao calor dos aplausos, como se o moral abatido se levantasse de súbito, a eloquencia do repúblico tomava impulso, avultava, crescia, eletromagnética nos seus efeitos inexplicáveis e inimitáveis, dardejantes na sua argumentação irretorquível. Não devia, porém, à metáfora o vigor de sua dialética. Aquela eloquência de surtos índomitos, paradoxalmente rejeitava o tropo e a retórica como elementos de convicção. Os seus conceitos primavam pela serenidade, pelo vigor estrito das analises, pela justiça das observações, pela bravura das afirmativas. Sabia dizer, procurava convencer, deduzia como ninguém, e era esse o segredo de sua dominação. Ademais, a integridade do homem equivalia ao desassambro do falangiário. Dir-se-iam duas forças paralelas queporfiavam para justificar-lhe a reputação imaculada.

Mas a excelsitude do carácter a tudo sobrepujava. A lógica dos seus actos dava-lhe a medida da enfibratura".

Mais adiante, Péricles Morais invoca o testemunho autorizado de Araújo Filho, colhido no vibrante e enternecedor discurso proferido na solenidade do 17º aniversário de falecimento do seu amado Mestre, numa homenagem e reconhecimento à sua inigulável formação moral:

"Terminado o tirocínio acadêmico, teria de receber a laurea, mediante solenidades ritualísticas, impostas pela lei, entre as quais figura o juramento de manter as instituições então vigentes. Jurar seria trair a própria fé, desmentir a intrepidez do seu caracter, já então puramente afirmado. Do auto da tribuna do salão nobre da Faculdade de Direito do Recife, perante toda a congregação, gravemente revestida das vestes talares e das insignias doutoraes, Martins Junior, sereno e tranquilo como um heróe, defronta todo o corpo docente, que já o admirava, nega-se a prestar o juramento, declarando com hombridade e estoicismo:

"Pobres, muito pobres são meus pais; obscuros mas honrados, não pouparam eles sacrifício para elevarem-me até aqui. Mas não aceitarão eles sacrifícios de minha parte, eles que nunca puseram peias à livre manifestação de minhas idéias... Não juro!" Disse e... não jurou!"

De escalada em escalada, Araújo Filho consegue, a duras provas, concluir o curso de direito pela tradicional Faculdade do Recife. Os seus colegas, num preito de justiça ao esforço, à tenacidade e à cultura, elegeram-no orador da turma.

Espírito irrequieto, herdeiro das tradições de heroismo e bravura dos seus avoengos, depois de uma viagem de curta demora às terras de Santa Catarina, resolve, em definitivo, nos idos de 1904, transferir-se para o Amazonas lendário.

Abandona o abrigo seguro e amoroso dos seus pais, a amizade arraigada dos seus companheiros de infância e a terra em que nasceu, para enfrentar a guerra competitiva na distante, acolhedora e risonha cidade de Manaus, pólo de progresso acelerado e colmeia das inteligências mais lúcidas e privilegiadas do extremo norte.

Sempre e em todos os tempos a despedida deixa atrás de si traços indeléveis da pessoa amada. Logo, a partida de Araújo Filho, talvez para

nunca mais retornar, deixa um coração sangrando de saudade a pulsar no peito de uma Santa mulher que tudo representava para ele — sua Mãe.

Mãe, palavra que se traduz em amor sublime e nos transporta suavemente, como um sopro diáfano, à figura simbolo de todas as mães — Maria Imaculada, Mãe de Jesus. Mãe, que faz feliz e venturoso aquele que nos momentos de alegria e sofrimento pode recorrer ao seu regaço. Mãe, que é dor e saudade imorredoura para aquele que teve a desdita de perdê-la nos primeiros meses do seu nascimento, não lhe sendo, destarte, concedida a felicidade de beijá-la e acariciá-la. Mãe, que num momento de inspiração excepcionalissima fez brotar, como água cristalina do coração e do cérebro de um filho amantíssimo — Dom Ramon Angel Jara, Bispo de La Serena — Chile, a mensagem que a pereniza como a razão de ser de todas as criaturas, indistintamente:

"Uma simples mulher existe que, pela imensidão do seu amor, tem um pouco de Deus; e pela constância de sua dedicação, tem muito de anjo; que, sendo moça, pensa como uma anciã e, sendo velha, age com as forças todas da juventude; quando ignorante, melhor que qualquer sábio desvenda os segredos da vida, e, quando sábia, assume a simplicidade das crianças; pobre, sabe enriquecer-se com a felicidade dos que ama, e, rica, empobrecer-se para que seu coração não sangre ferido pelos ingratos; forte, entretanto estremece ao choro de uma criancinha, e, fraca, entretanto se alteia com a bravura dos leões; viva, não lhe sabemos dar valor porque à sua sombra todas as dores se apagam, e, morta, tudo o que somos e tudo o que temos dariamos para vê-la de novo, e dela receber um aperto de seus braços, uma palavra de seus lábios. Não exijam de mim que diga o nome dessa mulher, se não quiserem que enisope de lágrimas este álbum: porque eu a vi passar no meu caminho. Quando crescerem seus filhos, leiam para eles esta página: eles lhe cobrirão de beijos a fronte; e dirão que um pobre viandante, em troca da suntuosa hospedagem recebida, aqui deixou para todos o retrato de sua própria MÃE..."

O ADVOGADO

A sublimidade da Advocacia, sem desmerecer as demais profissões, tem se afirmado através dos séculos pelas manifestações corajosas

dos Advogados mais eminentes no conflito de direitos submetidos ao exame de decisão de quem possui competência para reconhecê-los.

Falando de Araújo Filho como Advogado, não posso, em absoluto, deixar de colocá-lo no grande quadro que tem como moldura o perfil admirado e admirável que foi traçado com maestría por Henrion De Pansey, quando nos oferece essa beleza de conceito:

> "Livre dos empeços que cativam os outros homens; muito de altivo para ter protetores e muito de obscuro para ter protegidos; sem escravos nem senhores, tal como o homem na sua dignidade primitiva".

Efetivamente, se acompanharmos a trajetória grandiosa da vida profissional de Araújo Filho, convencer-nos-emos de que ele corporificou fielmente a figura criada pelo inolvidável batonnier francês.

Atentemos para o que escreve o mestre Péricles Morais sobre o nosso Patrono na sua obra primorosa — "Vida luminosa de Araújo Filho", que no dizer do grande e saudoso causídico Leopoldo Peres, "bem poderia ser, integrando uma galeria de inclitas existências romanceadas — gloriosa como a de Victor Hugo, procelosa e fagulhante como a de Mirabeau, reflexiva e profunda como a de Descartes, prodigiosa como a de Balzac, amargurada e dolorosa como a de Charles Baudelaire, — eis o fúlgido ensaio, em que se desdobrará dentro em pouco, na cadencia de suas linhas harmoniosas, de suas constantes fundamentais, de suas tonalidades e intrínsecos valores, ascendendo às culminancias definitivas do conhecimento e da expressão...".

"Quando chegou a Manáos assim se refere Péricles Morais a Araújo Filho, o seu primeiro cuidado foi inaugurar, em rua conveniente, a banca de advocacia. Conseguira uma sala modesta e os moveis indispensáveis. Era um gabinete humilde, que mais semelhava o taudis daquele estudante pobre de Feuillet, ou o esconderelo onde morava D'Aurevilly, nos seus ultimos dias escruciados".

"Installara o escriptorio com o que lhe parecera imprescindível para reiniciar a vida. Mas os clientes faltavam. Quantos projetos elaborados e sossobrados em um só minuto! Quantas horas dolorosas de inquietação! Não o descorçoaram, porém, as incertezas e dubiedades daquele transe. Sentia-se forte para resistir, sem desar à delicadeza da

crise, que julgara fugaz, e não esmoreceu. Com efeito, foi um revéz transitório. Um dia, quando já principiava a descrer, a fortuna mendaz abre-lhe as azas. Os seus serviços profissionais são reclamados para uma causa sensacional, das mais sensacionaes que ainda repruiram a opinião. Era o momento azado para afirmar, de subito, o conceito altissímo que lhe procedera o nome. Além do mais, defrontar-se-ia no plenário com Heliodoro Balbi, recentemente formado, e patrono ex-adverso, cujo verbo escandescente tomaria proporções incalculáveis, se não houvesse um dique de aço para travar-lhe as soberbas audácias. O recontro, no tribunal do jury, dessas duas espiritualidades peregrinas, foi um dos acontecimentos que mais enalteceram as lides criminaes do Amazonas. O desfecho da pugna memorável, com a absolvição unanime do acusado, sem nenhum deslustre para o acusador, depois da defesa formidável de Araújo Filho, que se nivelara aos grandes mestres do direito penal contemporâneo, consolidou-lhe definitivamente a reputação".

Prossegue o mestre Péricles Morais:

"Refiro-me às razões finaes, em primeira instância, das Fazendas do Estado do Amazonas e do Município de Manaos, das quaes Araújo Filho era patrono, contra a companhia inglesa The Manaos Markets, em uma ação de reivindicação; e à defesa do senhor Raul de Azevedo, administrador dos Correios do Amazonas e Acre, perante a Justiça Federal. Nesses dois estudos que, além do mais, deixam patente a certeza de ter o escritor, atilado e vivaz, claro e conciso, animado de um sopro ardente os seus períodos, insculpidos em lídimo vernáculo e as suas idéas, meditadas com a segurança de quem passou a vida pensando — facto singularissimo nesta época de prosaismo em que a arte de escrever e de pensar está gravemente comprometida, o professor de Direito exerce com vigor a sua autoridade de constitucionalista, cuja visão, abrangendo os princípios doutrinários e os exames das legislações comparadas..."

Era o passo decisivo de um homem decidido a pisar a terra que ele haveria de fazer sua pelo coração e pelo trabalho, enaltecendo-a e engrandecendo-a no campo árido e controverso dos debates forenses.

A minha posição ante a quantidade, deveres impressionante, de diamantes, representados pelos seus trabalhos jurídicos, deixa-me em

dificuldades de acolher entre os maiores e os mais puros, qual deles devo ofertar a este seleto auditório, porquanto a luz incandescente da inteligência do grande e inolvidável Advogado que foi Araújo Filho, continua a iluminar este recinto augusto.

Cabe-me, pois, numa reverência humilde, caso não seja feliz na escolha, exculpar-me pelo delito! De uma coisa podeis ficar certos, senhores acadêmicos, meus senhores, dignissimas senhoras, houve da minha parte a maior preocupação em aceitar, porque qualquer manifestação à pessoa de Araújo Filho afigura-se-me de transcendental importância.

Então, achei que o melhor caminho seria recorrer-me daqueles que tiveram a sorte de participar da amizade do combativo Advogado. Eles viveram e se sensibilizaram diante da inteligência fascinadora e da palavra arrebatadora do causídico que marcou época nesta plagas.

No transcorrer das comemorações do seu centenário, programado por esta Academia, Sadoc Pereira, juiz impertérrito, glória e honra da magistratura amazonense, numa oração que impressiona pela sinceridade e se afirma pela saudade que devotava ao seu grande mestre, transmite, à geração que não teve a ventura de conhecer Araújo Filho, algumas passagens marcantes daquele homem que foi, sem favor, o protótipo do Advogado:

"Comparecia ali à residencia do meu interlocutor, com uma carta, por determinação do chefe da minha repartição, — Domingos de Andrade, — para missão que eu ignorava até aquele momento, porque ele sobre isso não me havia elucidado.

Foi Araújo Filho quem ma explicou, pois sem conhecer-me, já me esperava e sabia o fim de minha visita.

Dentro de poucos instantes estava eu sentado diante de uma mesa, sobre a qual havia papel, caneta e tinteiro a escrever.

Araújo Filho, folheando um grosso volume de autos, — uma questão da "Manaus Markets" contra o Estado e o município, — começou, de pé, a ditar-me umas razões, indo e vindo de um extremo a outro da sala.

Iniciou o trabalho formulando o conceito de monopólio, e expondo as suas consequências. Apesar da aridez do assunto, eu me sentia

encantado pela sua exposição, feita em uma linguagem límpida e elegante.

As frases, ditas de improviso, eram fluentes, cadenciadas e harmoniosas, soando, por vezes, aos meus ouvidos, no arrematar dos periodos tersos, ora como redondilhas ou decassilabos, ora como perfeitos versos alexandrinos.

Quando Araújo Filho entrou propriamente na discussão da causa, maior foi a minha surpresa. Analisando as alegações do advogado adverso, ia ele destruindo-as uma a uma, com uma argumentação admirável e tremenda.

Houve um momento em que Araújo Filho, defendendo uma tese formulou uma objeção. Aludia a uma proposição feita pelo antagonista. E começou a explorá-la.

Tive, a princípio, a impressão de que o patrono do Estado e do Município havia oferecido por suas próprias mãos, um elemento formidável para a vitoria da parte contrária.

Como se compreende, — indagava eu no meu íntimo, com a minha experiência, — que viesse ele combater e aniquilar daquela maneira a pretensão de seus constituintes?

Nisto, Araújo Filho ditou-me uma frase curta e incisiva: "mas não é assim". E começou de novo a examinar o caso, desenvolvendo novos raciocinios.

Em breve, a conclusão que ele apontara da primeira vez e que me havia parecido evidente e irrefutável, estava por terra, totalmente destruída, reduzida a frangalhos.

"Era assim a sua lógica"

O ORADOR

A história de todos os povos registra nomes de oradores que se tornaram célebres pela beleza de seus argumentos, pela eloquência e impetuosidade de seus pronunciamentos, pelo alto poder de atrair e convencer a quantos estivessem a ouví-los.

O Amazonas para orgulho dos seus filhos inscreveu, também, nas páginas gloriosas de sua história artística e literaria, os nomes imortais

de Telésforo de Almeida, Heliodoro Balbi, Adriano Jorge, Leopoldo Peres, Hemetério Cabrinha, Álvaro Maia como oradores consagrados pela cultura e pelo talento.

Araújo Filho pela vibração que imprimia aos seus discursos, pela profundidade e coragem com que interpretava os assuntos sobre que discorria, tornou-se, na verdade, um dos mais formidáveis e respeitados oradores do seu tempo.

Vivamos, pois, alguns instantes encantadores, que por certo hão de deleitar o seleto auditório, ouvindo trechos de suas orações, refertos da mais pura espiritualidade, verdadeiros hinos que atraem e sensibilizam os sentimentos mais empedernidos.

Paraninfo da Turma de bachareis de 1914, sentiu que era o momento de provocar e sacudir os corações dos jovens para o que há de mais sublime na vida daqueles que iam deixar a Faculdade para se integrarem à sociedade como defensores da lei e da justiça.

"A fantasia de um homem de grande talento incompreendido, possessa desse delírio que irrompe pela alma dos bons e os leva muitas vezes até às raias do ridículo, iconoclastas dos maus e dos egoistas, a dedicação impessoal, a coragem pacifica e constante, de todos os dias, de todos os lugares, durante largo trato de tempo, conseguiu que esse homem vencesse a indiferença de alguns e ficassem lançados os fundamentos desta instituição, cuja florescência ora se consagra.

É justo, é necessário que, neste instante, nesta solenidade, em que se armam cavaleiros da justiça e do direito os noveis bachareis, seja a nossa primeira evocação um ato de justiça, um preito de gratidão àquele que, em terras distantes, ignora, talvez, que aqui fazemos a esta hora a mais bela e a maior de todas as consagrações.

Já compreendestes que eu quero evocar-vos o nome de Eulálio Chaves, o esforçado batalhador, que andou por muito tempo a propagar a obra futura e promissora da Instituição, cujos destinos e consolidação teria de ser, em hora feliz, confiada àquele que, para nós, para todos homens de bem, representa o modêlo da coragem e da bondade, o tipo forte, honesto, bravo e bom, que é êste nosso, muito nosso Astrolábio Passos — o venerando Reitor, mais do que Reitor, o verdadeiro organizador desta Escola.

A justiça, que o excelso poeta de Florença achava que da mesma forma que o amor, move o sol e as demais estrelas; a justiça que é já, a esta hora para nós outros os barachelandos, a destinação final da vossa carreira, a meta suprema da vossa láurea, a justiça que é a caridade dos fortes, como a caridade é justiça dos fracos, manda que passemos adiante sem deixar insculpido o nome do verdadeiro iniciador da nova universidade, no dia em que ela afirma a exuberância da sua vida, a certeza do seu futuro".

Reviver a história é não deixar extinguir-se o fogo sagrado que perpetua a presença do homem no Planeta Terra.

No momento em que estou prestes a receber o honroso galardão de imortal, trazendo, para o recinto Augusto deste Templo, as palavras oraculares do fulgurante Patrono da cadeira nº 05, pronunciadas em 1923, na sessão cívica realizada no salão nobre do Ideal Clube, organiza da por esta Academia em homenagem a Ruy Barbosa, acredito estar concorrendo para que a história permaneça viva, séculos a dentro.

"Será assim, prelecionava o imortal Araújo Filho, como entende o filosófo inglês, a História Universal, a narração do que o homem fez, na sua passagem pela vida, nada mais nada menos, do que fizeram os grandes homens?

Poder-se-á, então, repetir, como o velho poeta latino, aquele cantor da Pharsalia: "Humanum paucis vivit genus?"

Não sei, senhores, de maior aristocrata do que seja a História.

Strauss tinha bem razão quando, mais ou menos assim, o afirmava, eivando de aparente pessimismo uma grande e irrecusável e incontrastável verdade.

Um povo está, vive, palpita, sente, produz, reage, vence e acende na história o lume perene de sua imortalidade do lume que ardeu e cumburiu a alma e o espírito, o cerébro e o coração dos seus grandes homens!

Democratizem-se as instituições; popularizem-se as ciências; abaixem-se as culminâncias sociais para que possam ingredir as ultimas camadas das gentes perdidas nos últimos desvãos; promulguem-se as leis niveladoras e equalitárias; preguem-se os evangelhos místicos da humildade e da resignação; reduza-se a vida do homem dentro das

muralhas de um vasto cenobio de bondade, de igualdade, de santidade, de devotamento, de abandono, de renúncia, de sacrifício, lá dentro, silêncio pejado de todas as abnegações, na oblação de todas as lutas, no amornamento de todas as paixões, sob a música dolente dos cilicios e o perfume santificado das preces, ha de alcandorar-se, sempre e sempre, o gênio de Athanásio, de Thomaz de Aquino, de Thereza de Jesus, de Manuel Bernardes, de Antônio Vieira!

É que o genio gravita para a luz; banha-se de sóes; ilumina-se de todas as claridades; eleva-se; ascende às fotosferas luminosas e incandescentes, onde a eternidade apaga as linhas do tempo e Deus acende os lampadarios inexauriveis da imortalidade"!

E, mais adiante, o grande orador, num crescendo que eletriza, fazendo vibrar de entusiasmo o mais apático cidadão, clama:

"Síntese animada e complexa, unidade múltipla e misteriosa, força indomável e terrível, em que se condesam as forças isoladas e unipessoaes dos individuos e das massas, das gerações e das raças, de todos os sentimentos, estaticos e dinamicos, somáticos e evolucionaes da entidade ideológica que é o povo, transubstânciação peregrina e incomprendida, victoriosa e malsinada, exhuberante e recalcada da alma coletiva; essencia pura e trescalante; luz que deslumbra, verbo que canta e chora, prega e inebria; às vezes, vibrando o látego que transuda ódios, terríveis como o vendaval que devasta; às vezes, doce e suave, caricioso e meigo, erradicando as urzes do caminho e por ele distendendo as palmas e os mantos, como em esplendoroso domingo paschoal, para que palmilhem as gentes e os povos para a ressureição, a vida perenal da história..., o genio é a emanação directa da divindade, pois que é a mais opulenta e transcedentes de todas quantas formas providenciaes emergem na criação, perpetuando-se, através das idades, como uma maravilhosa parodia ou semelhança divina, como interpretava e traduzia Sophocles num dos choros imortaes da Antigone..

O gênio definiu o maior genio da cristandade, no terceto sublime:

"Quivi é la sapíenza e la possanza
ch'apri le strade 'tra í cielo e la terra, onde fu già sí lunga distanza". (Dante — Par: XXIII, 37,39).

Cabem os genios na história, como cabem os Prometheus nas lendas!

Não cabem... Sobram; não sobram... transbordam; não transbordam... inflam, avultam, rebentam as craveiras, crescem e crescem tanto que vão imergir as frontes rutilante nas rutilancias da Via-Lactea...!

Descartes afirmava que o genio era a perfeição da criatura imperfeita. E Leibnitz acrescentava: "ex-vii geni homo ad perfectionem venire posse".

Desgraçadas as raças, malditos os povos, infelizes as gentes que não tem, ou não tiveram dessa gloriosa jerarquia de individuos aos quais o espírito recto e ponderado de Macauley chamou de "Homens-Pincaros", por isso que recebem a luz antes que o sol transmonte acima do horizonte.

Tivemo-lo, senhores, em verdade, vos digo! Tivemos aquele que excelso espírito de poeta chamou o Homem-Trigo, e que o vosso humilimo interprete, neste momento, preferiria apelidar de Homem Hostia!

Hostia... porque encarnou muitas vezes as oblações e sacrifícios que a sua terra e a sua gente lhe requeriam!

Hostia... porque, nas aras da Patria, eleva-se, perenemente luminoso e branco, irradiando genio e bondade!

Hostia... porque, verdadeira constelação como a homonima do signo do sagitário, iluminou das alturas, não um povo jovem, mas os povos e as nações da sua época!

Tivemol-o, compatrícios! Tivemos Aquelle que, há trinta sóes passados, precisamente restituia às mãos do criador o precioso fideicommisso que lhe confiara o criador, para que honrasse, engradecesse, exalçasse, dignificasse, nobilitasse, não uma raça e uma pátria, mas, sim, a especie e a Humanidade"!

Eis ai, senhores, o preâmbulo daconferência que encanta e deslumbra pela sua decoração marchetada de pedras preciosas. Mas, não menos empolgante se apresenta Araújo Filho quando passa a

explorar a figura do Grande Imortal, como achou de cognominar Rui Barbosa.

"E... agora, sacudo-me bruscamente do deslumbramento em que mergulhado, para ver e sopesar o tamanho e a gravidade do mandato que me quis confiar a bondade de uns, a inexperiência de outros ou a magnanimidade de todos aqueles que, na magnifica ingenuidade dos bons e dos fortes, ainda conformam cenaculos e organizam tertúrias para curar de letras e quejandas coisas esquisitas, numa pátria onde íncolas e ádvenas são salteados de outros mais graves, mais profícuos, mais instantes e, quiçá, mais suaves primores.

Uma vida, senhores, não é uma síntese, pura e simples, de atos praticados e feitos sucedidos na existência contingente de uma individualidade.

É, ao revés, a concatenação lógica dos sentimentos, das idéias e das volições que caracterizaram e acentuaram a personalidade, no projectar-se em seu meio e em seu tempo.

Uma vida, no nobre e santificado sentido do vocábulo, é o mais elevado poema que o homem realiza e perfaz!

É a mais tocante oblação ao Criador!

Podem os Américos Vespúcios, de todas as idades e de todos os tempos, apropriar-se e sonegar aos Colombos imortais a gloria de nomear os Novos Mundos descobertos!

Todavia, os Colombos vilipendiados e sequestrados no ergastulo, terão feito da vida esse poema e essa oblação, que os elegem para a Imortalidade.

Aristoteles, Platão, Cicero, Galileu, Newton, Laplace, Cuvier, Bichot e Pasteur fizeram, de certo, da vida esse poema e essa oblação!

O nosso grande Morto Redivivo, a quem o poeta Florentino poderia chamar, se no século vivesse, "il Maestro di color che sanno", fez da vida um poema heróico de sabedoria e de caracter, de altivez e de magnanimidade!

Falar do Grande Imortal?

Ah! eu penso, firme e cordialmente, que se fora possível operar-se um extranho milagre de palingenesis, de auto-ressurreição e de simulta-

nea auto-critica... nem a Ruy Barbosa seria possível falar e dizer de Ruy Barbosa"!

Assim, as palavras do nosso inovidável Araújo Filho ora deslizam placidamente como as águas de um rio na plenitude da sua calmaria, ora elevam-se como as ondas encapeladas, tal o entusiasmo de que fica possuido quanto mais se aprofunda na vida genial de Ruy Barbosa.

Finalmente, o epílogo da sua conferência constitui afirmação irretorquível da sua humildade de homem simples do interior nordestino e da sua cultura multiforme, quando, em peroração comovente, submete a suspense o auditório que pende de seu lábios:

"Senhores:

Vai longa e monótona a parlenda do pobre e dessorado interprete.

Agora... "sursum corda"!

Corações e almas, cérebros e espíritos, ao alto!

Vêde bem!

No Olympo glorioso dos Pró-homens da Humanidade, nos céus estrelíferos da Imortalidade, penetra, flamiaureolado, o grande Herói da nossa Raça!

Arrepanhando as longas clamides, diafanas, puras, nimbadas de diademas luzentes e sideraes, Aristóteles e P..tão, Cícero e Seneca, Virgílio e Dante, toda a luminosa coorte dos grandes Imortaes entoa um cantico em hosanah mistico e um mistico "Laus perennis" das grandes ressurreições... e conclamam:.

"Sede bemvindo Irmão"!

DESTINO IMUTÁVEL

Não obstante as críticas que sofrem aqueles que defendem a tese de que o homem, ao nascer, recebe a chancela do destino, que irá acompanhá-lo durante toda a vida, há casos, como o do nosso Araújo Filho, que nos deixam grandemente impressionado.

Na verdade, se perscrutarmos sua agitada vida, forçados seremos tacitamente admitir que a Imutabilidade do Destino, nos últimos meses de sua existência, lhe reservara uma provação deveras cruel:... fê-lo afônico.

Afônico, a ele, que fora senhor de uma voz tonitroante, que atraia e impressionava, ao proferir os mais eletrizantes-discursos. A ele, que fazia da palavra o seu grande instrumento de trabalho. A ele, que encontrava no diálogo uma das grandes alegrias da vida. A ele, que, triste e desesperado, sentindo aproximar-se a morte, sofria uma dor insuportável: a de não poder falar aos seus amados familiares, e nem ao diletos amigos, quando, por toda a existência, fora sobretudo um "causeur" impenitente! Logo contra ele abate-se a inexorável fúria dos fados, contra ele que fora, finalmente, o grande enamorado da beleza da palavra, e que chegou a escrever a obra — "ORIGEM E FORMAÇÃO DO IDIOMA LATINO", primorosa e, embora inacabada, nem por isso deixando de ser representiva do esforço incomun no pesquisar, através dos termos, abeberando-se nos mananciais dos antigos que ele idolatrava, a evolução, lenta mas progressiva da mais maravilhosa faculdade que concedeu o Onisciente ao Homem — o dom de falar.

"A linguagem, — ou melhor, o fenomeno glossologico", — prelecionava o festejado helenista, imortal Patrono desta Cátedra, "não poderá perfazer uma situação excepcional, sendo como é, a linha que extrema a mais elevada especie natural de todas as demais, que compõem os infinitos domínios da Zoologia, hoje dilatada até a esfera do "infinitamente pequeno".

Nos primeiros estádios da Mente Humaana, a palavra fora um divino dom, dádiva sagrada: — a velha India assim o entendia, entendia-o assim todo o antigo Oriente.

Sócrates e Platão já começaram a desvendar menos longe as suas origens, humanizando-as, porquanto já no "Cratylo", — segundo o depoimento de um eminente investigador se comparava os etimólogos que filiavam as primeiras palavras do homem a uma ascensão sobrenatural, aqueles trágicos, que, embaraçados e indecisos, recorriam a um "Deus ex-maquina".

Mais adiante, com o mesmo brilhantismo e segurança, a sua pena, de indagação em indagação, persegue as verdadeiras origens do idioma latino, esse rebento derradeiro, que a gracilidade do conceito parnasiano chamara "Última Flor do Lácio, inculta e bela":

"Heráclito, Demócrito e Epicuro representam, destarte, as mais remotas e longinquas tentativas de generalização das origens e formação do fenômeno glossológico a que nos referimos acima — como sendo, se me permitem, a linguagem o pró-fenômeno da evolução da Humanidade.

Estava fundada pelo gênio grego a intuição naturalística da origem da linguagem: faltava-lhe apenas que, informe e imprecisa, fosse esse sincretismo inicial, perpetuado, desde logo, na mais elevada das linguagens, qual a Poesia.

Fê-lo Lucrécio, de que se diz que fora o primeiro gênio de que se poderá orgulhar a Humanidade, por ser o seu supremo Poema "a mais alta glorificação da Razão Humana".

O poeta discerne a necessidade imperiosa das coisas criando-lhes os nomes, variando-lhes os sons, modificando-lhes os acentos: o homem fazendo, como criança, mostrando com o dedo o objeto presente e suprindo pelo "gesto presente a palavra ausente".

De forma que quando a palavra foi presente, tantos séculos empós, outro poeta maravilhoso pudesse dizer:

— Pronaque cum spectent animalia cetera terram,
Os homini sublime dedit, coelumque videre
Jussit, er erectos ad sidera tollere vultus.
Sic, modo quae fuerat rudis er sine imagine, tellus
Induit ignotas hominum conversa figuras.

Eis aí, em síntese, senhores acadêmicos, a vida grandiosa de um homem sofrido, que soube cumprir admiravelmente, no campo do saber e da cultura, a missão que lhe foi imposta ao nascer, pois, como os varões ilustres do Orbe, recebera, também, desde o berço, o destino dos predestinados: simples como o "poverello" de Assis, dominador pelo poder do verbo como Cícero e Demóstenes, guerreiro como Napoleão e Alexandre e Apóstolo do Bem como Anchieta.

Agora, chegado ao fim, vêmo-lo ao inverso do que era. Voltava do Pará, no depoimento sempre preciso e fidedigno do seu admirável Biografo, centro mais adiantado de outrora, onde buscara bálsamo para suas dores atrozes e força física para o seu organismo minado pela doença.

— "Vinha prostrado, o olhar vítreo, as faces crestadas, e em rictus doloroso, um sorriso álgido e sardônico nos lábios lívidos. A assimetria de linhas na expressão fisionômica delatava-lhe o sofrimento. Abracei-o, retransido de amargura, procurando dissimular a minha inquietação. O movimento imperceptível dos lábios enunciava-lhe o pensamento, que a voz se lhe extinguira de todo:

— Ah! meu velho, é irremediável. Estou no fim..."

"Compreendi que a sua alma bruxoleante tivera a vertigem do despenhadeiro".

Nesse mesmo tom, balbuciante e impreciso, mais mímica do que propriamente articulação, testemunha-lhe Péricles Morais o último chiste, a "boutade" final, em tom acre pronunciada e seguida de um "sorriso amarelo e contrafeito".

— "Olha: não exageres o necrológio..."

Também eu, chegado ao ápice deste despretencioso registro, depois de uma caminhada vagarosa e acidentada rumo a esta Tribuna, marco imorredouro da passagem das mais deslumbrantes inteligências do extremo norte brasileiro, evoco, humildemente, o beneplácito da figura titânica, de inenarrável força telúrica que foi Araújo Filho, genial Titular da Cadeira nº 05 deste Silogeu. Que seu fulgurante espírito permaneça, como sustentáculo e fanal, sempre ao meu lado, permitindo-me a sobrehumana tarefa de honrar e dignificar a veneranda decisão de substituí-lo, embora palidamente, nesta augusta Academia. E a vós, Senhores Acadêmicos, amabilíssimos Senhores, não me resta senão agradecer, sensibilizado, a beneditina paciência em ouvirdes tão humílima parlenda, cujo mérito, conscientizo-me plenamente disto, consiste apenas em proporcionar ao joeirado auditório o dessedentar-se nas cristalinas fontes perenas e rejuvenescentes do magnífico Patrono, turbilhão de luz, caudal gigantesco do verbo, a desafiar a pátina do tempo e inscrever-se no bronze da glória sempiterna — "AERE PERENNIUS", para citar a sutileza da Musa de Horácio, um dos vultos mais representativos da Poética da velha Roma, à qual o exímio e incansável latinista devotava a mais acentuada predileção.

NA ARCÁDIA AMAZONENSE

DISCURSO DE POSSE

Homero de Miranda Leão

Senhor Presidente,

Senhores Acadêmicos:

Numa noite fervilhante de estrelas, recebemos, em nossa casa, a cativante visita de três embaixadores da inteligência, que iam comunicar-nos a nossa eleição para esta ilustre Companhia. Eram eles, Genesino Braga, João Mendonça de Souza e Elson Farias.

Ouvimo-los, a todos , com emoção e reconhecimento, pois, em verdade, o ingresso neste cenáculo das nossas letras, representa, sem dúvida, o corolário dilúcido de nosso amor à Beleza, de nosso culto à Arte, mesmo que o nosso sacerdócio seja exercido com a mais profunda humildade.

No instante, porém, em que nos era transmitida a boa nova, recordávamos de uma figura paradigmária que enchera de claridão esta Casa: Péricles Moraes. E referia-nos aos dois escritores, e ao poeta, que, por várias vezes, o saudoso Presidente desta Academia demonstrou o desejo de que viéssemos a integrar os seus quadros. Prestamos, de princípio, ao seu espírito iluminado a homenagem de nosso respeito, na ternura de nossa admiração.

A nossa vida tem sido, ao longo de seus dias, nas manhãs ensolaradas e nos crepúsculos dolorosos, uma permanente busca dos motivos de Poesia; e os temos encontrado, por parte, a cada hora, a cada instante, deles retirando, para a sofreguidão da alma, a partícula necessária a que nos comuniquemos com os nossos semelhantes, e sejamos compreendidos. É tudo quanto podemos pedir.

No universo interior de cada poeta existe o tumulto de muitos

mundos; a harmonia cósmica que o cerca e corre paralela ao fragor das angústias que não podem abandoná-lo.

Muitas vezes, ele se desprende de si mesmo, e passa a viver o próprio motivo que o arrebata, para, depois, reaparecer com a mensagem, na transfiguração sideral do milagre criador... Onde ele a foi buscar? Onde ele a encontrou? As fronteiras de sua captação interior são como a linha do horizonte: eternamente azuis. O poeta vê a poesia como um todo. Pouco se lhe dá a transitoriedade da forma. O pensamento, perene, esse sim, transpõe os tempos, e marca para sempre a presença do artista.

Em todos os momentos, a poesia é, para o poeta, o que a quietude e para os rios; o que as cores são para a paisagem; o que a sombra é para o viajor. Diante do sofrimento humano ele se prostra; diante da alegria ele se comove; ante a tristeza ele se interroga a si mesmo.

Na sua concepção, a felicidade humana é um direito de todos; enquanto a desigualdade não deveria existir para ninguém.

No combate das idéias devem prevalecer aquelas com as quais se constroem as boas ações; a repulsa ao ódio deve ser a preocupação permanente do poeta, tanto quanto o amor deve constituir a sua grande força, para a edificação da fraternidade, eliminando a servidão, neutralizando as influências maléficas que possam destruir ou deturpar o lado bom das coisas, buscando sempre os ideais de perfeição. A inquietação é uma constante em todo poeta. A ânsia que o envolve nasce dos sonhos insatisfeitos, diante da vida; da luta travada entre as suas esperanças e a realidade chocante dos fatos; entre o sentido do eterno e o trivial do cotidiano. E somente a sua capacidade de absorção e compreensão dá-lhe condições para superar-se a si próprio, e transpor as fronteiras da luta, sem perder a sua autenticidade e o seu poder imaginativo.

E esse, sem dúvida, é um dos flagícios a que ele, sem o sentir, se expõe, apoiado no seu potencial anímico, para, depois, ressurgir, com a paz de seu canto, como um novo sol lavando vales e montes, para a floração de um novo dia.

E, o que dizer de sua capacidade de aceitação? De renúncia? A vida dá-lhe provas amargas, que ele as vence, sem rebeldia, no silêncio religioso do tabernáculo de seu coração. Desprezando os guizos efêmeros

ao seu redor, seu olhar se tranca, voltando-se para o mundo misterioso de suas fontes cantantes, de seus coloridos estranhos, de suas auroras de ouro. No eterno jardim dos seus sonhos, estrelas e flores se juntam, para a apoteose multicolorida da ilusão...

Saudamos, assim, certa vez, o Poeta:

Quem ousaria sondar
o estranho coração

— ânfora rubra —
que ele sustém
no peito,
e que guarda a essência de todos os sonhos
na pureza das noites
órfão de luz...
Junto de si, em cadências e frêmitos,
vozes se erguem... São interrogações de almas, pedaços de desejos e intenções,
esperanças em marcha!
E ele — submisso às angústias de seu ser —
a tudo escuta,
silenciosamente...
quem ousaria perscrutar
aquela alma
em cujos refolhos , em cintilações de pérola,
canta, e vibra, e pompeia um grande amor.

Amor pelos que sofrem!...
Amor pelos abandonados!...

Amor pelos que não tem pão!...
Quem ousaria medir o potencial
das emoções
que crepitam em seu mundo
interior!?... Elas são o filtro
miraculoso

por onde
escoam
todos os anseios
universalmente sufocados!...
Diríamos: por elas cantam
todas as vozes
num concerto cósmico
em oferenda à liberdade!
Mas ele, o homem anônimo,
continua a sua caminhada...
Na serenidade de seu olhar,
na compreensão de seus gestos,
na coerência humana
das suas atitudes,
palpita a irradiação profunda
de uma vida,
de algum estranho apostolado!...

Que mensagens lhe não estão ocultas
no seio dos lábios!...
Se ele no-las revelasse?...
quem sabe, não teriam elas
a poesia dos cânticos dos pássaros!...
A nostalgia divina
dos crespúsculos!...
Ou, então, a linguagem
de estranhos mundos fascinantes!...
Um dia, porém,
sua voz reboará
dentro do tempo!...
Não apenas as estrelas
recolherão, como hoje,
na urna azul e misteriosa
dos espaços,
as filigranas

de seu pensamento
tecidas
no cristal do silêncio!...

Sim, ele falará...
E as rosas,
as fontes,
as pedras,
os homens,
as auroras,
o escutarão!...

E será um hino à beleza

O PATRONO

Machado de Assis é o patrono de nossa Cadeira neste Sodalício, que tem o número 9. Dissertar sobre sua figura impressionante, que em verdade o foi, afigura-se-nos vasta tarefa, capaz de absorver um tempo incomensurável, o que não é nossa intenção, preferindo, antes, a busca da síntese, para perfilar aquele que, sendo jornalista, crítico, poeta, escritor, romancista, teotrólogo, clássico de nossa língua, se constituiu no ponto mais alto da literatura brasileira, em árbitro de nossas letras, ao seu tempo. Espírito profundamente aguçado, tinha a paixão das minúcias, descendo ao íntimo da alma humana, dele arrancando os segredos, para a tessitura das suas análises, entrecortadas, geralmente, de ironias, que, para ele, eram a revelação da própria verdade. Sem ser um cético, Machado de Assis tinha a sua filosofia de encarar a vida, e dessa filosofia ele impregou a sua arte, a sua maneira de ser.

Introspectivo, só ele podia medir o peso de suas emoções; só ele podia calcular a extensão de sua sensibilidade. Sua primeira fase de atividade intelectual marcou-se na imprensa, onde, jovem ainda, o seu talento se impôs, tornando-se respeitado, pelos artigos e comentários que produzia, despertando a atenção dos seus contemporâneos, que viam, nele, a

fulgurância de uma inteligência privilegiada, a par de seus sentimentos patrióticos, com notória inclinação ao culto cívico a Tiradentes. Vejamos o que, a esse respeito, nos diz R. Magalhães Júnior, em seu livro "Machado de Assis Desconhecido": "Para situar-se a posição de Machado de Assis na política do Império, é preciso prestar-se atenção principalmente às suas opiniões de jornalista, ao pensamento expresso em seus artigos e crônicas, uns e outros só em parte divulgados em volume. Dizem alguns, — e nisto erram, — que Machado de Assis sempre foi um temperamento avesso à política, um absenteista, mesmo, na expressão de Lúcia Miguel Pereira, que assim o dá como esteriotipado. Machado de Assis, foi em política, entre os anos de 1860 e de 1870, isto é, dos vinte e um aos trinta e um anos, um homem vinculado ao Partido Liberal, servindo a esse partido como jornalista, do que dão testemunho vários documentos, e, melhor que tudo, sua própria obra. A 24 de março de 1862, anunciando o aparecimento de um novo jornal, o "Jornal do Povo", diz Machado de Assis: "Para 7 de abril, anuncia-se a publicação de um jornal político que terá o título "Jornal do Povo". É redigido por dois talentos jovens, mas que já fizeram as suas primeiras armas nesta liça da imprensa. O "Jornal do Povo" não representa escola alguma, não acompanha princípios estabelecidos de nenhuma parcialidade política. É simplesmente um jornal consagrado a doutrinar o povo e a pugnar pelos interesses dele. Sendo assim, o "Jornal do Povo" será logicamente conduzido a pôr-se ao lado liberal que corresponde imediatamente às aspirações populares. E o concurso deles será tanto mais valioso quanto não pode haver dúvidas sobre as aspirações liberais dos seus redatores".

Assumindo o encargo de escrever uma crônica semanal no "Diário do Rio de Janeiro", a partir de 5 de junho de 1864, Machado de Assis criticou, logo de início, um discurso proferido no Senado pelo Barão de São Lourenço. Era este uma das figuras pitorescas da política do Império. Estudara em Portugal, sem chegar a formar-se, voltando de Coimbra com um forte acento lusitano e um gosto pronunciado pela poesia de Camões. Aqui, recebeu o grau de bacharel em direito, com a dispensa da terminação do curso, logo ingressando na magistratura e, por via desta, na política. Era o chefe de polícia na Bahia, na época da Sabinada, que ajudou a reprimir. E, à base desses serviços à ordem

legal, ampliou seus horizontes políticos, sendo eleito deputado à Assembléia Geral e presidindo, por duas vezes, a Província da Bahia, de 1848 a 1852 e de 1868 a 1872. Até 1861, era conhecido como o desembargador Francisco Gonçalves Martins, mas a partir daquele ano passou a ser um dos senadores vitalícios e, em 1860, à dignidade de membro da Câmara Alta juntou o título de barão. Entre os personagnes que se agitaram em nosso Parlamento, não havia orador mais prolixo, nem mais surpreendente, porque quando menos se esperava, interrompia o fio de suas considerações para intercalar versos camonianos em seu discurso. Não era um tribuno, propriamente. Era quase um recitalista. Abusava, também, não raro, do latim, o que dava ensejo a apartes sarcásticos, de homens irreverentes como Zacarias ou Cotegipe, que, nesses momentos, o atucanavam com gracejos, tentando desmontá-lo. Tal discurso mereceu um comentário no primeiro folhetim de Machado de Assis, na série de"Ao Acaso". Esse primeiro folhetim deixou, inexplicávelmente, de ser incluido no volume de "Crônicas". Nele, diz o comentarista do acontecimento da semana: "Vinha aqui muito a pêlo fazer uma divulgação política a respeito dos ministérios que fazem programa, mesmo quando não têm nenhum e dos programas que estão ainda à espera dos ministérios. Mas eu não quero, de modo algum, tornar demasiado séria a fisionomia destes escritos. Só farei excessão para os assuntos de política amena. O que é política amena? Tenho exatamente na lista dos acontecimentos da semana um fato de política amena: é o discurso do Sr. Barão de São Lourenço, na primeira discussão do voto de graças. S. Excia. ocupou a tribuna durante duas horas quase, e produziu no auditório a mais franca hilaridade. Eu mesmo, agora que já se passaram alguns dias, não posso lembrar-me daquele discurso sem sentir um sorriso. Em alguns pontos, S. Excia. fez política tétrica; eu só quero ocupar-me de política amena. Uma das gracinhas do ilustre senador foi dizer mal dos poetas como homem público. Para S. Excia. um soneto é um pecado que priva o autor da mínima atenção dos homens sérios. Parece que a lei justa e verdadeira seria aquela que, parodiando a lei espartana, mandasse deitar fora do seio comum o infeliz que nascesse com a deformidade poética. Longe disso, o ilustre senador vê que a

qualidade de poeta é uma recomendação nos termos de hoje, e deplorou esse fato, ora em frase indignada ora em frase picaresca. S. Excia. declara que não vê letra redonda há muitos anos; devo crer que, nesse tempo, esqueceu o que por ventura tivesse lido anteriormente. Seja-me lícito, porém, lembrar ao ilustre senador meia dúzia de nomes que diminuem um pouco o efeito de seus complexos oratórios. Meia dúzia, entre mil! Dante, o autor de "Divina Comédia" foi 14 vezes embaixador da Sereníssima República de Florença, e se o seu poema conquistou a admiração do mundo, os seus serviços de homem público mereceram a consideração dos seus conterrâneos e a ingratidão de sua pátria; Chateaubriand, o autor dos "Martires" e de "René", foi igualmente embaixador de França; Gladstone comentou o autor de "Iliada" e ilustrou as letras inglesas, o que o não impede de ser hoje o chanceler do tesouro, no país prático por excelência, e um dos primeiros, senão o primeiro financeiro da Europa; Lamartine, apesar das "Harmonias", serviu à sua pátria como diplomata, como representante, como presidente da República; Garrett soube acomodar as musas no Gabinete de ministro, e ninguém dirá que o "Tratado de Educação" desmerece ao pé de "Camões" e das "Folhas Caídas"; Martinez de la Rosa, eminente poeta, foi muitas vezes ministro da coroa espanhola; Alexandre de Gusmão, o Visconde de Pedra Branca, José Bonifácio, o Marquês de Paranaguá, e tantos outros, nossos e alheios, souberam aliar os dons das musas com os encargos da coisa pública.

Na chamada questão Cristie, o hino de Machado de Assis, contribuição de um moço vibrante e cheio de patriotismo, devia ter sido, naquele momento, como uma clarinada cívica, despertando entusiasmo entre os frequentadores dos teatros da Corte. Suas estrofes indignadas diziam o seguinte:

"HINO DOS VOLUNTÁRIOS"

Brasileiros! Haja um brado/ Nesta terra do Brasil: /Antes a morte de honrado/ Do que a vida infame e vil./ O leopardo aventureiro/ Garra curva olhar feroz/ Busca o solo brasileiro/ Ruge e investe contra nós/ Quer estranho despotismo/ Lançar-nos duro grilhão;/ Será o sangue o batismo/ Na nossa jovem nação/ Pela liberdade ufana,/ Ufana pela honradez,/ Esta terra americano,/ Bretão, não te beija os pés./ Nação

livre, é nossa glória,/ Rejeitar grilhão servil;/ Pareça à nossa memória/ Salva a honra do Brasil./Podes vir, nação guerreira;/Nesta suprema aflição./ Cada peito é uma tricheira/ Cada bravo um Ciplão. Essa manifestação do poeta que desabrochava. E a do jornalista? Escrevia Machado de Assis, nessa ocasião, o folhetim de "O Futuro" e foi nas colunas dessa publicação que se manifestou. Na crônica de 15 de janeiro de 1863, escreve: "A questão das reclamações inglesas ocupou exclusivamente a atenção do público durante esta semana. A população da Corte, nos primeiros dias do ano, ofereceu o mais nobre e o mais consolador espetáculo; a ansiedade ao princípio e depois, uma vez conhecida toda a correspondência diplomática, a indignação moderada, prudente, sensata; o desafio tácito do direito à força, da legalidade ao abuso, sem desvarios, sem ataques individuais. Os dias 5 e 6 principalmente foram os de maior agitação; o imperador, com toda a sua família imperial, desceu ao paço da cidade; a confraternização do povo com o chefe do Estado foi a mais cordial, a mais expansiva, a mais verdadeira. Às aclamações populares respondia o imperador com protestos vívos de que era brasileiro, e que a sua coroa respondia pela dignidade da nação". E nesse tom prossegue o articulista, demonstrando independência pessoal nos seus conceitos, a par de uma posição assumida, corajosa e altiva, de autêntica brasilidade.

As diversas fases da vida e atividade intelectual de nosso glorioso patrono, bem como suas próprias qualidades, podem, segundo ainda um dos seus biógrafos, ser assim divididas e apreciadas: Machado de Assis e o Imperialismo; Machado de Assis e a guerra do Paraguai; A "Estrela" do Alcazar; Machado de Assis e a política; Machado de Assis e o conselheiro Zacarias, o "Bilinguismo" de Machado de Assis; Machado de Assis e a "Abolição"; "O Burocrata" Machado de Assis; o "Nativismo" de Machado de Assis; "Profissão" de Fé Literária; "A Influência" de Carolina; "O Espírito Associativo" de Machado de Assis e os "Testamentos"; Machado de Assis e a "Religião".

Sobre o autor de "Memórias Póstumas de Brás Cubas" escreveu R. Magalhães Júnior: "Um homem que viveu sempre das letras e para as letras, sem ter jamais quebrado a sua dignidade de escritor". Peregrino

Júnior mostra a constância dos temas machadianos: "seus assuntos favoritos são sempre: o mistério da vida, as dúvidas do espírito, o isolamento do homem, a atração secreta da morte, a inutilidade de tudo e de todos".

O cinzelador de "Crisálidas" dá-nos, no entanto, um exemplo de humanismo sedutor, e pelos seus versos flui tamanha doçura, que o torna um dos mais puros líricos, e sua musa é a imagem mesma do amor...

Apresentando as despedidas, em nome da Academia Brasileira de Letras, junto ao ataude de Machado de Assis, em 30 de setembro de 1908, assim falou, entre outras coisas, Rui Barbosa: "Modelo foi de pureza e correção, temperança e doçura; na família, que a humanidade e devoção do seu amor converteu em santuário; na carreira pública, onde se extremou pela fidelidade e pela honra; no sentimento da língua pátria, em que prosava como Luís de Souza, e cantava Luís de Camões, na convivência dos seus colegas, dos seus amigos em que nunca deslizou da modéstia, do recato, da tolerância, da gentileza. Era sua alma um vaso de amenidade e melancolia. Mas a missão da existência, repartida entre o ideal e a rotina não se lhe cumpriu sem rudeza e sem fel. Contudo, o mesmo cálice da morte, carregado de amargura, lhe não alterou a brandura da têmpera e a serenidade da atitude. Poderíamos gravar-lhe aqui, na laje da sepultura, aquilo de um grande livro cristão: "Escreve, lê, canta, suspira, ora, sofre os contratempos virilmente", se eu não temesse claudicar, aventurando que as suas tribulações conheceram o lenitivo da prece. O instinto, não obstante, nô-lo adivinha nas trevas do seu naufrágio, quando, na orfandade do lar despedaçado, cessou de encontrar a providência das suas alegrias e das suas penas, entre as carícias de que tinha sido a meeira da sua lida e do seu pensamento.

Mestre e companheiro, disse eu que nos íamos despedir. Mas disse mal. A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima. Um dia supuseste "morta e separada" a consorte dos teus sonhos e das tuas agonias, que te soubera "por um mundo inteiro no recanto" do teu ninho; e, todavia, nunca ela te esteve mais presente, no íntimo, de ti mesmo e na expressão do teu canto, no fundo do teu ser e na face das tuas ações. Esses catorze versos inimitáveis, em que o enlevo dos teus discípulos resume o valor de toda uma literatura,

eram a aliança de ouro do teu segundo noivado, um anel de outras núpcias, para a vida, nova do teu renascimento e de tua glorificação, com a sócia sem nódoa dos teus anos de mocidade e madureza, da florescência e frutificação de tua alma. Para os eleitos do mundo das idéias a miséria está na decadência, e não na morte. A nobreza de uma nos preserva das ruinas de outra".

O ANTECESSOR

Francisco Pereira da Silva, poeta, jornalista e político, foi o último ocupante da poltrona nº 9. Paraibano de nascimento e amazonense por opção, o autor de "Poemas Amazônicos" era uma inteligência brilhante, um espírito batalhador, um apaixonado pela nossa terra, a que serviu no Parlamento Nacional, por várias legislaturas. Chegando jovem ao Amazonas, aqui forjou a sua personalidade, e compôs os seus primeiros versos. Na Revolução de 1930, tomou parte da Junta Governativa do Estado, iniciando-se, aí, a grande folha de serviços que prestou ao Amazonas. Aqui cerrou seus olhos numa demonstração de amor à gleba generosa, que o acolheu para sempre. Pereira da Silva, foi o autor da primitiva Lei que criou a Zona Franca de Manaus. Seu talento soube dar a necessária ênfase à Cadeira patrocinada, nesta Casa, por Machado de Assis.

AGRADECIMENTO

Senhores Acadêmicos: Seja-nos dado agradecer, do íntimo de nosso coração, a honra que me conferis, admitindo-nos um dos vossos, nesta noite memorável para mim, quando, em nossa lembrança, volteiam recordações comovedoras e inesquecíveis dos primeiros passos que ensaiamos na imprensa, e dos nossos primeiros versos compostos aos quinze anos... A vossa convocação impõe-nos uma responsabilidade, a que saberemos corresponder, dando o melhor de nós mesmos, de nosso esforço e dedicação, de nosso carinho e boa vontade a este Sodalício, cujos humbrais hoje transpomos, graças à vossa tolerância e à espontânea decisão que tomastes.

Ao acadêmico Mário Ypiranga Monteiro, que preside, com raro fulgor, esta Casa, as minhas homenagens, que se estendem a quantos a compõem, engradecendo a cultura e as letras amazonenses.

Permiti-nos, porém, Senhores Acadêmicos, que transfiramos a glorificação desta hora, àqueles que, com extremado afeto e inexcedível bondade, hão iluminado toda a nossa existência, conferindo-lhe as vitórias alcançadas, sem olhar sacrifícios, mas apenas o bem, que promana do amor. À minha esposa, aos meus filhos, aos meus netos, entrego este triunfo inesperado. Para Letícia, minha Musa Eterna, volto a dizer, no final desta oração.

NOSSAS VIDAS

Éramos dois adolescentes quando
as nossas mãos se uniram à vez primeira.
Lembro-me bem; havia uma ligeira
brisa na tarde límpida cantando...

Que importa a solidão que vem chegando
das cinzas do crepúsculo tocada
se ela ao milagre da ilusão dourada
em novos sonhos vai se transformando?!

Não sabemos ao certo se passou
para nós dois o tempo, ou se parou;
que tanto pode o humano coração...

Do sol daquela tarde em que nos vimos,
deslumbrados de amor ainda sentimos
tal como outrora, o fúlgido clarão!... .

ESTAÇÃO LÍRICA

Genesino Braga

Toda vez que, rompendo o fragrante e espesso crepe da noite de Manaus, se reacendem as luzes dos refletores externos sobre o Teatro Amazonas, e a forma exterior da majestosa Casa da Ópera parece flutuar numa núvem de luz, feérica e deslumbradora, como se restituída a um maravilhoso raconto de fadas, — nosso pensamento voeja para os dias de fausto e de esplendor artístico que o glorioso templo da Arte vivera no último lustre do século passado e na primeira década do atual, em suntuosas noitadas de gala, a platéia lotada "au complet" de um público de cultura e gosto requintados, diante de autênticas celebridades do drama e da ópera lírica, nos palcos da Europa.

Fora num mês de abril como este, prolongando-se por maio e junho, que a Grande Companhia Lírica Francesa ("Grandes Óperas, Ballet, Comique e Buffa" — anunciava-se), empresada pelo nosso Maestro Joaquim Franco e subvencionada pelo Governador do Estado do Amazonas, Coronel Constantino Nery, realizara, em 1907, a "Estação Lírica do Ano", no Teatro Amazonas. Havia estreado, com a ópera "Guilherme Tell", de Rossini, e chegara ao fim da temporada após exibir mais as óperas "A Filha do Regimento", de Donisetti; "Os dragões de Villars", de Aimée Maillart; "Fausto", de Gounod; "Mignon", de Thomar; "Carmen", de Bizet; "Huguenottes", de Meyerbee"; "Galatéia", de Masse; e "II Guarani", de Carlos Gomes — com récitas de assinaturas e récitas livres em mais de trinta espetáculos.

Era, realmente, de primeira grandeza o elenco da Grande Companhia Lírica Francesa. Trazia como prima-dona a famosa soprano-lírico-dramático Mademoiselli Hedwige Demours, de grande renome por seus invejáveis dotes artísticos e, sobretudo, por sua extraordinária beleza. Outras grandes figuras eram: a soprano-ligeiro Madame Léon de Mendés, "também uma bela mulher e de excelente recursos de vocalização", — referiam os jornais da época; a soprano-dramático

Madame Conti; as "mezzo-soprano" Madame Moska e Madame Botti; o contrato Madame Boni; os sopranos Mademoiselles Dummond e Lherne; o tenor-lírico Henric; o ter r ligeiro Benevady; os barítonos Valdor, Cretignan e Lerval; os baixos Darnaud e Nanent; o bufo Jogurel; o segundo-tenor Henrich; o segundo barítono Delange; o segundo baixo Lopes. O corpo de "balet" era constituído de 15 elementos, tendo como diretora a bailarina Ory e como primeira bailarina a graciosa Idda. Mademoiselli Naric era a bailarina meio característica. A orquestra se compunha de 40 figuras e tinha a regê-la o Maestro cav Eduardo Boni.

A estréia da Grande Companhia Lírica Francesa ocorreu a 30 de março de 1907, com a ópera de Rossini, "Guilherme Tell", exibida pela primeira vez em Manaus e cantada pela soprano Madame Léon de Mendés, que "teve as honras da noite", — escrevia o crítico teatral do jornal "Amazonas", — pois, além de se mostrar uma excelente cantora, revelou-se atriz de merecimento".

Foi ainda a muito formosa e suspirada Madame Léon Mendés quem apareceu na segunda récita de assinatura, com o papel principal de "La Fille du Regiment". Os seus agudos são melodiosos e, nos pianíssimos, é extraordinária de suavidade. O público aplaudiu-a com verdadeiro entusiasmo e merecida justiça", — comentou o crítico do Amazonas", acrescentando: "No "duo" com Sulplice, nos "couplets" sobre o 21° Regimento, na catilena dos adeuses, no "trio" com a Marquesa e Sulpice e, por fim, no "Salut à la France", foi incomparável".

Três óperas já cantadas, a platéia amazonense estava ansiosa por ouvir a Demours. A formosíssima francesa era realmente a primeira figura feminina da Companhia e as suas excelsas virtudes artísticas voejavam nas asas da fama, exaltadas pela crítica mais autorizada da imprensa européia. A Companhia reservava-a, entretanto, para a primeira récita de gala, que iria ocorrer com a exibição do "Fausto", ópera cuja representação era um dos trunfos do seu repertório. E assim foi que, na noite do primeiro domingo da temporada, a 7 de abril, em récita de gala, com o Governador Constantino Nery e a família no camarote governamental e a casa toda faiscando de

pedrarias e culminando de elegância e de bom tom, surgiu à cena Mademoiselle Hedwige Demours fazendo a "Margarida" da imortal ópera de Gounod. Interpretava o "Fausto" o tenor inglês Hughes e os papéis de "Liebel" e "Dame Marthe" foram desempenhados pelas "mezzo-sopranos" Madame Botti e Mademoiselle Dummond. Ao barítono Valdo coube o "Metistofeles". A Companhia havia caprichado nos cenários, trazendo-os de Milão, onde foram especialmente preparados pela afamada Casa Sormani Ercole. Riquíssima era a "mis-en-scene"; e uma banda de música fora posta em cena.

Por três vezes, durante os quatro atos do "Fausto", Mademoiselle Demours fez a platéia levantar-se para aplaudí-la em delírio: na canção do Rei Thuli; na Ária das Jóias; e na cena final. "A representação de ontem do "Fausto" — comentou o crítico do "Amazonas", — foi um sucesso para a Sra. Demours, que cantou admiravelmente, sendo aplaudida por vezes e principalmente na ária das jóias, onde os aplausos foram em delírio e prolongados, levantando-se o seleto público que a ouvia, para aplaudí-la". O sucesso da Demours se repetiu na segunda exibição do "Fausto", dois dias depois, em récita livre. Glorificavam-na os jornais.

Tão ruidoso sucesso, porém, parece ter levado a ciúmes a outra beldade da Companhia, a soprano-ligeiro Madame León Mendés. E quando, a 14 de abril, se reacenderam as luzes da ribalta do Teatro Amazonas, para a terceira apresentação do "Fausto", inesperadamente a Demours adoeceu, — "de influenza, diziam os jornais, — cabendo a Mendés substituí-la no papel de "Margarida". No dia seguinte, escrevia o cronista teatral do "Amazonas": "A Sra. Demours foi substituída pela Sra. Léon Mendés, que brilhou no papel de "Margarida" e recebeu, depois de cantar a Ária das Jóias, uma ovação como nenhuma artista apanhou na atual estação".

Dividiram-se, entre a Demours e a Mendés, as opiniões dos "habitués" da Estação Lírica e as da imprensa. E um cronista teatral, que se assinava E. P., comentando o duelo em que se batiam os admiradores de uma e outra, estabeleceu, em sua crônica, uma comparação entre as duas artistas: "Notamos que a Sra. Demours é

um soprano ligeiro, tendo esta sobre aquela a vantagem do físico, que se aproxima mais do tipo idealizado por Goethe".

Essa comparação de E. P. fez a cidade sorrir maliciosa e recebeu troça chistosa do poeta humorista que, todos os dias, na primeira página do Amazonas", — assinando-se ora "Ri-Pauto", ora "Ri-Só", ora "Ri-Cardo", ou "Ri-Acho", ou "Ri-Beiro", "Ri-Mando" e outros pseudônimos que (Th: Vaz, sabemos) ía assim construindo — comentava jocosamente, em sua seção permanente "Na Rabeca", os "potins" da cidade.

Soneteava, então, "Ri-Pauto":

"Fico na mesma e mesmo já sabia / Que os dois sopranos têm uma diferença./ No caso, nada vale a tal sabença,/ De nada vale a tal sabedoria. / Tudo se explica com clareza imensa / Nos cartazes da Grande Companhia. / Toda Manaus em peso já sabia / Que os dois sopranos têm sua diferença... / Meus pêsames. E.P., não descobriste / A pólvora, porém, por certo, viste / A certeza com que tão bem escreves. / Vejo, no entanto, os lábios sorridentes / Dizerem: — São sopranos diferentes? / Bolas! Até aí morreu Neves...

A grande Companhia Lírica Francesa seguiu para uma temporada em Belém, no dia 4 de junho, viajando pelo vapor "São Salvador" e levando todo o seu canoro elenco, inclusive as belas cantoras, as coristas e as graciosas bailarinas. A partida, inundada das lágrimas das despedidas, teve ressonâncias chistosas "Na Rabeca..." de "Ri-Alto", com estes tercetos finais de um soneto:

"Foram-se as "andorinhas" voejantes, / Voltam os "perus" a ser o que eram dantes: / A crista baixa, abatidos. / Mas o consolo deles será certo, / Pois embora nos seja tudo incerto, / Hão de voltar os dias já vividos..."

O NOSSO RAMAYANA — DEZ ANOS DE VIDA NOVA

Ulysses Bittencourt

Vai para um decênio que partiu do nosso convívio terreno Walmiki Ramayana Paula e Souza de Chevalier, um dos maiores, se não a maior fulguração mental brotada do Amazonas. Cidadão do mundo nascido em Manaus, à rua Dr. Moreira, sua personalidade física e intelectual o destacava e impunha nos círculos em que estivesse. Impressionava de imediato, conquistando a curiosidade e, logo em seguida, a admiração dos interlocutores ou ouvintes. Certa vocação teatral e um domínio seguro da palavra o tornavam orador empolgante e comentado, tanto na Bahia — terra de famosos oradores — e no Amazonas — que teve e tem discursadores brilhantes — quanto no Rio de Janeiro.

Mas, para quem o conheceu de perto e por muitos anos, ele foi um amorável, quase uma criança conduzida pelo gênio.

Afora artigos de jornal (como "A Soberana Significação de Ramayana", de Olavo das Neves, os da lavra de Djalma Batista, de Genesino Braga e, recentemente, o intitulado "Esquecimento Imerecido", de Danilo Du Silvan), e panegíricos outros na imprensa e na Academia Amazonense de Letras, que o mantêm lembrado, onde uma das novas ruas de Manaus, uma escola ou um grêmio literário com seu nome?

Ramayana ainda não teve, até hoje, um registro à altura e perene impressão deixada por sua passagem pelo Amazonas, o grande "circo sem teto" do seu amor.

Dez anos após sua morte, somente os amigos que o conheceram bem, que tiveram o requintado privilégio de conviver com ele, contam suas aventuras, suas tiradas sensacionais, episódios impressivos de que ele foi protagonista, sempre no que consistiu, afinal, em desperdício de um talento polimorfo.

Dono de uma vasta e muito bem utilizada cultura humanística, Ramayana despreocupou-se por inteiro de deixar fosse o que fosse. Assim como certas pessoas usam moderadamente dinheiro e outras o esbajam, ele nunca se limitou a apenas usar seu brilhantismo. Esbanjava-o com rara satisfação.

À medida que o tempo passa, vão-se os seus contemporâneos, sem que da imagem do nosso amigo fique uma consignação definitiva, focalizando necessariamente sua extraordinária inteligência, seu espírito impregnado de vibrante amazonismo, o sentido de fraternidade que marcou sua vida. Formou-se em Medicina; foi Coronel Médico da Polícia Militar; casou-se com Neuza de Magalhães Cordeiro, com quem teve quatro filhos — Stanley, publicitário; Ronald, economista; Scarlet Moon, jornalista e Bárbara, oficial de Chancelaria; depois de formado voltou ao Amazonas; em 1941, viajou para o Rio de Janeiro, a fim de representar seu Estado no Congresso Inter-Americano de Higiene Mental, onde fixou residência, inicialmente em hotel da rua do Catete, depois no Hotel Petropólis, na rua Senador Vergueiro e, mais tarde, em casa da rua Bolivar, em Copacabana; vem novamente para o Amazonas, a convite do Governador Gilberto Mestrinho, para dirigir o Departamento Administrativo do Estado; retornou ao Rio, onde vem a falecer em 3 de agosto de 1972 no Hospital do Andaraí.

Deixou apenas dois livros publicados — "No Circo Sem Teto da Amazônia" e "Fronteiras" — e mais dois inéditos, cujos originais estão extraviados, mas de que cheguei a ler páginas admiráveis. São "Luar Sobre os Túmulos", livro de contos, e "Ocaso de um Destino", de memórias, sendo que, deste último, o segundo capítulo chegou a ser publicado em "O Jornal" de Manaus, de 6 de setembro de 1970. É o fascinante bosquejo de uma época, a começar pelo período de fastígio propiciado pela borracha, até os ingratos tempos da crise econômica.

Ramayana foi também colaborador assíduo e muitíssimo conceituado da imprensa. Sua coluna "Quadrilátero da Quinta Hora", no jornal "A Tarde", do saudoso Aristóphano Antony, era esperada, lida e comentada pela população de Manaus. Foi uma dessas crônicas que lhe valeu condenação pelo famigerado Tribunal de Segurança Nacio-

nal, do tempo da ditadura de Vargas. Mas seus artigos magistrais instruíam e deleitavam a todos, como, dentre outros, "Aço e Vida", "Fratura e Morte", "Caminhos Cruzados", "O Vencedor e a Vida", por exemplo. Publicou ainda "Oração Acadêmica"; "Um Grande Mal Sem Remédio Definitivo (1940), sobre a tuberculose; "Traços de Um Grande Presidente — Manoel Ferraz de Campos Salles" (1941), "Ensaio de uma Parapsicologia da Amazônia", publicada pela Imprensa Oficial e pela Marinha de Guerra; "Euclides da Cunha e o Século" (1960); discurso de posse na Acadêmia Amazonense de Letras. Em 1940, sob o patrocínio do Governo de Álvaro Maia, criou e dirigiu "Flumilândia", revista de excelente gabarito para a época e de propaganda do Amazonas. No Rio, foi principal redator de "O Imparcial", com uma coluna diária sob o título "Sim & Não". Pronunciou, em São Paulo, inúmeras conferências sobre o Estado natal, em 1942. tendo viajado em companhia do ilustre professor Olimpio de Menezes, que, na ocasião, pintava paisagens ilustrativas. Ramayana fez ainda uma série de conferências por convite do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, no auditório do Clube de Engenharia, do Rio de Janeiro. Representou o Brasil, na Argentina, participando da delegação presidida por Alcântara Machado, e esteve ainda em missão jornalística no Paraguai, tendo sido condecorado pelo governo daquele país.

Os dados acima compõem mero resumo cronológico de sua biobibliografia, constituem simples subsídio informativo, sem pretender — nem poderiam — configurar Ramayana como o evoco em minhas lembranças de admiração e saudade. É difícil, quase impossível, fixar no papel, para transmití-la, a impressão deixada, em tão prolongado convívio fraternal, pela exuberância de sua mente curiosa, inquieta, dinâmica, sempre surpreendentemente ágil. Quem o conheceu de perto, ao escrever sobre ele, esbarra no problema de conduzir o texto encomiástico a um tom louvaminheiro e quase piegas, pois, por um lado, à figura do intelectual sobrepõe-se a do amigo impecável e inesquecível que ele também soube ser; e porque a imagem mais nítida de Ramayana só se consegue captar em termos subjetivos de entusiasmo. De entusiasmo amazônico, tropical.

Nossa maior aproximação datou de 1940, quando passei a freqüentar sua casa, na Av. Joaquim Nabuco. A essa época, ele e Neuza, já possuiam dois filhos. Neuza fora minha colega na Escola Normal e é uma grande amiga até hoje. Aos domingos o casal recebia para fartos e memoráveis almoços, com bebida, comida e conversa enquanto houvesse fôlego. E nosso fôlego era enorme.

Ramayana, já Capitão-Médico, inúmeras vezes levantava-se da mesa ou interrompia a palestra para atender clientes pobres, em consultas gratuitas. Para ele, o dinheiro contava apenas para enfrentar as necessidades do dia. Seu diagnóstico era preciso na observação do verminótico, do impaludado, do carente de alimentos. E realmente não gostava de cobrar.

Vaidoso para outras coisas, menos para a destinação vocacional de ensinar e curar, da qual se desviou pela boêmia e pela desambição, Ramayana teria outros pecados, mas nunca o do azinhavramento das mãos. Seu temperamento e seu destino não permitiram que fosse o maior médico de sua terra, nem o maior escritor da Amazônia, sem que, entretanto, lhe faltasse capacidade para tal.

Como também ocorreu com o nosso genial Adriano Jorge, de quem era profundo admirador, Ramayana deixou uma obra escrita desproporcional ao tamanho do seu talento. Ambos circunscreviam a irradiação de seu constante brilhantismo, quase exclusivamente, na arte da oratória, ao âmbito de suas próprias presenças físicas, em eletrizantes conferências, discursos e conversas.

Com sua mente curiosa e em ininterrupta efervescência, Ramayana foi um estudioso dos fenômenos da parapsicológia, em seus vários níveis. Em Manaus, teve a estimulá-lo nesse sentido o prof. Vaz Bassul; no Rio de Janeiro, juntamente com o famoso Yokanaan, promoveu sessões de umbandismo, com surpreendentes resultados. Lá comparecí várias vezes e pude testemunhar fenômenos impressionantes. Mais tarde ele se desinteressou dessas experiências.

Sempre alegre e jovial, Ramayana recebia a todos os conterrâneos com fidalguia, procurando ajudá-los no que lhe solicitassem. Quantas vezes redigia, para outros, discursos, petições, cartas!

Em certa ocasião, eu presente, chegou à sua residência um plumitivo, pedindo-lhe que corrigisse determinado trabalho literário. Ramayana leu, pôs a mão na testa e com benevolência disse ao interessado — "É, vamos transformar isto em **linguagem humana**..." E refez, na hora, toda a peça.

Muitas vezes, a pedido meu, Ramayana colaborou, sem qualquer pagamento, com primorosos artigos de cunho filosófico para o "Boletim Maçônico". Redigia-os no momento, perfeitos, com a maior facilidade e a boa vontade incansável que proclamava a elegância de seu espírito.

Nos dois últimos anos de sua vida, ele se habituara a almoçar, aos domingos, em nosso apartamento da Lagoa, muitas vezes presente meu pai, e a conversa, principalmente entre ambos, constituía para todos nós um deleite. Hoje lamento não ter lançado mão de um gravador para conservar aquelas aprazíveis tertúlias em que se convertiam as refeições. Domingo pela manhã, Ramayana telefonava perguntando pelo cardápio, fazia sugestões de pratos para seu regime e sempre levava frutas para a sobremesa. Durante um desses almoços, havia pouco nos sentáramos à mesa, bate à porta uma jovem muito bonita, tentando vender alguma coisa, livros, talvez. Ramayana, encantado, logo envolveu-a em galanteios inteligentes, finos, de elevado teor, que até a austeridade de Mestre Agnello se transformou em sorriso discreto. A moça acabou almoçando conosco, em dia de vinho de boa marca. A refeição já chegara ao fim, quando, no diálogo, Ramayana casualmente citou um nome conhecido. A "vendeuse" visivelmente perturbada, pediu licença e se retirou às pressas. A pessoa mencionada era exatamente o caso amoroso da jovem...

Quando Ramayana adoeceu gravemente, internou-se no Hospital do Andaraí, onde fui visitá-lo várias vezes, em companhia dos queridos amigos Cosme Ferreira Filho e Nunes Pereira. Quinze dias antes de falecer, ele me entregou seu último trabalho, um artigo intitulado "O Sonho do Marinheiro Morto", cujos originais tenho comigo — peça belíssima em letra caligráfica, sem emendas, texto todo redigido de memória, sem que houvesse um dicionário ou apontamentos

disponíveis — e que foi publicado, em Manaus, um mês depois do seu falecimento.

XXX

O vocábulo **exilarca** (definido por Carlos Aulete como "o chefe das comunidades hebráicas durante o cativeiro de Babilônia") foi revitalizado pelo professor Samuel Benchimol na conceituação daqueles amazonenses promissores que, tangidos pela crise econômica, deixaram seu Estado, durante longo período, para estudar e conseguir trabalho noutras paragens. Muitos, depois de formados nas escolas de ensino superior do Sul, voltaram atendendo ao chamamento atávico. Outros lançaram raízes e não mais puderam voltar. Mas, onde quer que estejam sofrem profunda saudade da terra de origem.

Ramayana foi sempre um exilarca, por todo o tempo em que viveu longe de sua taba.

Poeta instintivo e boêmio, onde estivesse, as noites e madrugadas se enchiam de Amazonas, em imagens ricas, peculiares e espontâneas, transmitidas por um orador de timbre agradável, com entonação precisa, ênfase exata, gesticulação sóbria e pertinente, metáfora colorida, duração adequada ao momento.

Não olvidemos aqueles que dignificaram o pensamento, não esqueçamos aquele Ramayana que, dignificando de maneira tão alta o pensamento amazônico, deste, em certa época, foi o mais acabado protótipo e a mais expressiva síntese.

SONETO

Maranhão Sobrinho
(Para a Gazeta da Tarde)

Mal no horizonte azul arde o brazeiro
Do sol, a filha loura acaricia
E beijando a mulher, desce o mineiro
À profundez da escura galeria.

Trabalha sem cessar o dia inteiro,
Mas, quantas vezes ao correr do dia,
Não lhe passa no olhar, como num pampeiro
De dor, a filha amortalhada e fria!

Mas, nos seus olhos onde a extinta aurora
Do prazer faz o amor a maravilha
De despertar-lhe lágrimas, e chora...

Não lhe roubasse o céu seu anjo louro!
Pois preferia não perder a filha
A encontrar um filão maciço de ouro!

(**Gazeta da Tarde,** 17/03/1913)

TEFÉ

Djalma Batista

Anísio Jobim, no 3º vol. de suas monografias dedicadas aos "Panoramas Amazônicos", fez um estudo sobre Tefé, rico em informações do passado e do presente. Conta que a aldeia foi mudada para o lugar atual, em 1718 por frei André da Costa. E o nome espanhol de Ega foi mudado para Tefé.

No século passado, Tefé tem sido visitado por importantes viajantes, começando por Bates, zoólogo eminente, de nacionalidade inglesa, que veio para o Brasil juntamente com Wallace, aqui separando-se definitivamente. Bates trabalhou em Tefé de 1848 a 1857, sendo seguido na meta por Gonçalves Dias em 1861. Agassiz, que era também zoólogo, embora suiço mas a serviço da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, viajando comodamente em navio posto à sua disposição pelo Imperador, demorou um mês em Tefé: sua coleção está em Boston e é um modelo para a ciência. Na mesma época de Agassiz (que viajava acompanhado da mulher, que relatava o "diário" da expedição), esteve também em Tefé, Tavares Bastos, jovem e ardoroso deputado alagoano, que se fizera defensor da liberdade de navegação do rio Amazonas, e empreendera uma viagem para ver a Amazônia de perto, até Iquitos. Vieram também o francês D'Orbigny e o inglês Lister Maw: o primeiro é autor importante da literatura amazônica, mas sobre Maw não encontrei nenhuma referência, fora a citação de Anísio Jobim, que era homem de muito critério e judiciosidade.

Em 1905, chegou a Tefé o etnólogo e etnógrafo Pe. Constantino Tastevin, que percorreu a Amazônia toda, deixando importantes publicações, entre as quais uma "Gramática da Língua Tupi". Ainda conheci o Pe. Constantino, nos seus misteres sacerdote, só muito

depois vindo a saber de sua obra; a última notícia que dele tive foi uma carta dirigida a Luiz da Câmara Cascudo, sobre Ermanno Stradelli, nos anos 30, já da França,.

Falei em Stradelli, cuja memória admiro muito e sobre cuja vida rumorosa ouço referências desde pequeno. Etnólogo, explorador, linguista e cultor do direito, o italiano Ermanno Stradelli teve a sua vida reconstituida por Câmara Cascudo, num livro precioso, editado pelo governo do Amazonas, em 1936 e em 1966 (30 anos entre as duas edições!). Viveu 43 anos na Amazônia, 11 anos ou 12 dos quais como promotor de Tefé, onde passava os dias estudando, escrevendo e trabalhando, sendo tristemente golpeado pela sorte: ficou acometido do mal de Hansen, numa época em que não havia nem leprosário a que se recolher, vindo a terminar os dias em 1926 na improvisada Colônia do Umirisal (que se situava entre os bairros de S. Raimundo e Bombeamento), assistido pela bondade apostolar de Alfredo da Mata. O grande trabalho de Stradelli, que era um vocabulário da língua geral, só foi publicado após a sua morte, na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro".

Os missionários do Espírito Santo construiram em Tefé colégios para homens e mulheres, de tijolo, e dos que vieram com D. Miguel Barrat (que meu pai considerava um santo), ainda conheci o Pe. Augusto Cabrolié (que tinha sido médico na França e foi, como sacerdote, um exemplo de humildade, cordura e bondade; e o Pe. José Vitor Fritsch, um alsaciano barbado, de grande irritação e intolerância, que foi vigário de minha terra durante muitos e muitos anos. Para o seminário de Tefé, foram levados muitos rapazes da Amazônia Ocidental: um eu sei que se ordenou mas saiu da Ordem, fundando uma Congregação em Santarém, de onde pulou para S. Paulo, último paradeiro que tenho dele. Chama-se Manoel Albuquerque, poeta, escritor, homem de inteligência. Foi o único padre nascido no rio Acuraua, lá nos limites do Amazonas com o Acre.

Vasculhando a minha memória, localizo no município de Tefé, no castanhal "Novo Planeta", à margem do Solimões, as minhas primeiras lembranças da vida. Eu tinha 4 anos quando meus avós, com toda a família e agregados, resolveu-se transferir para Tarauacá,

no Acre, onde morava meu pai, que havia enviuvado dois anos antes. Lá já tinha ido o casal, para apanhar os netos órfãos, que foram por ele criados até a "Idade de estudo", o que significava até a época de virmos fazer ginásio em Manaus.

O que relembro do "Novo Planeta" é muito pouco: a atracação do gaiola "Madeira-Mamoré" e a construção da casa da "Tia Rosinha", que lá enterrara o marido, pedindo para ficar com a família do proprietário, mas não queria deixar o local a que tinha destinado os seus ossos.

Depois, me foi contado (e está documentado em fotografia que ainda guardo), que em Tefé, ou mais precisamente nas "Missões", foi celebrado o casamento de meu pai com aquela que fora o primeiro e grande amor de sua vida, e que muito cedo fora derrotada por uma "febre maligna". Esclareço que as "Missões", na foz do rio Tefé, foi onde se estabeleceram em 1910 os Padres da Congregação do Espírito Santo, depois abandonando pela insalubridade do local, transferindo-se a Prelazia para a cidade de Tefé.

Na cidade de Tefé, nome que vem de "Tapi" ou "Tapé", derivado dos índios Tapebas ou Tapibas, meu avô, que era rábula, passara dois anos, tentando ganhar a vida na advocacia. Não tendo conseguido nada decidiu-se a ser extrator de castanha, na hora aguda da crise econômica, passando 8 anos a lutar, com todas as forças, para sobreviver.

Por tudo isso, guardo por Tefé uma especial ternura, que me tem levado a pensar muito e tanto possível a estudar a sua história. Nunca pude fazer nada pela terra, porque nunca esteve ao meu alcance. Só duas vezes transitei por Tefé, e muito rapidamente: a 1ª, na vinda do Tarauacá para Manaus, e a 2ª pousando num "Catalina" nas águas de seu lago famoso, a cuja margem a cidade está edificada, ao empreender viagem para Iquitos.

Tefé foi em certa época o maior município da Província e depois do Estado do Amazonas, embora date dos tempos coloniais. Dele se separaram Benjamin Constant, São Paulo de Olivença e Fonte Boa, Solimões acima, e Coari, abaixo, e os municípios do Juruá (Carauari e São Felipe, hoje Eirunepé). Ultimamente também se

destacou o município do Japurá, banhado pelo rio cuja foz está quase defronte do rio Tefé, que é afluente do Solimões pela margem direita.

O imenso território foi a princípio trabalhado, no início dos 1700, pelo jesuita espanhol Samuel Fritz, que fundou as reduções de São Paulo de Olivença, Fonte Boa e Tefé. Doente, porém, Fritz foi até Belém, em busca de recursos e lá foi tido como um espião e mandado de volta ao Alto Solimões, com uma tropa portuguesa, prevenido que deveria catequisar apenas nas terras do Vice-Reinado do Peru. As missões foram entregues, a outros padres, destacando-se o carmelita Manoel da Esperança, até que Pombal, rompendo com os jesuitas, tornou impossível qualquer trabalho na área de domínio português.

De Samuel Fritz, porém, ficou o apreço da história, tanto que João Lúcio d'Azevedo o chamou de "apóstolo do Amazonas". Deve-se também a Fritz o primeiro mapa da região, o que já o imortaliza como um grande homem, de espírito aberto à pesquisa, procurando ordenar fatos importantes sobre a geografia e a cartografia da Amazônia Ocidental.

O ESTRANGEIRO NO BRASIL

Arthur Cezar Ferreira Reis

Portugueses e espanhóis, no decorrer do período em que possuíram império nas Américas, realizaram a política da porta fechada, desse modo impedindo a entrada do estrangeiro, suspeito de estar a serviço das potências concorrentes, no caso a Inglaterra, a França e a Holanda, ou de um pensamento religioso contrastante com o católico romano.

É certo que as pretensões daqueles países não foram líricas, pois as tentativas que fizeram possibilitou-lhes a formação de seus respectivos impérios ultramarinos nas mesmas Américas. Os franceses, no caso do Brasil, tentaram na Guanabara, no litoral nordestino e no Maranhão a montagem de estabelecimentos que seriam a raiz daquele império, obstado, porém, pelos luso-brasileiros que, no entanto, aprenderam a lição e ocuparam aquelas áreas da vasta costa brasileira.

Os ingleses, na bacia amazônica, em fins do século XVI, montaram fortins e estabelecimentos comerciais, de que foram expulsos pela ação militar dos luso-brasileiros que tinham sua base de operações no fortim do Presépio, agora a atual cidade de Belém. Os irlandeses, após a Restauração de Portugal, tendo ajudado o rei D. João IV no empreendimento político, pleitearam, como retribuição, licença para fixar-se na Amazônia. Não lograram êxito face à reação das populações e autoridades locais.

Quanto aos holandeses, além das feitorias que montaram também na costa do Amapá e região dos estreitos no vale amazônico e de que só resta o núcleo urbano surgido do fortim entre os Mariccay e é hoje a cidade de Gurupá, no Pará, detiveram em suas mãos grande parte da costa nordestina, desse modo pondo em choque a soberania portuguesa e realizando uma façanha de muitas décadas, mas que não deixou marcas profundas no tocante aos aspectos étnico-culturais.

Depois do Tratado de Menthuen que acorrentou Portugal aos interesses econômicos da Inglaterra, os ingleses começam a infiltração no Brasil. Foram autorizados a ter dois casais em cada porto do vasto litoral, a que chegavam, para comerciar, incorporados seus barcos às frotas portuguesas que faziam a ligação do Brasil com Portugal.

A chegada da família real portuguesa ao Brasil alterou o quadro e a velha política da porta fechada foi ultrapassada, inclusive no tocante à abertura, no que diz respeito aos negócios da inteligência. É que esse fora, também, um capítulo triste da presença portuguesa, que proibira a montagem da imprensa e através de inspeção rigorosa regulou o comércio de livros, política que, inclusive, fez sair de circulação o famoso livro de Antonil, "O Brasil por suas drogas e minas", visto que nele se revelava a realidade brasileira, no potencial econômico de que se revestia e podia provocar a cobiça estrangeira.

A imigração portuguesa, incentivada pelo Estado que a promoveu continuamente, mas no século XVIII, descobertos os veios de ouro em Minas, Mato Grosso e Goiás, de certo modo procurou discipliná-la pois que começava, do Reino, uma corrida àquelas partes do Brasil, o que tornava quase vazia certas regiões do país.

Casais de açorianos e de madeirenses, nos séculos XVI, XVII e XVIII, foram mandados para o Nordeste, Rio Grande e Amazônia. Órfãs, para casamento, também foram expedidas no século XVI: eram as órfãs da rainha, assim chamadas porque viajavam sob a proteção da esposa do Rei de Portugal.

Quanto a estrangeiros, cumpre não ignorar, apesar daquela política externa, no século XVIII quando se tentou fixar as fronteiras coloniais com os territórios de Espanha, técnicos italianos e alemães foram admitidos face à carência de quadros especializados em Portugal, na época.

A exceção, quanto a estrangeiros, começou com o negro africano, que, trazido aos milhões, não sofreu obstáculos, antes foi imigração incentivada e determinada pelo poder público. Na verdade, porém, a imigração livre, com a porta aberta ao estrangeiro, principiou com a presença da Casa Real Portuguesa no Brasil já no século XIX.

O Brasil, à época, pelos cálculos oficiais, teria apenas 4.000.000 de habitantes, que ocupavam o imenso território que haviam conquistado e onde Portugal exercia soberania plena, reconhecida desde os tratados de limites de 1750 e 1777, embora as demarcações conseqüentes não tivessem sido realizadas, plenamente. Essa população compunha-se de portugueses do Reino e das ilhas, espalhadas pelo litoral e interior, sendo as maiores aglomerações deles nas sedes das Capitanias; negros africanos ou já nascidos no Brasil, índios concentrados principalmente na região amazônica e mestiços de brancos com mulheres negras e mulheres indígenas. A população negra crescia continuadamente e se encontrava principalmente nas áreas da mineração e da agricultura tropical, representada pela cana-de-açucar, tabaco e algodão.

Não havia censos regulares. O que ocorria era o inventário de cada Capitania, realizada pelos que as estudavam e registravam algarismos expressivos do contigente demográfico.

A abertura ao estrangeiro, principiando desde o ato que nos pôs em comunicação direta, para as operações do comércio, com o exterior tanto mais quanto o Rio de Janeiro de logo recebeu as representações diplomáticas dos países que mantinham relações pacíficas com Portugal. Foi completada aquela medida, no entanto, pelo ato de 25 de novembro de 1808, quando o Príncipe D. João ao estrangeiro assegurou o direito à propriedade territorial. Os primeiros estrangeiros a se instalarem foram, porém, como é natural, homens ligados aos empreendimentos mercantis, pelo que se instalaram no Rio e principais núcleos urbanos onde havia possibilidades de uma atividade lucrativa.

O início da imigração organizadora ocorreu em 1819 quando se fixou, em fazenda, em Morro Queimado, hoje Nova Friburgo, uma colônia de suiços, que prosperaram e se identificaram com o meio físico e com os elementos humanos das cercanias com os quais tiveram contato harmônico.

A essa altura, a Europa vivia uma fase nervosa. A atração dos mundos novos por explorar e ocupar, os problemas políticos, econômicos e sociais internos, o crescimento demográfico, a tese da superioridade do europeu sobre os outros povos da terra, compunham o quadro

que vai explicar o movimento imigratório intenso que envolveu a Grã-Bretanha, a Alemanha, a Itália, a Bélgica, Portugal e Espanha. Entre 1821 e 1914, 55 milhões de europeus deixaram o continente de origem, dirigindo-se à América, à Austrália e depois à África negra. Os imperativos político e econômico explodiam e passaram a ser os responsáveis pela exportação de capitais e técnicas e de poder militar com a sujeição de espaços disponíveis para a renovação da experiência dos séculos anteriores. O crescimento da população da Europa era visível, o que acarretava problemas de nutrição e mesmo de simples acomodação. O imigrante resolveu, com a saída, seu problema pessoal e os territórios para onde imigrava ganhava com a experiência e os conhecimentos que trazia, embora a maior parcela do imigrante fosse recrutada nas áreas menos graduadas no tocante a conhecimento de alto nível.

A propaganda que se fazia das novas terras, através de companhias que se constituíam com aquela finalidade, e os próprios governos dos países que os desejavam receber, completavam o quadro de atração e do movimento migratório.

Os Estados Unidos, o Canadá e a Argentina compuseram, nessa fase, os pontos de maior atração. Para os Estados Unidos se dirigiam, entre 1821 e 1914, 33 milhões de imigrantes que ali participaram ativamente da ocupação dos espaços vazios do oeste, como pioneiros que ampliaram, com sua presença, a área territorial daquele país e nele iniciaram atividades agrícolas e depois de industrialização, desse modo enriquecendo-lhe o patrimônio econômico, político e étnico-cultural. Na primeira fase desse evento, que vai de 1790 a 1876, predominaram ingleses, irlandeses, escoceses, suecos, dinamarqueses, finlandeses, noruegueses, alemães e austríacos. Na segunda fase, a maior contribuição se encontra nas áreas mais próximas do Pacífico, onde vivia e por onde havia chegado.

O Canadá foi outra parte das Américas que se valorizou com a imigração européia. Entre 1881 e 1902, o algarismo é 1.284.000; entre 1903 e 1914, 2.679.000; de 1915 a 1930, 1.426.643. A princípio esses imigrantes eram ingleses, pois que interessava a Inglaterra ocupar aquele espaço político onde ocorrera a presença de franceses, que

haviam sido os primeiros colonizadores e não aceitavam de bom grado a nova denominação política. Vieram depois norte-americanos e, a seguir, alemães, nórdicos e mediterrâneos. Foram pioneiros na aventura de desvendar e ocupar o oeste, com o que ampliavam o território, desse modo passando a compor, na paisagem continental, novo laboratório étnico-político-cultural e econômico.

Na Argentina, perdida quase totalmente sua população indígena, o contigente de raiz espanhola era detentor do poder político. Ao principiar o século XIX, a população do Vice-reinado do Prata, na parte argentina, não ia além dos 400.000 habitantes. As facilidades que se foram concedendo para atrair mão-de-obra para as atividades econômicas, explicam o movimento de chegada que entre 1861 e 1890 somou pouco mais 2 milhões com a circunstância muito especial de que nem todos esses imigrantes permaneceram no país, havendo mesmo uma saída no mesmo período de pouco mais de um milhão, o que importou na permanência de pouco mais de 800.000. Desses imigrantes, a maioria era de italianos, espanhóis, franceses. De 1901 a 1913, o fluxo cresceu: em 1901, entraram 160.582 imigrantes; em 1913, 417.041. De 1919 a 1930, os algarismos foram: em 1919, 148.754; em 1930, 254.845. De 1931 a 1945, ingressavam na Argentina pouco mais de 2 milhões de imigrantes, dos quais permaneceram no país pouco mais de 100 mil, porção que tomou um aspecto especial se considerarmos que os maiores imigrantes já não eram europeus, mas sul-americanos: bolivianos, chilenos, uruguaios, paraguaios e brasileiros.

Em Cuba, que vivia a grande aspiração da independência ocorreu uma súbita chegada de imigrantes. Eram famílias francesas que fugiam do Haiti ante a dureza da revolução que buscava também a independência da colônia. Essas famílias instalaram-se na região do Oriente cubano, ali iniciando a cultura intensa do café. Mais tarde, para assegurar continuidade à dominação política, Espanha facilitava ingresso de catalães e galegos, a que se seguiu a de chineses que de certo modo eram importados para preencher os claros que se abriam com o movimento de libertação dos escravos negros.

E o Brasil, nessa paisagem étnica em movimento como se comportava? Depois da experiência do córrego seco com os suíços,

que teria sucedido? Ainda sob D. João, duas outras experiências foram promovidas: uma no Espírito Santo com casais de açorianos, já antes usados com sucesso na Amazônia e no Rio Grande do Sul; outra, em 1820, na Bahia, com um grupo de alemães do Hanover, tentativa que malogrou inteiramente. Instalados em Ilhéus, sem sucesso, mudaram-se, iniciando, com êxito, a cultura do cacau. Outro grupo de alemães alcançou sucesso, na base do trabalho do escravo negro, em Viçosa, onde se instalaram em 1818, fundando a colônia que denominaram de Leopoldina. Os passos iniciais estavam dados. Em meio à inquietação política dos primeiros tempos do Império, seria possível atentar para o problema da vinda do imigrante e sua utilização, como mão-de-obra, para enfrentar a economia nacional, que deveria ser orientada para que assegurasse os meios naturais, necessários à existência da nação que iniciava sua vida como área de soberania própria e não mais do povo que a criara quando lhe lançou os fundamentos em três séculos de domínio.

Passando em revista a história do processo migratório para o Brasil no decorrer das décadas do Brasil independente, Fernando Carneiro assim a dividiu: primeiro período, de 1808 a 1886; segundo, de 1887 a 1930; terceiro, de 1931 aos nossos dias.

No primeiro período, a predominância é a dos imigrantes alemães e italianos; no segundo, predominaram os italianos: no terceiro a novidade está no contingente japonês.

Os alemães foram os primeiros a chegar. Além daqueles núcleos a que aqui nos referimos, foram levados para Santa Catarina, Espírito Santo, Paraná e Rio Grande do Sul. Blumenau, como devemos recordar principalmente através de conferência do Conselheiro Edgard Texeira Leite, foi o que maior repercussão alcançou.

Entre 1884 e 1944, chegaram 4.256.982 imigrantes, dos quais o maior contingente foi o de italianos: 1.413.767. Além desses "stocks", nos dois primeiros períodos, comparecem também poloneses, ucranianos, espanhóis, portugueses, suíços, libaneses, além de grupos menores de peruanos, bolivianos e paraguaios, localizados em especial nas zonas de fronteiras, e dois grupos de norte-americanos.

Há uma explicação para o caso dos norte-americanos. É que, com a vitória do Norte, na guerra de secessão, os sulistas inconformados emigraram para o oeste ou deixaram a pátria procurando outros países. Dois grupos dirigiam-se ao Brasil, onde ainda funcionava o regime de escravidão do negro: um fixou-se em São Paulo, onde fundou Vila Americana, hoje um próspero município; o outro estabeleceu-se em Santarém, no Pará, mas fracassou. Sua história foi inventariada magistralmente por Norma de Azevedo Guilhon, no livro intitulado "Conferados em Santarém".

O período que vai de 1884 a 1930 foi de maior relevo no acontecimento migratório, sendo que na fase da primeira grande guerra houve, como é natural, uma sensível queda de substância. As restrições que se faziam ao estrangeiro não eram expressivas. Só, a principiar de 1930, face a condições de emprego e salário, iniciou-se política de restrição que nem por isso impediu a entrada de estrangeiro. A queda do movimento ocorreu mais expressivamente no decorrer da segunda guerra mundial, quando chegaram apenas 18.432 imigrantes.

Segundo estimativa levantada e divulgada por Paul Hugon, em "Demografia Brasileira", de 1820 a 1968 o total de imigrantes ascendera a 5.550.000, dos quais 4.162.000 permaneceram no Brasil. Pelo censo de 1950, havia no país 1.214.184 estrangeiros; pelo de 1960, 1.390.000.

A contribuição dos portugueses cresceu desde que entendimento havido entre os governos do Brasil e de Portugal assegurou condições especiais àqueles.

O movimento migratório, convém registrar, processara-se ora pela ação direta do poder público brasileiro, que o incentivou, ora por intermédio de companhias particulares que coordenaram o movimento, trazendo os migrantes e localizando-os em colônias que organizaram.

O elemento mais novo nesse empreendimento é o japônes, que principiou em 1908 e hoje é expressivo, nesse particular, nos Estados de São Paulo, Pará e Amazonas.

Segundo o registro de Fernando Bastos, em sua "Síntese da História da Imigração no Brasil", os estrangeiros, que viviam no Brasil em 1970 eram: alemães, austríacos, belgas, búlgaros, dinamar-

queses, escoceses, espanhóis, finlandeses, franceses, italianos, iusgoslavos, letões, lituanos, luxemburgueses, noruegueses, poloneses, portugueses, romênios, russos, suecos, suíços, ucranianos, chineses, indianos, japoneses, sul-coreanos, egípicios, iranianos, jordanianos, libaneses, sírios, turcos, paraguaios, uruguaios, venezuelanos, israelitas, austríacos, argentinos, canadenses, norte-americanos, africanos, a que somar ainda peruanos, bolivianos e colombianos.

A presença desse elemento estrangeiro no Brasil não foi sempre cercada de compreensão quanto às condições de vida que teve de enfrentar. O Brasil, até 1888 mantendo o regime de escravidão do contigente negro, era visto na Europa como um país onde a diferença de cor marcava negativamente a vida humana. Essa situação era explicada para impedir que o fluxo imigratório se incrementasse.

Havia, de outro lado, o problema do clima tropical, embora o imigrante europeu na generalidade tivesse sido encaminhado para as áreas do sul do país, onde o calor tem muito menos intensidade, e portanto onde a adaptação se poderia processar com menos dificuldade.

Por fim, as endemias e epidemias de varíola, malária, a febre amarela, eram indicadas como fator negativo para a possibilidade do êxito do imigrante que, nos Estados Unidos e na Argentina, não encontraram aqueles obstáculos.

Toda uma série de episódios momentâneos ativaram, senão uma campanha contra a imigração para o Brasil, mas, pelo menos uma restrição a que se junta o regresso de muitas centenas dos mesmos imigrantes que não se haviam acomodado no Brasil e haviam preferido retornar à pátria de origem.

Quanto à política com relação a esse imigrante, adotada pelo governo brasileiro, de quando a quando caracterizou-se por restrições à ação do imigrante, indo-se mesmo à proibição de sua entrada ou ao estabelecimento de quotas. Assim, para exemplificar, quando, face ao movimento acelerado para a libertação dos escravos, ocorreu a tentativa de importação de coolies chineses, que deveriam substituir os braços dos negros na condição de inferiorização daquele tipo humano, registrou-se acesa polêmica e debate sobre a aceitação daquele "stock"

étnico, de tudo resultando, com o desapontamento dos que esperavam esse novo braço fácil para suas operações agrícolas, em especial o café nas províncias de São Paulo e Rio de Janeiro, o fracasso da iniciativa que, na mesma época, alcançava grande sucesso em Cuba, onde, no entanto, eram tratados como se fossem escravos, como se pode constatar do relatório de Eça de Queiroz, recentemente divulgado. (1)

As manifestações que encontravam na imigração um perigo para a própria segurança nacional, explodindo aqui e ali em épocas várias, consideravam, na presença maior de alemães no sul do Império, motivo para condená-la. Silvio Romero, de certo modo comandando a campanha, em opúsculo que fez época, intitulado "O alemão no sul do Brasil", fez análise rude, violenta mesmo do que considerou um perigo, à vista, que era preciso conter, dado que a penetração alemã no momento em que a Alemanha começava a impor-se e a imaginar a formação de um império ultramarino, seguindo a lição de outros povos europeus que os haviam criado a começar do século XVI. A tese da superiodade alemã sobre as populações brasileiras era proposta, ao mesmo tempo em que se defendia a presença alemã no que hoje chamamos de Terceiro Mundo, que poderia contribuir para civilizá-lo, dado que aquele país, pelo que estava realizando no campo econômico e cultural, tinha direito àquela aspiração. Silvio Romero, inventariando a literatura que já se escrevia naquele país, defendendo aquela operação, pediu a atenção do Brasil para o perigo que estava à vista. (2)

O tempo decorrendo, derrotada a Alemanha na primeira grande guerra, as populações alemães do sul do Brasil deixaram-se vencer pelo meio brasileiro, abandonando o propósito que teriam acalentado de uma Alemanha soberana no sul do Brasil.

Com relação aos japoneses na Amazônia, a denúncia de que constituiriam um perigo à integridade brasileira na região foi feita pelo professor, jornalista e parlamentar amazonense Antovila Vieira, que reuniu num livro seus discursos proferidos na Assembléia Legislativa do Amazonas, intitulando-o "O perigo amarelo na Amazônia Brasileira".

Outras vozes se levantaram em outras partes do Brasil. A tese central era e de que a etnia japonesa permaneceria intacta, sem

perpectiva para, mesmo através da descendência, integrar-se no sistema étnico-cultural do país que a acolhia. A imigração, apesar dessas e de outras reações, não se interrompeu e os resultados não foram aqueles previstos. Ao contrário, os filhos de japoneses são muito bons brasileiros, tão bons quanto os descendentes das outras etnias que chegaram ao Brasil no decorrer das centúrias posteriores à abertura do país ao estrangeiro. É certo que houve momentos em que um nacionalismo exaltado influiu para a adoção de medidas de contenção e de análises dos contigentes que nos buscavam e eram aceitos sob condições. Legislou-se a respeito, principalmente nas horas difíceis dos dois grandes conflitos que assolaram a humanidade.

A legislação que disciplinava a entrada de imigrante visava, principalmente, o que se considerou indesejável, isto é, o portador de moléstias infecto-contagiosas, fossem criminosos, desocupados, exercessem profissão ilícita, dementes, inválidos.

Legislação específica, de outro lado, disciplinava as atividades dos imigrantes. A relação das proibições é longa e começa proibindo ao imigrante a atividade política, o direito de votar e ser votado, ao exercício de função pública, proprietários, armadores e comandantes de navios nacionais, exercer e explorar profissionalmente a pesca e indústrias correlatas, navegação de cabotagem, exploração de recursos minerais e de energia elétrica, ser proprietários ou acionistas de empresas jornalísticas, possuir imóveis na faixa de fronteira, exercer a presidência e demais cargos dos sindicatos operários. Por fim, a lei dos dois terços, que decorreu da necessidade de assegurar solução nos quadros trabalhistas ao operário nacional, livrando-o da concorrência do estrangeiro, permitindo-se a este apenas um terço no quadro do trabalhador de qualquer empresa.

Paul Hugnon, em "Demografia Brasileira", registrou a legislação a que nos referimos assinalando, porém, que as restrições que de quando a quando eram decretadas não importavam numa hostilidade ao imigrante estrangeiro. Os textos constitucionais e as leis consequentes visavam assegurar condições materiais ao brasileiro, muitas vezes menos habilitado para certas tarefas ligadas ao processo de desenvolvimento. Não havia, em consequência, nesse particular, movimento

xenófobo. O sistema de pactos, que foi adotado e era também linha de conduta dos outros países que se beneficiaram da imigração estrangeira, como é o caso dos Estados Unidos, era uma consequência de conjunturas negativas.

Essa política disciplinadora não influiu de maneira a conter o fluxo imigratório de maneira expressiva. Era realizada por três órgãos federais: o Conselho de Imigração e Colonização, no Ministério das Relações Exteriores; Departamento de Imigração, no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio; Divisão de Terras e Colonização no Ministério da Agricultura. Esses órgãos foram fundidos para dar origem ao Instituto de Imigração e Colonização organizado e dirigido por João Gonçalves.

É chegado, porém, o momento de um balanço acerca da participação do imigrante no processo de crescimento do Brasil. Teria sido benéfica a presença ou ela nos proporcionou dissabores e retardou o processo?

O imigrante, em síntese, participou, ativamente, da empresa da expansão territorial, ou melhor, da efetiva ocupação dos espaços vazios dentro da base física já criada no período colonial. Nesse particular, não se pode deixar de registrar um pouco positivo a essa contribuição. Ele foi ao lado dos brasileiros um autêntico pioneiro. Era o mesmo pioneiro da façanha idêntica que ocorria nos Estados Unidos. Fez parte de frentes pioneiras no sul e constituiu elemento ponderável, quantitativamente, para a conquista e colonização de áreas desérticas, e portanto abertas aos que se revelassem mais dispostos e apresentando condições climáticas que de certo modo podiam ser tidas como atraentes.

O imigrante foi elemento expressivo, também, na ampliação da lavoura nas regiões onde se instalou, do mesmo modo por que foi também ponderável no esforço que o Brasil começou a promover para a etapa da industrialização. O imigrante trouxe consigo técnicas que importaram em procedimentos culturais que compuseram o patrimônio nacional, incorporando-se à nova sistemática técnico-cultural.

O balanço dessa contribuição já está sendo tratado. Arthur Ramos, Emílio William, Diégues Júnior, nos livros que escreveram,

realizaram uma primeira avaliação que marca um ponto vigoroso na participação do imigrante na nova caracterização do brasileiro.

Sim, porque essa atribuição é imensa e se pode avaliar, em princípio, na simples referência ao que ela representa. O imigrante deu ao Brasil, através de sua descendência, gerações que assim podemos recordar: prefeitos e vereadores de câmaras municipais, parlamentares estaduais e federais, governadores, servidores de Estado nas várias áreas do serviço público, médicos, advogados, engenheiros, artistas, escritores, jornalistas, professores nos vários graus do ensino, empresários, indústriais, militares das três armas, secerdotes, magistrados, cientistas, técnicos na variada e complexa gama tecnológica. Será conveniente não esquecer que, recordemos sempre, além dos espaços vazios que ocuparam nos Estados sulinos, as colônias onde foram localizados são hoje prósperos munícipios. Três presidentes da República têm ascendência em imigrantes estrangeiros — Juscelino Kubitschek, Emílio Garrastazu Médice, Ernesto Geisel. Por fim, uma referência especial ao elemento português. Legislação específica decorrente de ato diplomático, regulando a situação dos nacionais dos dois países, assegurou-lhes uma posição de exceção, que decorre de razão fundamental — descendemos deles, que nos deram ser com o elemento étnico, a língua que falamos e é inteiramente positivo da unidade nacional.

Cabe agora a pergunta — e o novo Estatuto do Estrangeiro é justo, generoso, reconhecendo a contribuição do imigrante? Nele, não se esqueceu aquela contribuição tão rica? As providências acauteladoras face a perigos ideológicos que o imigrante possa conduzir, são necessárias na dureza dos textos legais?

Os conflitos que ocorreram com a população brasileira a propósito de sistemas de vidas, alimentação, adaptação ao meio físico, religiosidade, manutenção do idioma do imigrante, justificam apesar de episódios do passado, o novo dispositivo legal?

A legislação que vigorava estaria, realmente ultrapassada, sendo necessárias alterações que a tornassem realista face ao mundo novo que vivemos? A revogação daquele dispositivo que garantia ao imigrante casado com mulher brasileira e com filho brasileiro sua

permanência no Brasil mesmo que tivesse sido alcançado pela legislação penal, seria uma providência humana?

A crítica severa que se fez ao novo Estatuto do Estrangeiro levou o governo a assegurar que vai promover a elaboração de outro texto para o que se mobiliza a consciência nacional.

NOTAS

(1) Esse relatório era inteiramente desconhecido e resultou da presença de Eça de Queiroz em Cuba como cônsul de Portugal. Foi agora publicado um prefácio de Raul Rego sob o título "A Emigração como Força Civilizadora", Lisboa, 1979.

(2) Sílvio Romero, mais tarde, em "O imigrante e o futuro do povo Brasileiro", capítulo de seu livro "Ensaios de Sociologia e Literatura", voltou ao assunto, não para denegrir o imigrante, mas para defender uma política que o distribuísse pelo todo territorial brasileiro não permitindo sua localização em apenas esta ou aquela área, desse modo evitando-se o perigo da desnacionalização. Espalhado, o imigrante seria absorvido pelos grupos brasileiros.

(3) A bibliografia a respeito do movimento populacional no Brasil não é pequena. Registramos, porém, os autores e títulos que nos pareceram suficientes. São eles: Fernando Carneiro, "Imigração e Colonização do Brasil", Rio, 1950; Arthur Ramos, "Introdução à Antropologia Brasileira", 2º vol. "As culturas européias e os contatos raciais e culturais", Rio, 1947; Castro Barreto, "Povoamento e população", Rio, 1959; Geraldo de Menezes Cortes, "Migração e Colonização no Brasil", Rio, 1958; Fernando Bastos de Ávila, "L'emigration au Brasil", Rio, 1956; Arthur Hell Neiva, "O problema migratório brasileiro", Rio, 1945; Fernando Bastos, "Síntese da História da Imigração no Brasil", Rio, 1970; Paul Hugnon, "Demografia Brasileira", São Paulo, 1973; Octavio Ianni, "Raças e Classes Sociais no Brasil", Rio, 1966; Manuel Diégues Júnior, "Etnias e Culturas no Brasil", Rio, 1976; Thomaz W. Merrick e Douglas H. Graham, "População e Desenvolvimento Econômico no Brasil, de 1800 até a atualidade", Rio, 1981: Arthur Hell Neiva, "A imigração na política brasileira de povoamento", Rio, 1950; Arthur Hell Neiva, "Aspectos

geográficos da imigração e colonização do Brasil", Rio, 1947; Manuel Diégues Júnior, "Experiências e perspectivas de assimilação cultural dos imigrantes do Brasil, Rio, 1954; Manuel Diégues Júnior, "70 anos de imigração japonesa", in Carta Mensal nº 266, Rio, 1979; João Batista Borges Pereira, "Italiano no mundo rural paulista", São Paulo, 1974; Martins Nicoulin, "La genese de Nova Friburgo", Friburgo, 1978; Jean Roche, "A colonização alemã no Rio Grande do Sul", no Espírito Santo,", Rio, 1949; Emílio Wiliams, "Assimilação e populações marginais no Brasil", São Paulo, 1946; Emílio Wlliams, "A aculturação dos alemães no Brasil", São Paulo, 1940; Aguinaldo Dias Uruguay, "A demografia na evolução do Brasil", Rio, 1957; Clark S. Knowton, "Sírios e Libaneses", São Paulo, 1970; Francisco Pittinati, "O elemento italiano na formoção do Brasil", São Paulo, 1939; Lourival Câmara, "Estrangeiros em Santa Catarina", Rio, 1940; Franc Ceni, "Italianos no Brasil", São Paulo, 1075; Carlos Fouquet, "O imigrante alemão e seus descedentes no Brasil", Curitiba, 1974; Hiroshi Sairo, "O japonês no Brasil", São Paulo, 1961; Hiroshi Saito e Maeganna Takaski. "Assimilação e integração dos japoneses no Brasil", Petrópolis, 1973.

De minha autoria, registro o curso que ministrei em 1948, aos candidatos ao Intituto de Migração e Colonização, organizado pelo DASP, intitulado "história da Imigração e da Colonização no continente americano", Rio, 1948.

Para a política oficial com relação ao estrangeiro, é fundamental a Revista de Imigração e Colonização, publicada pelo antigo Conselho de Migração e Colonização.

Quanto à corrente mundial de migração, são fundamentais: H.A. Citroen, "Les migrations internacionais. Un probleme economique et social", Paris; Max Sorre, "Les imigrations des peuples", Paris, 1955; René Gonnard, "Essai sur I'histoire de I'emigratinon", Paris, 1928; René Martial, "Traité de I'emigration et de la greffe internacional", Paris, s/d; Luis Dollot, "Les grandes imigrations humaines", Paris, 1946; Unesco, "Apontamines positives de les imigrations", Paris, 1955.

O 9 DE NOVEMBRO NO CALENDÁRIO HISTÓRICO DO AMAZONAS

Almeida Barroso

Data de memoráveis evocações nos fastos históricos do Amazonas, o 9 de novembro propicia aos amazonenses uma vigília cívica, que os faz relembrar uma sucessão de lutas, de anseios sempre avolumados pela liberdade da sua terra e pela autodeterminação administrativa, fora da tutela vizinha do Grão Pará.

A adesão da então Capitania de São José do Rio Negro, naquela data e no de 1823 representou, de fato, para o objetivo separatista dos seus filhos, já na senda do entusiasmo e em busca da conscientização da sua luminosa destinação histórica, um passo decisivo na consecussão do objetivo que só alcançaria, contudo, 27 anos depois. E por uma coincidência feliz, como frizou recentemente neste mesmo recinto, em brilhante conferência, o renomado historiador amazonense Arthur Cézar Ferreira Reis, essa tão almejada separação foi atingida com a aquiescência patriótica dos próprios paraenses.

Trata-se, realmente, de uma data cara aos amazonenses e que enseja, como afirmei de início, a lembrança de fatos, episódios marcantes da sua tumultuosa história, profundamente definidores das glórias do seu passado tais como, numa fixação regressiva, a partir da arrancada inicial.

1) O Desenvolvimento, no qual se inserem as duas primeiras memoráveis expedições: a de Gonçalo Pizarro e Orellana, entre 1539 e 1542; e a de Ursúa e Aguirre, em 1561, onde se desenrola o episódio pitoresco e passional de Inez Atiense.

2) A expedição de Pedro Texeira.
3) A atuação dos missionários.
4) A expedição de Pedro da Costa Favela.

5) A criação da "Capitania de São José do Rio Negro", em 1755.

6) A elevação do Amazonas à categoria de província, como corolário daquela adesão; e, finalmente, já neste século.

7) As comemorações do centenário da referida adesão, em Manaus, ocasião em que o grande amazonense, notável político e consagrado orador que foi Alvaro Maia pronunciou, no suntuoso Teatro Amazonas, sua gloriosa "Canção de Fé e Esperança".

AS DUAS PRIMEIRAS EXPEDIÇÕES

A descoberta do território amazonense se verificou durante o chamado **Período Espanhol**, por intermédio das duas grandes expedições antes referidas: a de Gonçalo Pizzaro — Francisco Orellana e a de Pedro de Ursua — Lopo de Aguirre. Francisco Pizzaro, governador do Perú, havia sido informado sobre a existência de imensas riquezas nas florestas situadas além de Quito. E com a colaboração do seu irmão Gonçalo Pizzaro, organizou uma expedição para a exploração dessa rica região.

É interessante, para se ter uma idéia do tamanho material dessa expedição, que possa também servir como advertência à tendência simplista de aceitação fácil do aprendizado cinematográfico, comum nos nossos dias, que se aponte algumas cifras.

A expedição, organizada pelos irmãos Pizzaro, era constituída de 340 soldados, com 150 a cavalo; de 4.000 índios recrutados das prisões e de pessoas da sociedade peruana. Armas, munições, cães de caça e 4.000 cabeças de ovelhas e porcos a completavam.

Saiu do Perú em 1539, partindo da cidade de Quito, pelo Natal, sob o comando de Gonçalo Pizzaro, ao qual se juntou depois Francisco Orellana, como seu lugar-tenente.

Depois de atravessar a Cordilheira dos Andes, começaram as decepções e cada vez maiores eram as amarguras da viagem face às intempéries, inclusive o frio intenso, que matou muitos índios. Ao atingirem uma região chamada "País da Canela" as decepções se

avolumaram. E quando chegaram ao rio Napo, Gonçalo Pizzaro resolveu voltar e foi então que Orellana decidiu-se a continuar viagem, descendo o rio que ele mais tarde daria o nome de Amazonas.

AS AMAZONAS

Comandando um pequeno veleiro com uma tripulação de 56 homens e mais os religiosos Frei Gaspar de Carvajal e Frei Gonçalo de Vera, Orellana atravessou a planície amazônica, até atingir o oceano Atlântico. E durante a viagem, nas duas margens, foi descobrindo deslumbrado vários afluentes, dando ao rio Amazonas inicialmente o seu nome. Ao chegar à foz do Nhamundá, a 22 de junho de 1542, se lhe deparou e aos demais companheiros a maior surpresa da viagem: o ataque partido de bonitas mulheres, brancas, altas e de cabelos compridos, que com suas velozes flexas não davam trégua aos seus homens. Vendo nessas guerreiras as Amazonas lendárias, não hesitou em mudar o nome do rio portentoşo para o de Rio das Amazonas.

Depois, Orellana prosseguiu viagem até atingir o Atlântico, daí partindo para a Espanha onde, com Frei Carvajal, fez o relato do maior feito da sua viagem — a descoberta das heróicas **AMAZONAS:**

Convém lembrar que autores famosos puseram em dúvida a existência das **amazonas,** dentre os quais se situam Barbosa Rodrigues, Alfredo Ladislau, Raimundo Morais e Gonçalves Dias, que esteve em Manaus em 1861. Em seu favor, todavia, dando crédito à mirífica fábula, se colocam grandes nomes, como o são Akexandre von Humboldt, Carlos Maria de la Condamine, Karl von Den Steinen e Olavo Bilac este, é certo, pontilhando sua crença com algumas dúvidas.

Como quer que seja, a existência real ou fantasiosa das **amazonas, amerígenas** passou a constituir-se numa fonte de amáveis lembranças no rendilhado da história da conquista do solo amazonense.

A EXPEDIÇÃO PEDRO DE URSÚA-AGUIRRE

Novamente a fixação das cifras. 11 navios, dois veleiros, 9

barcos, 30 homens d'armas de 2.000 indígenas. E mais 500 cavalos. Da expedição partipavam também duas mulheres — a linda viúva Inez Atiense, que Ursúa convidou para acompanhá-lo e uma filha de Aguirre. Ambas, como era de supor, pelo menos num raciocínio a posteriori, iriam se transformar no pomo da discórdia da viagem, despertando paixões e ciúmes em integrantes da comitiva. E provocaram, inclusive, o assissínio de Pedro de Ursúa por Aguirre e a revolta dos soldados.

Depois de assassinar seu companheiro, Aguirre assume o comando da expedição, que fez o mesmo percurso de Orellana, descendo o rio Amazonas até atingir o oceano Atlântico. Mas antes, o atrabiliário Aguirre matou também sua própria filha, seguindo depois para a Venezuela onde foi morto por desafeto, pagando assim pelos seus hediondos crimes.

OUTRAS EXPEDIÇÕES

Depois das duas primeiras, antes citadas, muitas outras expedições de reconhecimento e posse do Amazonas, já no século XVII, o percorreram, todas partindo do Pará. Dentre elas, destacaram-se a chefiada por Pedro Teixeira, que subiu o rio Amazonas até atingir Quito, no Perú, em busca do ouro e da chamada **droga do sertão** e a de Pedro da Costa Favela. Ambas tiveram de enfrentar a ferocidade dos índios e a dureza do meio ambiente. Mas contribuíram para revelar o território amazonense, sua extensão, suas possibilidades.

Aquelas expedições eram também chamadas de **sertanistas** e dado a posição hostil aos índios, notadamente pela atividade das chamadas tropas de resgate, destinadas a aprisionar os selvagens para utilizá-los como força de trabalho, começaram a ser julgadas por eles espoliadoras dos seus domínios. Foi o sentimento de defesa nativista, todavia, que produziu Ajuricaba, o bravo e heróico índio, símbolo amazonense da resistência à opressão invasora dos redutos indígenas.

OS MISSIONÁRIOS

Uma menção especial, já na fase que antecedeu a atividade

daqueles sertanistas, bem assim durante o seu pontificado de lutas contra os selvagens, merecem os missionários **jesuitas, mercedários** e outros cujo empenho na catequese dos índios, com o banho lustral de humanismo cristão que davam em todos os figurantes da cena de apossamento e conquista do território amazonense, foi da maior importância no desenvolvimento da emergente unidade federativa.

A CAPITANIA DE SÃO JOSÉ DO RIO NEGRO

Em 3 de março de 1775 deu-se a realização do sonho que vinha sendo acalentado pelos amazonenses desde a época do movimento pela posse do território nortista. Foi a fundação da Capitania de São José do Rio Negro, que é a raiz da história do Estado do Amazonas. Daí por diante, a Amazônia de então deixou de ter um só governo, com sede em Belém do Pará. Acentue-se, porém, que o grande propugnador dessa conquista amazonense foi Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Sua instalação verificou-se em 7 de maio daquele ano, na vila a que se deu o nome de Barcelos. O seu primeiro governador foi Francisco de Melo Póvoa. Mas é interessante lembrar que o governante da Capitania de grande atuação administrativa foi Manuel da Gama d'Almada.

O 5 DE SETEMBRO DE 1850

A Capitania representava, todavia, apenas um grande passo em relação à conquista maior por todos almejada: a da elevação do Amazonas à categoria de Província. Esta vitória, depois de muita luta, teria lugar em 5 de setembro de 1850, sendo de justiça ressaltar nessa luta figuras como D. Romualdo Seixas, João Candido de Deus, João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, bem assim a cooperação do governo do Pará. Sua instalação se verificou em Manaus, antigo Lugar da Barra, de 1° de janeiro a 27 de agosto de 1852, sendo seu primeiro governador o citado Tenreiro Aranha.

A ERA DA LOUVAÇÃO

O significativos episódios aqui sintetizados da história do Amazonas, como contribuição à homenagem prestada por mais um ano da sua adesão ao **7 de setembro**, por uma exigência de tempo deixa

omissos uma congerie de fatos igualmente importantes e palpitantes inscritos no seu contexto.

Mas o que não é possível deixar de ressaltar, ao ensejo da sua evocação é o poder estimulante de louvação da gente amazonense perfeitamente conscientizada das tradições da terra cabocla.

Daí o estrépito, a vibração extraordinária, a mobilização de espíritos que os festejos comemorativos do **primeiro Centenário do 9 de Novembro,** ocorrido em 1923, provocaram em Manaus, tendo à frente o então jovem e predestinado amazonense Alvaro Botelho Maia. A ele se deve, de fato, como contribuição pessoal, a maior homenagem já tributada àquela data, que foi a sua imorredoura "Canção de Fé e Esperança", discurso pronunciado em nome da mocidade no suntuoso Teatro Amazonas. E foi um discurso de tal modo fixado, com letras indeléveis, nos anais da história do Amazonas, que hoje é difícil, senão imperdoável, deixar de associar aquela Canção e a figura de Alvaro Maia às comemorações do **9 de Novembro.**

A ele, portanto, dedicarei o final deste trabalho, reportando-me a alguns tópicos de um artigo que escrevi logo após sua morte. A ele, o autor da esplendorosa "Canção de Fé e Esperança", que já no seu pórtico, como um convite à esperança e ao sonho, dizia:

"Somente o esplendor desta hora febril, de gratidão e de oração, reuniria aqui este oceano tumultuante, em que as vagas tomaram formas humanas e, espelhando ao fulgor, elevam um cântico de vitória, misturando em suas espumas e em seus gemidos os vultos de ontem e de hoje, confundidos na voz das idades em prol dos luminosos destinos deste berço verde, geratriz de civilizações".

Disse eu, a certa altura daquele meu artigo: "O Amazonas acaba de perder, não resta a menor dúvida, um dos seus vultos de dimensões mais ilimitadas. Perde um grande homem de letras, um orador de linhagem excepcional, um político que encheu com a sua personalidade marcante grande fase de sua história, enfim um dos seus maiores filhos em todos os tempos. Sua morte, como é comum, nos conduz à revisão de sua obra e a uma conceituação diferente daquele que fazíamos sob a influência de idéias perturbadoras do crivo crítico,

enquanto ele viveu e projetou a força da sua irradiante personalidade no grande estado nortista.

No plano propriamente literário, quer no tempo em que a militância político-partidária e as atividades administrativas absorviam-no, quase por completo, quer nos últimos anos de vida, Alvaro Maia foi sempre portador de um devotado amor às letras, às quais procurou servir com a fidelidade de um predestinado.

E depois que o estadista, cansado pelos sucessivos e trepidantes embates eleitorais, diante, também, de inelutáveis imperativos históricos e biológicos, se viu conduzido a uma posição de participação mais discreta na política de sua terra para assistir, por assim dizer e para usar uma expressão sua — **as águas rolarem,** com maior lazer sobrando-lhe para as labutas do espírito e as atividades propriamente intelectuais, ressurgiu no homem amadurecido e provido de notável experiência humana a preocupação dominante pelo pontificado das letras através de uma constante produção literária. Foi nessa fase, realmente, que ele consolidou seus méritos como literato, numa consagradora justificação do seu antigo galardão de intelectual de excepcionais merecimentos.

Sua morte representa, sem qualquer condescendência ao chavão comum, uma grande perda para o Amazonas, ao qual ele serviu, ininterruptamente, por mais de meio século, com predestinação telúrica, inscrevendo vitoriosamente seu nome na galeria das suas figuras representativas, com aquela marca dos homens providenciais de que falavam Carlyle e Emerson".

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

ELOGIO SENTIMENTAL DOS BICHOS AMAZÔNICOS

(Entre a Biologia e o Folclore)

Manaus, 1982

— Por mais que alguém admire o forte e torça
pela violência, ele nem sempre ganha.
Invés do mito olímpico da força
o prestígio é de quem cultiva a manha.

I

A Onça e o Tapir

— Astuto e suspicaz, pisando manso, o gato
espreita no recesso a exuberante anta.
São antigos rivais, mas no espesso do mato
o tapir pela força a traição suplanta.

Ligeiro como sói ser o felino, no ato
de curvar a cerviz a presa, arranca e planta
no dorso as puas curvas, sanguinário e exato,
enquanto os dentes cruéis se cravam na garganta.

O que baquear primeiro ao termo desse prélio
terá selada a sorte, entanto que o ginete
não curva sob o peso enorme no cachaço.

A cada golpe de um o outro logo repéle-o
e não cedem, — este à dor dos pinços no gasnete,
aquele — à dor dos paus lanceados no espinhaço.

II

— Como um diabo escanchado em cima de outro diabo
disparam os dois, à uma, alvoroçando tudo...
Não há obstáculo para a correria, e ao cabo
um deles cairá, é a regra desse ludo.

A onça, nessa viagem atormentada, o rabo
retorce no ar, nervosa e inquieta, pelo crudo
cibo que foge audaz. A anta sangra e seu babo
fia em finos listéis, mas reage, contudo.

A luta começou feroz, afugentando
os bichos, que a anta escapa a trote largo, astuta,
preferindo os locais onde haja pau caído.

Estrepitosamente a mata estruge e é quando
por sob um tronco, arfando, a bicha esputa
a fera, — que cai de crâneo contundido.

II

O Tapir e a Sucuriju

I

— À visão descuidada e ao faro inútil, o rolo
sugere inofensiva e cândida liana
de grossura normal. No entanto a fome e o dolo
estão à espreita ali onde a malícia engana.

A lei da selva impõe-se e para o forte impô-lo,
ao feroz estatuto, é necessário a gana
que justifica o fim — destruição do mais tolo.
A existência requer tragédia cotidiana.

A serpe vigilante e má aguarda a presa
paciente e inerte, até que a vista em braza acesa
revele o cibo — a anta — opulento bocado.

O duelo de titãs requer a força, apenas,
luta viril que exclui os fracos e os alfenas,
e em que o mais forte às vezes tomba e é devorado...

III

— As coisas não ocorrem ao modo que se pensa,
de maneira constante e sem variedade.
O equilíbrio é rompido às vezes e compensa
o comprido sartel sangrento de crueldade.

A onça quando ataca a anta em selva densa
pode a melhor levar — talvez fatalidade
que se repete aqui e ali na série imensa
de episódios brutais, por mera edacidade.

Mas se o fato acontece à beira dágua, a anta
não hesita nadar e arrasta para o fundo
o incômodo pixé com suas manhas véreas.

Na água a onça tem medo — embora nade — e a tanta
fidúcia não se atreve. Ei-la de volta ao mundo
amargando o mergulho e espirrando misérias...

II

— Solidamente presa a cauda a um pau, a cobra
lança o bote certeiro à presa descuidada.
Agora encolhe e puxa, elástica: outra dobra,
as escamas chiando, aumenta a espiralada.

O ritmo do aperto é lento mas a obra
de constrição não pára. Ouve-se o silvo, a cada
acocho a fera aloja a baba espessa; sobra
apenas a porção da cauda retesada. .

A luta se decide a favor do tapir
que resiste ao sufoco exasperadamente,
a tromba no ar foliando, a fungar e a mugir...

A movente espiral constringe e o galho entorta,
mas a medula rompe, afinal, e a serpente
vencida afrouxa os nós e pende bamba e morta.

III

A Sucuri e a Inambu

I

— Porque assim concertou a Natureza, a vida
decorre dia a dia entre sustos e festas:
ora o grito de dor de uma alma ferida,
ora os cantos de amor, as líricas serestas...

Os homens que afinal tomaram todas estas
extensões como exemplo, o fizeram havida
a inspiração do fato e as estórias ou gestas
nada são, posso crer, que uma lição fingida...

Por isso o drama cruel vivido no recesso
da selva é sempre um drama absurdo e sigiloso,
nem visto e nem ouvido assim por toda gente.

O fato não é lenda e nem a lenda é excesso.
O fraco paga um preço assaz graúdo e odioso
pela vida que teve, ao forte onipotente.

II

— No galho pousa insonte a ave pressurosa
à procura do par que ainda não sabe aonde...
Pia de vez em quando a chamá-lo, amorosa,
indiferente ao mal que próximo se esconde.

Sucurimanjando a serpente alerta. E donde
pousou, a inambu sente a sensação viscosa
de que não poderá fugir... e voa, a fronde
abandonando a piar numa queixa nervosa...

O fascínio brutal dos olhos da serpente
atrai cada vez mais a pávida inambu
que resistir não pode e pia tristemente...

O baque surdo estanca o grito aflito. Escorre
o sangue sobre o sangue ainda quente e cru
— resto do par que foi da avezinha que morre...

IV

A Onça e o Jacaré

I

— Pois é, doutor, existe aquela história mesmo
do jacaré cangica e da onça magana.
Posso lhe garantir que foi andando a esmo
que deparei com o causo e a mim nada me angana.

Era pela manhã, deixa ver, meu torresmo
acabara e pensei armar uma pascana.
Apenas um carão, talvez caçando lesmo,
viajava pela praia, ao léu, na ilha Adana.

Jamais acreditei que houvesse covardia
num bicho que na água é temido da onça
e que no seco espanta a muitos animais.

Mas é isso, doutor, aconteceu que um dia
tive pasmo de ver aquela geringonça
de que jamais na vida esquecerei, não mais...

II

— Estendido ao comprido, a frente para o rio,
soberbo jacaré de cor escura, um macho,
devia estar dormindo, aproveitando o estio
da manhã de dezembro ali na praia, eu acho.

Com pouco ela chegou gatipisando... Agacho.
O lagartão podia escafeder, mas ví-o
aceitar sem mexer-se a companhia e o escacho
na cauda, — esse pitéu pra ela um amavio...

Pasta rosnando o rabo todo e o simposiarca
não reage à tortura ignominiosa quando
o sangue em profusão a terra mole encharca.

Satisfeita, ela parte. E ele deixa-se estar,
mas se um bicho acercar-se o mutilado, urrando,
em vão tenta o cotoco em sangue rabear.

III

— É sumamente inglório o fim do grande sáurio
após o sórdido repasto... A alternativa
à escolha é má. Qualquer que seja ela é um cáurio:
inútil fica o roaz quando do órgão se priva.

Se busca a água perde a ação e entra à deriva,
atraindo seu sangue as feras, como em táureo
espetáculo a capa. E em breve tempo a viva
carcaça mostrará ao pálio azul e áureo.

Se ficar, que miséria! a atroz gangrena a cauda
restante vai comendo e o resto, e a podridão
acena à bicharada ativa. Ei-los em rauda...

Acaba, vivo ainda, o monstro, na espurcícia
do seu próprio banquete aos vermes. Irrisão!
E os negros urubus se alegram com a notícia..

V

O Bem-te-vi e o Gavião

I

— Nem sempre o fraco é acepipe do mais forte,
parece ser a lei compensativa, o esquema
da Natureza, o seu dogma fiel, e norte
que o equilíbrio dê para o ecossistema.

Tem-se visto que a força, a ligeireza ou o porte
não são valores tais nem solução extrema.
Que tremam os fracos, sim, mas têm a mesma sorte
os predadores, tanto impõe-se esse dilema.

Pequenos animais às vezes ganham nome
pela maneira como esquivam-se da sanha
do inimigo movido ao ato pela fome.

Em suma, que é que faz do tímido o agressivo,
ou capaz de ganhar a luta pela manha?
— O instinto de defeza é inato no ser vivo.

II

— De bico de navalha e garras lacerantes
o gavião não recusa a presa que ambiciona,
peixes, insetos, cobras, vermes, avoantes,
sobre que cai precípite no ar ou à tona.

Ataca e come viva a presa, e o resto abona
à ávida prole oculta em árvores gigantes.
Não respeitam o quintal, o aceiro, a estreita zona
guardada pelo cão — suas garras filantes.

Mas foge de pavor do bem-te-vi gaiato
que o segue em vôo picado a torturar-lhe o crâneo,
de que escapa subindo ou ocultando no mato.

De negaça em negaça ataca a ave em frema
a cabeça do falco adoudado, em que dâne-o,
— e era uma vez na vida um gavião panema....

IV

O Iacamim — mordomo do terreiro.

I

— Arauto do terreiro, arrogante e galhardo,
o iacamim parece a ave mais estranha
da fauna alada. É mesmo, acredita-se, em manha
a mais inteligente e esse conceito guardo.

Na lenda ele foi gente, um pouco estróina e bardo,
e no alto rio Negro existe uma montanha
que conserva a estória, estória que arrebanha
os causos em que o deus teve o seu triste fardo...

Iacamim é assunto às vezes prioritário
das conversas de sala, em família a quem serve,
porque exerce também funções de secretário.

Do desempenho dessa esquipática ave
tem-se o ventriloquismo, além daquela verve
com que acolhe as visitas, como um criado grave.

II

— São conhecidas mais algumas das virtudes
do pássaro-trombone, o iacamim mimoso.
À arribada a uma casa o bicho acorre airoso
e executa um ritual de passos e atitudes.

É o dono do quintal, e sem que as aves rudes
o impeçam, ele alimenta os pintos, carinhoso,
traz ovos de bem longe e acrescenta, cioso,
ao ninho. É mediador de brigas e de grudes.

Mas tem seus calundus. Quando implica com alguém
é mau agouro, dizem que a aversão revela
premonição. É não aceita a paz de jeito algum...

Por isso ele é estimado e creio não há quem
o rejeite por guarda. É que uma ave tão bela
foi gente quando o mundo era um jardim comum...

VII

A Paca e a Sucuri, velhos amigos

I

— Amigos pode ser que se aventurem a sê-lo,
mas negócios à parte, é o que ensina o brocardo.
No entanto a gente sabe, ou vê, em como o zelo
entre animais é exemplo exposto e sem resguardo.

A hiena segue o leão, não a agride o leopardo,
e fatos desse teor entre nós vem a pelo:
permite o jacaré — o bronco felizardo,
que aves limpem à dentuça os restos com desvelo.

Essa afeição se pode achar em outros bichos
como o boi que de pé acomodado espera
que os fúnebres anus lhe comam os carrapatos.

Atos desse jaez não são meros caprichos
de momento, talvez. Talvez até na fera
exista um lado bom que justifique os fatos.

II

— Na cova estreita e escura, à beira dágua, os dois
habitam como bons, tradicionais amigos.
Nenhum deles pretende afugentar-se, pois
a paca e a sucuri são compadres antigos.

Dessa afeição, notada há muito entre eles, sois
descrente, assim o creio, em face dos perigos
que corre a paca — sem defesa — mas depois
vê-se não ser a vida apenas dor, castigos.

O fato de o covão partilharem os dois juntos
só explica que haja um termo ainda controverso,
comportamento igual para os demais da classe.

Não seria afinal de admirar que assuntos
dessa ordem tivessem epílogo diverso
e a cova devoluta um dia se encontrasse...

VIII

O Arapaíma e os Alevinos

— O amor materno ocorre entre as espécies ditas
inferiores,mas nem sempre é certo a sua
extroversão pelos bebés. As contraditas
existem e há fatos, uns, em que a mãe não atua.

No arapaíma o sentimento é franco e estua
diante do perigo. E sob suas vistas
os alevinos vão atentos sem que u'a
manobra falsa afáste-os das maternas pistas.

Onde e como o comando exsurge, se o perigo
boiar de sopetão? O fato é que o magote
desaparece, sus! na boca da matrona.

E até que cesse o alarme ali funciona o abrigo.
Todavia ninguém inda soube que escote
para o alerta da prole imensa funciona.

II

— Não assim acontece a outros animais
como a cobra, o inseto, o sáurio e o testudo,
em que os pais não se obrigam para os filhos mais
do que o trabalho de deitá-los fora e é tudo.

Pode ver-se a lacraia a carregar no escudo
meia dúzia dos seus; a aranha, por demais
abjeta, endoidecer se perde o ovo. E contudo
alguns filhotes são comidos pelos pais.

Nos insetos o esquema é diferente: à fêmea
apenas cabe os ovos expelir e o resto
a sábia Natureza ajuda a completar-se..

Por que essa falha? Existe o erro ou é blasfêmia
supor que Deus jungiu o fraco ao seu funesto
dever de geratriz por tão pífio disfarce?

IX

Dos Guaribas e seu comportamento social

I

— Já viste um bando alegre de guariba em plena
selva, ou à margem do rio. Eles possuem normas
de proceder, e o caso a muitos não acena
à inteligência pura. Se a isso te conformas,

é justo perguntar à lógica serena
se o cérebro animal apenas rege as formas
de movimento físico. A observação condena
o que em instinto, só, ó sábio, tu transformas.

Da súcia, vigilante, um guaribão destaca
o corpanzil de atleta, o pelo cor de fogo
dissimulado em meio à profusão de versas.

É a sentinela, o esculca, e a ele cabe a saca
do alarme contra o que perturbe o sono ou o jogo
das gentes por aqui e por ali dispersas.

II

— Se acaso relaxar naquele nobre posto
a que é admitido — uma honra e um dever,
chance nenhuma tem, de a gosto ou contragosto,
ao castigo da praxe, e mau, sobreviver.

Dão-lhe pancada os machos brabos, fica exposto
a mordeduras, sem perdão. De parecer
é que as fêmeas também se inclinem, por suposto,,
ao desprezo geral que o precito há de haver.

Expulsam-no da chusma e é crível que o proscrito
não ache outro recurso, além do que lhe é destro,.
do que estar a mercê das feras, como um trolha.

O seu fim é bem triste: fêmea alguma ao grito
do sexo atenderá na hora do cio, e o sestro
ofertará sensual ao macho que ela escolha.

X

A Aranha assassina

I

— Hedionda e má, abjeta a repulsiva, a aranha
caranguejeira é um ser que só o inferno gera.
Do porte de u'a mão humana, tão estranha
desgraça é mais voraz do que outra qualquer fera.

Ásperos picos todo o corpo alastram, a esfera
de repulsão crescendo em nós e até assanha
desejos de acabar com a estirpe da megera,
excrescência animal de impiedosa artimanha.

Assassina eficaz, repelente estafermo
que habita a casa, habita o mato, habita o ermo
e quando morre em si bichos desovam apenas...

porque o aspecto infunde asco e náusea e vômito,
e ela carrega a imagem atra e fiel de indômito
demônio a se arrastar dos bredos das geenas...

II

— O asqueroso animal de aparência medonha
como certos velhacos — pode, nuns repentes
traiçoeiros, agredir as aves, a peçonha
inoculando. Assim fará com as serpentes.

Não come a carne crua, empregando uma ronha
para torná-la toda em líquidos vertentes,
esse drácula atroz, do seu reino a vergonha,
porque lhe falta a ação dinâmica dos dentes.

Com o palpos suga a polpa mole e o sangue chupa
com requintado gosto, oito olhos corruscando.
Depois, repleta, vai empós de outras façanhas.

Se é fêmea, deve o macho ter cuidado: em drupa
decomposto será algumas vezes, quando,
sem coito, inocular-lhe a vida nas entranhas.

XI

A Cigana — mãe heroína

I

— Falamos de outra feita a respeito de aspectos
maternos e não foi incluída a catingeira,
aturiá nomeada, um fóssil vivo, e os etos
normais dessa ave oriunda da estação primeira.

O gavião não perde uma visita à beira
do rio, ao ninho onde ela oculta os prediletos
famintos pelo cibo. E assim, queira ou não queira,
à mãe cabe velar pelos rebentos netos.

Como não voa largo e nem os feios polhos
podem o vôo levantar, ela recorre a extremos
para salvar da morte ingrata os seus pimpolhos.

Lança-se à água e os pobres, úmidos e tontos,
vingam subir usando os membros como remos,
ponosamente alando desde os grossos contos...

II

— E asssim sucede se outra vez a fome leva
o falco a expor-se ao esporão que ela conserva
na extremidade da asa desde a era primeva
e que aciona quando o inimigo a enerva.

Vive em bandos de seis a dez e só se seva
de grãos com que alimenta a fétida caterva.
Tem habitato exíguo em que a função longeva
de nascer e procriar sedentária observa.

Nem sempre do naufrágio a ave escapa, e é sorte
se consegue vencer a força da corrente
e de bubúia achar um ramo que a suporte.

Filhotes de carona, ao léu, preso entre feixes
de capim tem-se visto, o que não é frequente,
e acabam na dieta estúpida dos peixes...

XII

A Onça e o Tamanduá-bandeira e suas relações amigáveis de genro e sogra

I

— Abraço de tamanduá, diz o caboco,
convidativo gesto é de algum marmanjo:
aparenta intenção seráfica de arcanjo
que ocultasse a vileza em coração matroco.

Do formicívoro cerdoso a carne nem a troco
de ouro ninguém a quer, mas não dispensa o manjo
quando o pega à traição a onça, que é arranjo
do estômago rosnando há vários dias oco.

Todavia não o come a bom comer, dispensa
o sobejo ao tatu, ao furão e ao abutre
que acodem em procissão à pútrida carniça.

É a lei da selva, é, e vença quem na vença
a vida continua e o forte que se nutre
do fraco também tem a sua vez na liça.

II

— Triste da fera se atacar o inimigo
em falso, sem resguardo, apenas confiada
nos músculos, na força ou no tamanho, ousada,
mesmo que a fome a impila à busca do mastigo.

O pacato lambão de térmitas e amigo
de banquetear-se a sós nos formigueiros, nada
teme apesar de sonso. Evite-se a canhada,
o bicho irado muda, é um volante perigo.

Atracando-se à onça, embora ela o maltrate,
enfia-lhe os punções no dorso e ou por entre
as costelas e tíra-as fora desde as costas.

Não há como escapar, a fera urrando abate,
as vísceras em sangue escapando do ventre,
e rolam em rolo horrível palpitando expostas.

III

— Porque o tamanduá vencer a onça logra
não é questão a decifrar; informa a lenda
que os dá por imistados: ele, a ogra,
linguaruda; ela (a onça), o genro de encomenda.

Daí que o genro com a sua meiga sogra
pretenda, mão à mão, acabar a contenda.
Mas pelo visto a branca paz sempre malogra
por uma causa que passou a ser colenda.

A sogra sempre foi, em saboroso estilo,
demônio azul que inferna a vida dos casados
e dela se ocuparam as cronações pristinas.

Por isso foge de abraçar a coisa, aquilo,
o genro carniceiro, só por trás, cuidados
mantendo à força contra as unhas assassinas.

XIII

A Ariramba meteorologista

I

—Se ao filho desta terra — o caboco amazônico,
é dado uma noção primária da ciência,
se deve mais à ajuda de um mentor biônico,
do amazoníndio só a lúcida experiência.

Milênios e milênios de total vivência
com a Natureza pura e sábia foram um tônico
depurador, terapêutica, nobre essência
que lhe deram inclusive a chave do ctônico.

Do índio recebemos o enciclopedismo
que a alma nos prende a formas de comportamento
aprendidos aos bichos naturais da terra.

A ariramba — uma ave ribeirinha, crismo
de sabidona e astuta pelo sentimento
que sua exata previsão de um fato encerra.

II

— Nos beiradões de greda (táua) — a ariramba
nidifica em covões, mas a aspereza a mãe na
sua solicitude acama em leve paina,
sólido abrigo para a filharada zamba.

O alimento ela o tem nos peixes, sua faina
materna. E o dia inteiro, até que o sol descamba,
entra e sai, vai e volta, alteia e desce bamba,
toda malabarismo empós da comezaina.

Mas se pressente — e ela o pressente! — que a enchente
vai inundar seu ninho, asila-se mais alta
e é certo vir a encher o abrigo precedente.

Por isso o natural observa a ave e saca
verazes conclusões, e sabe o quanto falta
de água para inundar o soalho da barraca.

XIV

A Louva-a-Deus, monja hipócrita

I

— Quem na vê ajoelhada e humilde, diz: "— Parece
mística soror, concentrada monja pálida
a dizer para Deus a compungida prece
cheia de amor e paz, inocente crisálida..."

De fato assim se cuida e acreditamos válida
a escópica impressão que aos nossos olhos viesse.
No entanto, engano cego! aquela pose esquálida
é versátil no amor como os entorses do esse...

Ali está o exemplo ordinário de quanto
atitude piedosa de emoção e pranto
ou o estado interior de uma alma nos engana...

A hiprocrisia e a falsa fé são epinícios
do mal, a chave infame da esperteza, os quícios
que portas triplex abrem a luxuriosa gana...

II

— Não acredites nela e no seu pífio nexo
de orar. Ou se ora a deus, é um deus da sua escolha.
Seu mimetismo é a prova: imagíne-a uma folha
à espera de saciar a exigência do sexo.

Espera, a canibal, e o seu mundo complexo
reflete-se no prisma que há em cada bolha
do olho. A atitude falsa muda quando encolha
as patas e o inseto apreende no amplexo.

Se o macho assume é com cuidado. O abraço prende
o protórax esguio que a seresma gótica
decepa na serrilha. O horrível é que além de

decapitado, continua o idílio, e cresça,
enquanto a fera vai banqueteando a exótica
e trágica hediondez do amante sem cabeça...

XV

O Gambá — vulgo mão de seda

I

— Não sei qual a razão, e cabe um bom protesto,
porque o gambá é dado ao reprochável vício
da intemperança. Mas espera-se, de resto,
que exista explicação pra tal pendor letício.

(Entre ele e o instrumento indígena, resquício
de antigas religiões, há um nexo, que atesto,
e creio que o gambá, que passa por honesto,
como deus viveu bem com pouco sacrifício).

O homem descobriu, e disso faço alardo,
que gambá sabe bem tratado a molho pardo
após ser removida a nauseabunda glândula.

Prato dos deuses, sim, é sarigué de forno.
Essa carne é melhor que outras cheias de adorno
e ante ela Savarins desfiaram a camândula...

II

— A fêmea tem marsúpio onde a ninhada mole
sobrevive a mamar antes de que se afoite
e saia a defender o estômago de noite
e da sombra da mãe cuidadosa descole.

É grato aos olhos vê-la exercer o controle
dos filhos e a um bom e cândido pernoite
levá-los de carona. E o bando que se acoite
no lombo. E assim viaja acomodada a prole.

O amor materno do gambá quer ser romance
e só te..nina quando a todos ela abona
a alforria e acede a novo matrimônio.

Se não fosse a inhaca e aquela performance
de lunfa contumaz, bem que a senhora dona
gambá estaria a prol do conceito inodêneo...

XVI

A Onça pescadora

I

— Pois andando é que cobra engole sapo, ensina
a sã filosofia aqui da terra: e os mestres
que a cultivam têm nela a mais rendosa mina,
exemplos e lições que vêm dos seus ancestres.

Por isso é que o caboco em si se contamina
da conduta animal dos seres mais silvestres:
não importa que as vejas tal como uma sina
e que nelas teu gênio ou a ambição adestres.

Tem fama a onça de velhaca. E ela prova
que sim, se a fome a impele à frente, resoluta,
e com ela aprendeu o índio. A velha história...

A inteligência é [illegible] mas empregá-la é nova
aquisição e est[illegible] quem enfrenta a luta
pela sobrevivê[illegible] pelo amor e a glória.

II

— Achega-se matreira, em plena luz do dia,
à água, geralmente em sítio não profundo
que ela escolhe a seu gosto, um tronco. Lá no fundo
peixes circulam à mão, conforme a comedia.

Agacha-se e observa atenta. Ás vezes poderia
de uma mãozada — lap! — atormentar o mundo
de barbatanas, mas nem sempre lhe é fecundo
esse tipo banal de estulta pescaria.

A técnica empregada é a de bater muponga:
com a ponta da cauda ela golpeia a tona,
fazendo crer que o choque é o fruto ou a semente.

O tambaqui voraz acode e a boca alonga.
A canha entre em ação e a rápida tapona
atíra-o em terra a rabear inutilmente.

III

—Do índio ao tapijara e destes aos modernos,
a lição natural aproveitou bastante:
o osso do peixe-boi polido e o barbante
a placidez da água inverteram em infernos.

O tucumã e a seringa são hodiernos
recursos, que uma flecha certa e sibilante
ajuda, oferecendo à fome ou à excitante
prova os alvos que são os mesmos sempiternos.

Tucunarés e tambaquis, de outros à frente,
se melam pelo fruto ou a noz que do alto cai:
o côncavo ruído os perde fatalmente.

Mexeriqueira é assim, de anzol de linha longa,
depois que o tucumã, um par, à água vai.
No fundo é a mesma coisa — a arte da muponga.

XVII

O Japlim (Iapiim) — rei dos linguarudos

I

— Na família psitaco os animais que ainda
sabem falar, ou imitam a voz humana,
são o papagaio e a cacatua, esta vinda
do Oriente como adorno. O iapiim os irmana.

É um pássaro cantor que o ninho arranja ao fim da
galhada, uns sacos longos que o terral abana.
Não tem medo de gente e ao abrigo ele guinda
comida do quintal e outras de sua gana.

Constrói o ninho sempre onde há casas de caba
e ninguém descobriu por que: se pelas larvas
ou para defendê-lo dos ladrões parrudos.

Aprende facilmente o que ouve vir da taba
ou da casa da vila. E entre as aves tão parvas
ele passa por ser o rei dos linguarudos.

II

— Jogral da selva, o esplêndido iapiim de ledo
aspecto arrasta o fado que a si mesmo obriga
de respeitar a um pássaro. Estória antiga
conta que o iapiim do tamburí tem medo.

Quando os bichos, outrora, sem nenhum segredo
da fala original viviam, houve briga
entre os avós dos dois, por certo feia intriga:
que arremedava o iapiim do outro o canoro enredo.

O tamburí valente ao iapiim canalha
abriu o peito — e o bico inda possui vermelho —
firmando o seu prestígio à custa da intrigalha.

O iapiim, que na arte de imitar é o tal,
mantêm-se fiel ao bom e patriarcal conselho
de não arremedar jamais o seu rival.

XVIII

O Urubutinga — higienista, agente funerário e escritor

I

— De passo tardo, calva à mostra, e de rabona,
esse negro escrivão da prefeitura
anda pela cidade a olhar, de zona em zona,
onde há restos mortais pra sua sinecura.

Localiza a carniça a uns mil pés de altura
e desce com as correntes de ar, ou abandona
a ajuda, as asas sia e pica, o espaço fura
na pressa de chegar e não passar por fona...

Urubu é malandro e aquela sua ginga
inspirou o maxixe nacional de antanho
que andou mexendo o rabo à raça brasileira...

Limpa-ruas sem paga, quem é que te vinga
do esquecimento, quando outros o gordo lanho
desfrutam, a capital deixando na esterqueira...

II

— Urubu quando nasce é branco como a neve
dos alcantis azuis que seu mano palmilha,
o côndor, que de branco apenas tem golilha,
do sarcorranfo cruel que a tudo audaz se atreve.

Do abutre diz-se o mesmo e até do corvo escreve
um poeta — Poe — aquela excelsa maravilha...
Mas do urubu ninguém diz nada e até cuspilha
e o trata como a um pária que se nutre em seve.

Mas o filhote vinga-se e podrido vômito
deslancha quando alguém se acerca do seu ninho,
em represália a tantas e cruéis pilhérias.

E ele próprio, a crescer, muda de cor, e atônito
desconhece o pretume, e o frocado de arminho
se tisna na razão das ceias deletérias.

III

— Há cem anos atrás (talvez mais longe!) o agente
da cultura emprestou à arte e à ciência
concurso expresso com fuligem e mordente
e as penas da ave morta em cruda diligência.

Tudo o que o homem de outras eras tinha em mente
escrever ou traçar, fosse ou não fosse a essência
da razão, do direito, inevitavelmente
ao cálamo cabia a forma e a eficiência.

Atos públicos de escribas (as provas tíve-as),
letras de damas amorosas, guais de pobres,
quem a idéia quisesse em regras por a nu,

teria que aceitar, invés das plumas níveas
do cisne, mais custosas, de aparências nobres,
— as negras penas das remiges do urubu...

XIX

O Tamaquaré — pajé criador

I

— Dos sáurios que possuem liames com o passado
diluviônico, esse aqui é mestre em criações.
Supera seus parentes próximos de um lado:
calango e sinimbu que são meros vilões.

Tamaquaré foi dantes, contam, estimado
pajé, e ainda hoje o couro é aceito em promoções
ligadas ao amor. Na planta transformado,
o óleo é requerido em filtros e poções.

Quem não tiver em casa o bicho em qualquer forma,
embalsamado ou o couro apenas, se defenda
dos feitiços usando talismãs pastichos.

Em irresistível, belo moço ele transforma
qualquer velhote desprezado e a sua lenda
garante-lhe o prestígio entre todos os bichos.

II

— A lenda explanatória informa, entre outros lances,
que às bodas com o tapir ele criou a rede
que o tucano teceu com lianas e com o que de
melhor pedia a arte para tais romances.

O tucano, depois do árduo trabalho e trances,
de cachiri andou matando a baita sede
até que à língua deu — nhenhém — e agora vede:
os homens o segredo houveram com as nuances.

O sáurio continua armando a rede — um mimo —
elaborada à base de matéria prima
que arranja aqui e ali e amassa com saliva.

Quem no tiver, ao amuleto assaz opimo,
não sofrerá da sorte má nem essa grima
que atormenta o ser vivo e a alma de gozo priva.

XX

O Uirapuru — cantor e feiticeiro

I

— Creio que exista um modo, um meio ou uma estética
do fascínio animal, desde que vimos antes
a onça e a sucuri usarem dessa rética
astúcia contra a presa: os olhos fascinantes.

Poder igual foi dado ao homem, embora a herética
opinião recuse admitir. Probantes
são os bíblicos eventos em que a epilética
assume um grau divino entre os plebeus confiantes.

Que outros bichos possuem a dimensão hipnótica
capaz de sujeitar a espécie, ou mesmo o estímulo
da voz, segundo crê-se em oradores natos,

não causa espanto e a mim não me parece exótica,
o que é de admirar talvez, conforme vímo-lo,
é que aconteça o episódio em nossos matos.

II

— O uirapuru é um pássaro enfeitado e o termo
explica exatamente isso; mas a fêmea
não tem beleza, é de um verde escuro enfermo,
enquanto o macho tem policromia boêmia.

Isso o ajuda a reter em volta, quando no ermo
executa o programa, aos animais. E tême-a,
a voz do Orfeu divina, aquele que outro sermo
vocal a ela impede emparelhar-se gêmea.

Dizem que quando canta (e a voz quer ser eclética)
atrai os animais de toda espécie, menos
quadrúpedes que excedam ao seu pequeno porte.

Também a afirmação ocorre simpatética:
o belo da ave explica aos crentes mais serenos
porque, como amuleto, atrai pra nós a sorte.

II

— Uiuara é o boto preto ou vermelhinho. O sangue
fareja, ao catamênio. É por causa disso
que se proibe à fêmea nesse estado exangue
andar à beira d'água, o que é encontradiço.

Também deve evitar roupa encarnada, zangue
porventura a cunhã que aprecia o derriço.
O bicho tem o mês igual à fêmea e langue
se entrega à macharia em fresco reboliço...

Tem-se visto o escarcel, a turbulenta briga,
dezenas de animais lutando pela fêmea,
que o sestro à tona d'água o amor sexual instiga.

Esse dom João do rio é pior que Lovelace:
responde até no juiz pela avidez boêmia,
que o código civil proibe se ultrapasse...

XXI

Uluara — o Lovelace da água

I

— Entre os golfídeos brincalhões, o nosso boto
com um grande e popular conceito mítico arca,
conceito milenar, em todo caso imoto,
que toda a região amazoníndia abarca.

É de ver-se a porção se rebolando, a marca
do luzidio dorso à tona, e a frol o broto
da cuca, onde ele tem o furo do ar... Exarca
no rio a função de súcubo caboto.

Dizem que o tucuci é o pai da vida aquática
e salva, quando pode, os náufragos das goelas
de tubarões e piraíbas e piranhas...

Luta contra o vermelho — a velha pragmática —
e vênce-o, porque é o gênio bom daquelas
regiões de mistério e de lendas estranhas...

III

— Su o buto tucuci — disse o entrante moço,
e a cunhatã levou para a maqueira armada.
Durante toda a noite ouviu-se o alvoroço
dos esses nas escápulas — sensual toada...

Nado o sol, sobrevém a fresca madrugada
e a vida esplende ao sopro do ar vernal; o sobrosso
das coisas materiais reflete a luz ansiada
e a selva e o rio e o ar, tudo adquire esboço.

Apenas na água mansa, a boiar, o chapéu,
feito da folha argêntea e verde da embaúba,
do víndico noturno acusa o rastro, ao léu...

Nove meses depois o ventre expulsa o nu
produto de uma noite. Indagada, a mucuba
ingênua diz à mãe: — "Fui buto qui butu..."

XXII

O Bicho Homem

I

— O mais venal dos bichos, porque pensa e age
segundo seus padrões antigos e modernos
é o Homem — chame-se ele Brutus ou Lesage,
Quasímodo ou Platão, famosos, sempiternos.

Criador e mago, artista e poeta, a ambage
do verbo causa tanto horror aos doces, ternos
ouvidos de um canário estúpido que reage
de mesmo que o troar de Pluto nos infernos.

Não se desculpa nele o senso da maldade
ao lado do esplendor divino dos seus versos
que abrem clarões de sol na densa claridade.

E contudo esse deus que desafia espaços
não sabe dominar os ímpetos perversos
que explodem da alma infame em négros estilhaços.

II

— A cadeia da vida exige o derrelito
como fórmula vil de sustentar o mundo.
Todos se entredevoram, de hora em hora há um grito,
uma lágrima, o mal do ódio animal oriundo.

Dessa exigência fátua o Homem fez seu mito
que é vezo cultivar de segundo em segundo,
por isso fere e mata, acrescentando ao rito
o prazer do tripúdio e o riso nauseabundo.

Ridículos troféus são cabeças e peles
de animais que nem sempre mereceram a morte
nas horas de ócio vil que esses heróis consomem.

À distância matou, com a astúcia dos imbeles,
a fera que enfrentar temeu tendo a má sorte
de encontrar esse bicho que se chama — HOMEM.

CÔNEGO WALTER GONÇALVES NOGUEIRA

A ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS presta neste recanto de sua revista uma homenagem póstuma ao acadêmico que era entre os pares um dos mais preclaros membros. Escritor, professor de filosofia e sacerdote de largo tirocínio, o padre Walter Nogueira deixou uma lacuna no âmbito da inteligência amazonense onde seu talento fulgurava com humildade mas perenemente. De formação eminentemente humanista, com cursos de Direito na nossa Faculdade e em Roma, além de outras extensões universitárias, o falecido acadêmico ainda primava na oratória e na cátedra que ilustrava. Digno amazonense, soube conquistar um amplo círculo de amizades em sua terra e no exterior em virtude dos seus dotes de simpatia e de cordura, de humildade e de respeito mesmo àqueles com quem teve de terçar armas por um direito sadio que defendia.

Registrando o passamento do Cônego Walter Gonçalves Nogueira, o fazemos com a tristeza de quem perdeu na realidade não somente um companheiro de sodalício mas um membro da diretoria, um membro eficiente e laborioso. Paz à sua alma.

LIVROS

O livro do Acadêmico João Chrisóstomo de Oliveira, titulado CONTOS E DESCONTOS, edição do Centro Gráfico do Senado Federal, recentemente lançado em Manaus, no Instituto de Educação do Amazonas, está sumariado em treze estórias distintas. Possui páginas inteligentes e, no lançamento, mereceu do Acadêmico Homero de Miranda Leão erudito juízo. Eis o que o autor nos diz em Duas Palavras:

— "Sou do povo humilde e preciso comungar com esta gente através do conto. Eis porque me aventuro ao "Era uma vez...", para dizer à minha gente o protesto de admiração por essa gente amada pelo que ela sofre, pelo que ela sonha sob a opressão dos que não a querem sonhando, dos que não a querem vencendo... / Mesmo sem vitória completa, minha gente, receba o meu protesto de estima e admiração, com a fantasia dos meus "contos" e a realidade dos meus "descontos" contemplados nos seus sofrimentos que um dia hão de ser amenizados..."

***

Dentro em breve, Violeta Branca, lançará, na Academia Amazonense de Letras, o seu novo livro de poesia — REENCONTRO. Figura das mais criativas do nosso amazonologismo poético, honra-nos pela cultura e pelo talento, pelo glebarismo que a tornou, no Rio de Janeiro, onde reside, incondicional defensora da sua terra, glebarismo que ela associa gentilmente aos versos. Violeta Branca é nossa representante efetiva na Federação das Academias de Letras do Brasil e assídua frequentadora das movimentadas sessões semanais daquela casa, onde costuma ler suas produções antigas e modernas, fazendo presente sempre o nome do Amazonas.

***

Mais uma vez, no que nos explica com grandeza e compreensão, já agora no segundo tomo da HISTÓRIA DA CULTURA AMAZONENSE, o erudito Mário Ypiranga Monteiro, merece nossos aplausos e

louvores. Num estilo sugestivo e atilado, dificilmente encontrado nos historiadores, firma-se, sempre mais, no conceito dos seus leitores, como o pesquisador consciente de fatos positivos e realista clarividente. Atualizado na teoria da história, na literatura nacional e internacional, sua vasta biblioteca não deixa de enriquecer-se quase diariamente com aquilo que as livrarias de Manaus e do Sul expõem. Quem desejar firmar um conceito mais definitivo a respeito desse assunto leia seus últimos livros FASES DA LITERATURA AMAZONENSE e FATOS DA LITERATURA AMAZONENSE, este já esgotado e com larga distribuição no território nacional.

Para nós, Mário Ypiranga Monteiro se completa e ficará e permanecerá compreendido e definitivo na sua obra máxima planejada para cinco volumes, da qual, já agora, aguardamos o lançamento do segundo em composição nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial, mandado editar pelo Dr. Aldo Costa, Secretário de Educação e Cultura.

Mário Ypiranga Monteiro continua em evidência, apesar de haver nascido no "princípio do século" e atualizado na ciência moderna e nas pesquisas de campo. A Imprensa Oficial está produzindo mais dois livros do erudito amazonense — FESTAS DE SANTOS, ROTEIRO DO FOLCLORE AMAZÔNICO'; 3.º volume mandados editar pela SUFRAMA, superintendência do Dr. Rui Lins. DONA AUSENTE, poema de sua adolescência, já está em circulação.

Continua obtendo sucesso nos meios literários do país o livro do Acadêmico João Mendonça de Sousa sobre Camões e de vez em quando o autor recebe uma carta de leitor abalizado. Consta inclusive que professores universitários estão fazendo leituras e análises do livro com os alunos, não em Manaus, é claro, em São Paulo e noutras capitais.

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DO AMAZONAS

RUA LEONARDO MALCHER, N.º 1180 TELEFONES: 232-4177 — 232-4176 — 232-4175
232-0772 — TELEX (0922) 441 — MANAUS-AMAZONAS — Governo: PAULO PINTO NERY

Quadro de
Sócios Correspondentes

PARÁ — D. Alberto Gaudêncio Ramos, Conêgo Ápio Campos, Georgenor Franco, A. Napoleão de Figueiredo, Aláudio Melo, Maria Anunciada Chaves
MARANHÃO — Antônio Bona, João Freire Medeiros.
CEARÁ — Carlos Eduardo Rocha
RIO GRANDE DO NORTE — Veríssimo de Melo
ESPÍRITO SANTO — Renato José Costa Pacheco
SANTA CATARINA — Doralécio Soares
PARANÁ — Vaga
RIO GRANDE DO SUL — Dante de Laytano
PARAÍBA — Vaga
PERNAMBUCO — Vaga
ALAGOAS — Vaga
SERGIPE — Vaga
BAHIA — Vaga
RIO DE JANEIRO — Aristéo G. Leite, Cônego Jorge Ô'Grady de Paiva, Clovis Barbosa, Odilon Lima, Petrarca Maranhão, Rosalina Coelho Lisboa Larragotti, Tristão de Ataíde, Moacir Paixão, José Luíz de Araújo Neto, Jorge de Rezende, Alberto de Rezende Rocha, Alberto de Brito Pereira, Lúcio Fiúza, Moacir Dantas Cavalcanti, Luíz de Miranda Correia, Wilson Brandão e Silva, Igrejas Lopes e Claribalte Passos.
TERESÓPOLIS — João Oscar do Amaral Pinto
NITERÓI — Oder Poggi de Figueiredo
BRASÍLIA — Lázaro Baumann
MINAS GERAIS — Merolino Correia
SÃO PAULO — Mário Barroso Ramos, Abguar Bastos.
MÊXICO — José Romero Alzate
PARAGUAI — Vaga
URUGUAI — Jaime M. Baodécio, Augusto Montesdeoca Galagorri.
CHILE — Vaga
PERÚ — Vaga
COLÔMBIA — Hermes Paixão e Silva (Amazonense)
VENEZUELA — Vaga
ARGENTINA — Masta Blache, Félex Colluccio.
ALEMANHA — Wilhelm Giese
JAPÃO — Vaga
PORTUGAL — Vaga
ESPANHA — Vicente Garcia de Diego
ITÁLIA — Vaga
ÁUSTRIA — Vaga
HOLANDA — Vaga
FRANÇA — Raymond Cantel
CUBA — Antônio Iraizoz
DINAMARCA — Vaga
BOLÍVIA — Vaga
SUÉCIA — Henry Wassén

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM